GUSTAVO BARROSO

Memórias

O CONSULADO DA CHINA

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

CAPA
Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Carlos Alberto Dantas

Patrocínio:
Federação das Indústrias do Estado do Ceará

FIEC

GUSTAVO BARROSO

O CONSULADO DA CHINA

3° VOLUME

(3° EDIÇÃO)
(Com Notas de Mozart Soriano Aderaldo)

UFC
CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL
2000

Barroso, Gustavo
Memórias de Gustavo Barroso. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.
(Coleção Alagadiço Novo, 250)
206p.
1 - Barroso, Gustavo – Memórias. I - O Consulado da China.
II. Título.

CDD - 928.69

NOTA

A presente edição de *O Consulado da China*, de autoria do escritor Gustavo Barroso, constitui o 3º tomo das MEMÓRIAS do eminente escritor cearense.

O texto está enriquecido com Notas do escritor e historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, nome da mais alta expressão das letras cearenses, extraídas da copiosa bagagem literária divulgada em preciosos livros de sua autoria, como, por exemplo, *História Abreviada de Fortaleza*, *Crônicas Sobre a Cidade Amada* e também nas revistas do Instituto do Ceará e Academia Cearense de Letras.

Referidas Notas enriquecem a 2ª edição do livro publicado, pelo governo do Estado do Ceará – MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO, contendo *Coração de Menino*, *Liceu do Ceará* e *Consulado da China*, obra essa hoje completamente esgotada.

Com o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará, as três obras serão reeditadas pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, separadamente e em meses sucessivos.

Importa ressaltar que, para maior enriquecimento dos volumes, terão de ser conservadas as Notas divulgadas na segunda edição do Governo Estadual, em consonância com os entendimentos mantidos com a família do saudoso escritor.

Acrescente-se que a iniciativa dos editores colima o alto objetivo de divulgar na atualidade, entre os jovens estudantes cearenses do curso fundamental e das escolas superiores, o gênio do nosso eminente conterrâneo, membro ilustre da Academia Brasileira de Letras e patrimônio imprescindível para a cultura cearense.

Agosto de 2.000

Os Editores

Quando um homem percorreu metade de sua carreira e, voltando-se para dentro de si mesmo, conta as ambições que abafou, as esperanças que arrancou e todos os mortos que leva enterrados no coração, então lhe aparecem, juntas, a magnificência e a crueldade da natureza.

TAINE

SUMÁRIO

I

II

III

IV

V

I

O SERTÃO E O CARNAVAL

À memória de meu primo e amigo
João Licínio Nunes

O DESCOBRIMENTO DO SERTÃO

Meu padrinho, o capitão Antônio Leal de Miranda, revelou-me o sertão. Sempre levei à bulha sua sovinice, mas devo, em verdade, confessar que teve grande influência na minha formação espiritual. Viajado e com alguma cultura, conversava com fluência e graça. Veterano do Paraguai, enchia-me os ouvidos de episódios da luta em que tomara parte. Conhecedor profundo da vida sertaneja, ensinou-me a observá-la e repetia-me contos, lendas e cantigas. Sinceramente o admirava.

Um dos grandes criadores da ribeira do Banabuiú, possuía ali cinco fazendas vizinhas, com açudes e boas pastagens: Condado, Cruxatu, Lagoa, Curral do Meio e Barra do Valentim, quase todas a cargo de velha família de vaqueiros fiéis: os Caetanos. Meu padrinho comprava bezerros, garrotes e novilhotes em outras ribeiras, criava-os, engordava-os e vendia os bois, ganhando muito com isso.

Seguia para o sertão no começo do ano. Voltava em abril, antes dos *fins d'água*. Em janeiro de 1907, pela primeira vez me levou consigo. Eu tinha estado gravemente enfermo e precisava de ar puro e de bom leite. Deixamos Fortaleza ao amanhecer, no trenzinho chocalhante da Estrada de Ferro de Baturité. Por volta de meio-dia, chegamos a essa velha cidade, na estação do Tipuiú(1), onde almoçamos no hotelzinho de Dona Sinhá, muito conhecido e muito freqüentado naquela época.

Ao entardecer, depois de termos passado pela cidade de Quixadá, com sua edificação baixa no meio de altos morros de granito escuro e a linhazinha de bondes que levava ao grande açude do Cedro, desembarcamos na estação do Juá,

1 – Na realidade, Putiú. Deve ter sido grafado, como se acha, por erro de revisão ou datilografia. – M.S.A.

atualmente crismada em Floriano Peixoto. Do Juá ao Cruxatu ou ao Condado contavam-se mais ou menos oito horas a cavalo. Meu padrinho, muito gordo e pachorrento, para evitar as horas de sol quente, gastava dois dias, arranchando-se pelo caminho. Desta vez levaria mais, pois trazia consigo, além do afilhado e do sobrinho Chico Miranda, uma filha natural, a Jaci, seu marido, o pintor Paula Barros, e dois filhos do casal, uma de mama e outra de uns três anos.

Em casa dum mulato velho chamado Antônio, esperava-nos um portador da fazenda com os animais de carga e de sela para a viagem. Comemos uma galinha cozida com pirão, sorvemos um café pálido e montamos. O sol começava a esconder-se por trás de alto paredão de pedra, enfeitado de cardeiros e catolezeiros, que se erguia junto à pequena estação, dominando a vasta planura sertaneja.

Meu padrinho queria que dormíssemos na fazenda do Taboleiro Grande e repeliu as instâncias do mulato Antônio para que ficássemos em sua casa. Não, não, era muito pequena, não acomodava aquela gente toda. Só se eu e o Chico quiséssemos dormir debaixo de frondoso mulungu que ensombrava o terreiro. Mas podia vir chuva. Não, não, o melhor era ir tocando. E partimos.

O mulato Antônio, que conheci nessa tarde de janeiro, há trinta e três anos, merece referência muito especial.

MEU CHEIRO

Sua casa ficava a cerca de trezentos metros da estação, onde o trem parava ao pé da serrota cortada a pique. Na planície agreste, algumas habitações alvejavam entre árvores raquíticas, rodeadas de cercados. As de palha confundiam-se com o chão cor de tijolo e com a sépia dos matos ressequidos. Andava-se algum tempo pelo caminho que levava à fazenda do Taboleiro Grande. Quando se chegava a uma curva brusca, entre umas rizeiras, na lombada de terra de onde se avistava o vulto imponente da Serra Azul, via-se a casa do mulato Antônio aninhada à sombra do mulungu.

A mais hospitaleira da redondeza. Quem buscava as fazendas entre os rios Quixeramobim e Banabuiú até Cachoeira(1) e os Campos do Oriá, chegava ao Juá pelo trem da tarde e nela dormia, esperando a manhã para prosseguir viagem. O mulato guardava no cercado os cavalos dos viajantes, despachava suas bagagens, arranjava-lhes pagens e arrieiros, fornecia-lhes café e alimentação. Embora paupérrimo, não tinha em mira unicamente o dinheiro. Se lhe davam uma gratificação, recebia-a prazenteiro. Se não lhe davam, não fazia cara feia e servia da mesma maneira.

Sempre que fui às fazendas de meu padrinho nos últimos tempos passados no Ceará, chegava de tarde ao Juá e dormia naquela casinha, tanto na ida como na volta. Tornei-me assim amigo do mulato Antônio.

Ele fora escravo e vivia com uma mulher branca, estragada pela idade e pelos maus-tratos. Não devia ter sido feia, mas as marcas de bexiga a desfiguravam. Passava o tempo na cozinha e quase nunca aparecia no copiá. Dessa união esdrúxula resultara um filho único, mulatinho claro, desempenado e nada feio, que o pai chamava com derriço:

– Meu Cheiro!

1 – Solonópole, desde a reforma administrativa de 1943. M.S.A.

Aquela mulher era uma figura misteriosa ao lado do escuro ancião, de cabelos brancos e encarapinhados. Nunca lhe vi um sorriso nos lábios vincados e pálidos. Nunca lhe vi também um gesto de aborrecimento, revolta ou raiva. Parecia-me caminhar sob a capa de chumbo de imensa resignação.

A gente do lugarejo comentava maldosamente a ligação desigual. Ouvi a respeito várias indiretas. Por isso, uma noite, em casa do mulato Antônio, após ter tomado café, quando saboreava, antes de me deitar, uma cachimbada no terreiro, resolvi tirar o caso a limpo. Ele veio conversar comigo e sentamo-nos em um tronco debaixo do mulungu. O luar maravilhoso do sertão envolvia-nos em sua carícia de cetim. Palestramos sobre vários assuntos até que, aproveitando uma ensancha, me atrevi a perguntar se era verdade o que murmuravam a seu respeito. Bateu o fornilho do cachimbo na palma da mão, suspirou e respondeu com humilde singeleza:

– *Cadetinho* de minha alma, fui mesmo escravo de Sinhá Rosa, na fazenda do Mundéu, daqui a vinte léguas. Veio a seca dos dois setes que durou inté o ano de setenta e nove. Morreu o gado todo. Morreram os bichos do mato. Morreu a gente. As bexigas mataram meu Sinhô, as meninas, os meninos, o vaqueiro e a família dele, mesmo os escravos. Na casa grande do Mundeú, *fiquemos* sós Sinhá Rosa, de cama com as bexigas, e este mulato velho tratando dela, indo buscar água para ela beber na distância de três léguas, apanhando xique-xique *mode* ela comer assado, fazendo mesinha para ela melhorar e *tudinho* mais... *Deixemos* a fazenda quando ela pôde se levantar e viemos aqui para o Juá. Carreguei vinte léguas Sinhá Rosa nas minhas costas que *nem* burro! Fiz esta casinha, pois os credores do defunto tomaram a fazenda. E peguemos a morar juntos, porque a coitadinha de Sinhá Rosa não tinha mais ninguém por ela no mundo, nem parente, nem amigo fora eu...

Olhei comovido o homem obscuro e simples que baixou a vista acanhado e, após ligeira pausa em que escutei o forte bater de seu coração, concluiu:

– Olhe, *cadetinho* de minha alma, o resto não sei como foi não... O que sei é que Meu Cheiro está aí...

ZÉ DANTAS

Quando meu padrinho, com sua caravana, se meteu pelo caminho do Taboleiro Grande, a tarde caía de todo. Os insetos notívagos começavam a ciciar no mato. Um a um, os véus cinzentos da noite se desdobravam pelo céu afora. A estrada era como uma fita de seda branca retorcendo-se no meio da vegetação escura. No poente, desfraldava-se uma franja de púrpura real.

A casa do Taboleiro Grande bem à beira da estrada era caiada de branco. Apeamo-nos no seu terreiro já com o escuro da noite. Antes de dormir, sentei-me num banco ao ar livre e acendi o cachimbo. As estrelas pestanejavam no negrume do céu. Cães uivavam às sombras das árvores agitadas pelo vento. Miríades de insetos zumbiam na treva densa. De quando a quando, a risadinha irônica duma coruja à cata de alimento cortava a noite. Quantas noites iguais àquela de então por diante eu iria passar a cavalo, sozinho, varando as caatingas do sertão de minha terra! Quantas! Pensando nessa noite em que me ia ser revelada uma nova face da vida, meus olhos enchem-se ainda de água que lentamente escorre pelo rosto e chega aos lábios com um gosto amargo. Saudade duma época de aventuras despreocupada e cheia de ilusões!

Um chuveiro de pirilampos brilhou na treva como um fogo de artifício. A voz de meu padrinho, que viera sentar-se perto de mim, ecoou de repente em meus ouvidos:

– Os vaga-lumes daqui são miudinhos. Lá no Paraguai há enormes. Quando eu estava na campanha e era sargento do 26°, pegava uma dúzia deles, metia-os debaixo dum copo, na barraca, e à sua luz fazia o detalhe da companhia.

Dormi como uma pedra. Acordei com o barulho dos preparativos de viagem. Rompemos uma garganta de ásperas serrotas e fomos sair no terreiro da fazenda Egito, do velho e

hospitaleiro Manuel de Holanda, onde almoçamos. A casa, rodeada de alpendres, estava cheia de moças e a música de um gramofone alegrava o ambiente. Haveria de freqüentá-la em minhas subsequentes idas e vindas ao sertão, sempre acolhido com um agrado que jamais esqueci. E, numa noite, naquele penhascoso desfiladeiro que a separava da planície do Taboleiro Grande, passar-se-ia comigo uma das mais estranhas aventuras de minha vida.

Por aquela ribeira corria, então, a fama do cangaceiro Zé Dantas. Os jornais da oposição, em Fortaleza, diziam que o cavalo ruço em que montava o major de polícia Arrais lhe havia pertencido. O campo de suas proezas se estendia das margens do Quixeramobim às faldas da serra do Pereiro. Certa vez, vindo do Condado para o Juá, jantei na fazenda Egito, ao som do gramofone, fumei duas cachimbadas, ouvi contar as últimas façanhas do Zé Dantas e despedi-me. Ao montar a cavalo, o arrulho dormente das juritis no crepúsculo triste. Galopei, respirando a frescura da noite que se avizinhava. Daí a pouco tudo estava escuro e o riso escarninho dos jucurutus vinha dos pedregais próximos. De súbito, grande clarão no horizonte e o rosto imenso da lua olhando o sertão dormente. O espinhaço negro das serrotas dominou a paisagem que o luar melancólico e esverdinhado embebeu devagarinho. Os troncos secos pareciam fustes de prata polida e na pele rugosa dos granitos cada fragmento de mica faulhava como um diamante. Na noite solitária e enluarada – como diz o árabe – Deus e eu, mais ninguém! As vezes, a gargalhada arrepiante da mãe-da-lua rasgava a solidão luminosa, sinistramente.

Ao penetrar na garganta das serrotas, avistei logo numa volta do caminho, lá em cima, três cavaleiros que o desciam. O luar chispava no metal de suas armas. Defrontamo-nos num cotovelo brusco da estrada. Eram três sertanejos vigorosos e tostados, de chapéus de couro, cartucheiras a tiracolo, longas pajeús no cinturão, cada qual com seu rifle Winchester, calibre 44, de dezoito balas, pousado na lua da sela. Sem perneiras ou botas, pés calçados de sapatos de sola da terra ou de alpercatas. Lenços coloridos ao pescoço.

– Boa-noite, moço!

– Boa-noite! respondi.

Um deles, de face escura, barba rala e olhos claros, encostou o cavalo no meu e perguntou:

– Vosmincê terá fogo aí?

– Tenho.

Entreguei-lhe a caixa de fósforo que trazia. Acendeu o cachimbo curto e passou-a aos companheiros que acenderam os cigarros de papel amarelo. O que me pedira o lume indagou com voz pausada:

– Vosmincê de onde vem, moço, que mal pergunto?

– Do Condado, fazenda do capitão Miranda.

– Vosmincê é filho dele?

– Não, senhor, afilhado.

– E para onde se bota?

– Para o Juá. Vou tomar o trem da manhã.

– Ah! Vosmincê é do Forte(1)?

– Nascido e criado em Fortaleza.

– De que família?

– Barroso.

– Barroso do Curu?

– Não. Nem do Curu, nem do Canindé. Barroso do Aracati.

O homem quis restituir-me os fósforos. Recusei-os:

– Sigo para a estação e lá facilmente posso comprar outra caixa. Os senhores vão de viagem e precisam mais de fogo do que eu.

O desconhecido agradeceu e indagou:

– Vosmincê não tem medo de andar sozinho por este mundo, de noite?

– Não. Não faço mal a ninguém e não carrego dinheiro.

– Quer que um de meus homens o acompanhe até o Juá?

– Obrigado. Não é preciso.

1 – O sertanejo chamava Fortaleza de Ceará ou de Forte. Ainda ouvi meu avô, dos sertões de Mombaça, assim falar. – M.S.A.

Então, estendendo-me a mão por cima do pescoço do cavalo e apertando a minha, o sertanejo despediu-se com estas palavras:

- Vá com Deus, moço! Se algum dia precisar de alguma cousa, não se esqueça, estou às suas ordens. Sou o Zé Dantas.

Os cangaceiros partiram. Fiquei estarrecido na solidão enluarada do sertão de minha terra. O cavalo, cansado de esperar que desse de rédeas ou o cutucasse com a espora, começou a andar por si. O encontro mais emocionante que jamais tive!

O CONDADO

Depois do almoço no Egito, preparamo-nos para seguir viagem, apesar das instâncias da família Holanda para que ficássemos mais tempo, pois o céu ameaçava chuva, negro e fechado para os lados do Sul. Meu padrinho não cedeu: queria dormir na fazenda Lagoa, além do rio Quixeramobim.

A caravana partiu. Meu padrinho ia à frente, depois eu e o Chico Miranda, atrás a Jaci, com a criança de mama nos braços, e o marido, levando o filho mais velho, de três anos, na lua da sela. Os cargueiros, que haviam caminhado sem parar desde o Taboleiro Grande, deviam esperar por nós com as bagagens, na Lagoa.

Andamos cerca de três horas sem encontrar uma casa, viva alma ou o menor sintoma de proximidade do rio. Nasci com o instinto da orientação. Nunca me perdi nos tabuleiros e caatingas do Ceará como nos intrincados urbanos da Europa ou dos Estados Unidos. É uma cousa que está em mim, que sinto e não sei explicar. Comecei a dizer que seguíamos rumo errado e meu padrinho me fez calar com estas palavras:

- Você nunca andou por aqui e eu há vinte anos não faço outra cousa. Como pode você estar certo e eu errado?

Era irrespondível. O Chico Miranda caiu na gargalhada. Calei-me. De repente, o caminho estreitou, esfarinhou-se em veredas enlaçadas pelo mato e morreu à beira duma grota, em cujo fundo se arrastava um peco fio de água. Indaguei:

- Meu padrinho, este é que é o rio Quixeramobim?

Nem ele me respondeu, nem o Chico soltou outra gargalhada.

- Voltemos, foi a ordem.

O vento úmido da chuva que já roncava pelas várzeas açoitou-nos o rosto. Viramos os animais na beira da grota, mas o cavalo da Jaci pisou em falso num seixo, amunhecou dum quarto, escorregou pela ribanceira e atirou lá em baixo,

sobre as pedras pontudas, a moça e a criancinha. Apeamo-nos todos e fomos socorrê-la. O bebê milagrosamente nada sofreu, mas a mãe quebrara o braço direito com que o protegia. Começou a gritar. Meu padrinho lembrou-se da guerra do Paraguai, cortou umas taliscas de madeira, alisou-as a faca e, com nossos lenços, improvisou um aparelho e uma tipóia.

Tornamos a montar sob uma chuva violenta que escurecia tudo. O chão empapava-se. A água gorgolejava, borbotoava por toda a parte. Propus o regresso ao Egito. Meu padrinho teimou:

– Hoje vou dormir na Lagoa.

Recuamos até encontrar o verdadeiro caminho e nos metemos por ele. Anoitecia cada vez mais. Somente víamos alguma cousa ao clarão violento dos relâmpagos. Trovões soturnos rolavam na imensidade. A noite sinistra e má do poeta. A Jaci gemia sem parar e valia-se de Nossa Senhora. O Paula Barros, que não gozava boa saúde, estava derreado. Chico Miranda levava nos braços a criança de mama que choramingava. Entregaram-me o menino de três anos. Morríamos de fome. Assim, fomos rompendo a passo a escuridão e o aguaceiro.

Eu cabeceava de sono. Doíam-me os braços, segurando a criança adormecida na lua da sela. Se adormecesse também, o deixasse cair ou caíssemos ambos? Tirei com dificuldade, usando somente uma das mãos, o cabresto de relho da montaria, posto por baixo dos arreios e amarrei solidamente o guri na minha cintura. Enfiei, depois, os pés nos estribos de ferro, enclavinhei as mãos no santo-antônio, abandonei as rédeas no pescoço do animal fatigado e ferrei no sono, com a água a escorrer-me ao longo do corpo, transbordando das botas inteiriças que me dera de presente em Fortaleza meu amigo Manuel Pio.

Acordei com uma luz forte batendo-me no rosto. A chuva diminuíra um pouco. Estávamos diante de uma casinhola de taipa, coberta de telha, na barranca do rio Quixeramobim, a fazenda do Trapiá. As águas rolavam, ribombando, de encontro às margens solapadas. A voz calma do fazendeiro dava conta a meu padrinho da situação:

– O rio *desceu*. É água muita! Não há quem possa passar. Só amanhã com o sol de fora e se não chover mais. Minha casa é muito pequenina, quase não tem *lá-dentro*, mas seu capitão *desapeie* com sua gente e há de se dar um jeito.

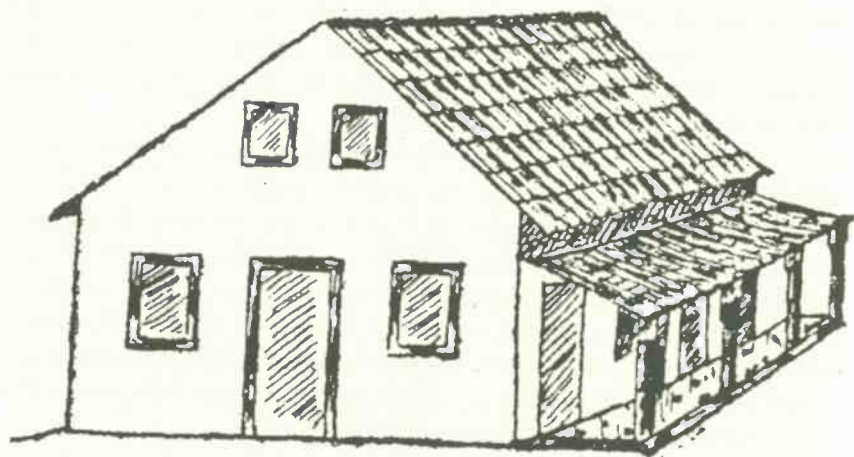
Em verdade, a casa não tinha mesmo quase *lá-dentro e o cá-fora*, que era a alpendrada, estava cheio de bodes, cabras e carneiros, uns por cima dos outros, fugindo ao chuveiro. Deram-me uma cuia de coalhada e um pedaço de queijo de coalho. Armaram-me uma rede debaixo dum girau de guardar mantimentos, onde passavam ratos, e fechei os olhos pesados, ouvindo o rumor da chuva e os gemidos da Jaci na camarinha.

O teimoso do meu padrinho não dormiu na Lagoa. Somente ao outro dia conseguimos atravessar o rio e descansar na casa grande, escura e baixa dos Caetanos, onde se melhorou o aparelho do braço partido da moça e foi possível mudar de roupa.

Mais um dia e chegávamos ao Condado. A casa, com um sobradinho, erguia-se numa colina, de onde se descortinava todo o vale do rio Fonseca até os verdes campos do Oriá, espécie de pampa perdido na vastidão das caatingas cearenses. A seus pés, um açude espelhante, em cuja margem se erguia a casa do vaqueiro Macário, com uma canoa emborcada sob um palheiro. Os currais de leite, de ferra, de benefício e de apartação do gado que corriam enfileirados a um lado da casa, por trás da cozinha.

Acordava-se cedo para beber leite fresco no curral. Tomava-se café com cuscuz e ia-se ao banho nos tanques naturais de pedra do rio próximo, cuja água se conservava clara e fria sob a proteção da pasta de vegetações aquáticas. Voltava-se para casa à hora do almoço. Famulagem reduzida: uma cozinheira, a velha Maria da Paz, e dois rapazes escuros, que o povo afirmava serem filhos naturais de meu padrinho: o Altamiro e o Júlio.

A comida que a Maria da Paz preparava era horrível. Nunca na minha vida, nem na Polícia Central ou na Casa de

Correção, comi cousa pior. A Jaci, com o braço quebrado, não a podia ajudar. Tendo vivido algum tempo com meu pai e meu padrinho no sítio do Benfica, onde não havia mulheres, vi-me forçado por vezes a recorrer à agulha e ao fogão. Aprendera praticamente alguma cousa. Nos dias em que chegavam boiadeiros trazendo gado miúdo para vender ao capitão Miranda, costumava-se matar um carneiro ou um cabrito. Eu fazia com os miúdos um sarapatel com pirão de se lamberem os beiços.

Casa-grande da fazenda Condado, município de Quixeramobim, propriedade de meu padrinho, o capitão Antônio Leal de Miranda. Croquis de memória por Gustavo Barroso.

PEDRO MALASARTES

Se a Maria da Paz não sabia cozinhar, em troca ninguém conhecia tão bem quanto ela a vida e as aventuras de Pedro Malasartes, personagem de ficção que lembra o Ulenspiegel africano, o Aleo do Camboja, o Funtidiuduá africano, o próprio Burlador Tenório, mais tarde transformado no D. Juan, porém com todas as características ganhas no sertão por mimetismo folclórico. Ela tornava o burlão astuto, o velhaco endiabrado extraordinariamente simpático.

À noite, eu armava minha rede na alpendrada, junto à porta da cozinha, onde a velha se sentava num tamborete, cachimbando. Fazia-a falar e muitas vezes pegava no sono ao som monótono de sua voz:

– "O Pedro Malasartes era mesmo astucioso e encapetado. Ninguém podia com ele. Quando muito *avexado*, invocava o Capiroto e virava toco de pau no meio do mato. Cansado de trabalhar noite e dia na fazenda do coronel Lixandre, mal chegando para o *de-comer*, mestre Pedro zangou-se com essa pobreza malvada e, como quem rouba a ladrão tem cem anos de perdão, o *desinfeliz* danou-se para ser ruim, *p'ro mode ver* se endireitava a vida. Disse à mulher dele que não estava disposto a seguir sendo besta peiada, sem passar da miséria:

– *Oia*, vou matar um porco do coronel, pois só cabra ruim é que *aprogride*.

O cheiro do leitão assado foi sentido pela vizinhança, deu-se por falta dum bacorinho e o velho Lixandre veio a saber do furto, mas lhe *arrepunou* acreditar que aquele morador antigo fosse capaz *duma cousa dessas*! Resolveu tirar a limpo o caso, meteu sua mulher, a velha Genoveva, dentro dum caixão e pediu ao Malasartes para o guardar em casa por uns dias. A velha levava água e comida, e devia espiar por um buraquinho e ouvir tudo o que se dissesse.

O Pedro desconfiou da história, abriu o caixão, matou a velha e foi pedir dois contos de réis ao coronel, senão ia contar à polícia que ele lhe dera o cadáver da mulher a guardar, escondido numa caixa. O velho apavorou-se, deu o dinheiro e pediu ao Malasartes que enterrasse a Genoveva bem enterrada. Este recusou-se e o coronel foi obrigado a fazer o enterro à noite. Mas todas as madrugadas o corpo aparecia de novo no terreiro da fazenda, porque o Pedro o tirava da sepultura e o punha lá, dizendo ao coronel que a mulher não o perdoava. De cada vez recebia outros dois contos para levar a defunta a calar a boca.

Cansado, porém, de tantas despesas, o coronel foi à vila próxima buscar o vigário para benzer o túmulo e acabar com aquela assombração. Malasartes amarrou a morta na cangalha dum cavalo passarinheiro e, depois de açoitá-lo, soltou à noite pela estrada por onde vinham o coronel e o padre que até hoje ainda estão correndo, apavorados...

Desta história, a Maria da Paz passava para outras, algumas provindas da mais remota antigüidade e dos mais distantes povos, mas rebocadas de novo ao gosto do sertão: A Sopa de Pedra, o Urubu que adivinhava, a Tira de Couro das costas do Irmão, avatar do conto de Shylock, o Chouriço, evidentemente nascido do episódio de Ulisses e Polifemo, o Carneiro que virou Cachorro, a Panela que fervia sem fogo, idêntica à do conto alemão do João Soldado, a raposa que passou como Cão de Caça, os Rabos de Porco enfiados na lama para fingir leitões atolados, o Cachorro Trovão, a Égua que deu cria, a Pedrada no Veado, o Saco em que se meteu e lembra o da história dos Calenders das "Mil e uma noites", o Couro que rangia e adivinhava, variante do Urubu, os Potes de mel de Uruçu, os Ciganos Enganados, a Ovelha que punha moedas de ouro, êmula da galinha da fábula, a Moça, a Cabra, o Capim e a Canoa, dezenas de outras. Dariam um livro interessantíssimo sobre o curioso tipo popular que Graça Aranha tentou sem êxito explicar e introduzir no teatro. A Maria da Paz limitava-se a contar sem pretender explicar nada e era esse o seu encanto.

AO SOM DA VIOLA

Se, à noite, logo que escurecia, dava um pulo à casa do vaqueiro Macário, na beira do açude, o assunto era outro. Espichava-me numa rede contemplando o luar que tecia uma toalha de prata nas águas plácidas. O vaqueiro sentava-se na canoa emborcada e dedilhava a viola rústica, cantando velhos desafios e trovas do sertão:

Menino, se eu te pegar,
Passo-te a peia no lombo:
Dou três tapas, são três quedas!
Três empurrões, são três tombos!
Se eu puxar por minha faca,
Não tem quem te conte os rombos!

Você ficando velho
E ainda se renovando
Tornando a nascer dez vezes,
Todas as dez se batizando,
Todas dez vindo cantar,
Todas dez sai apanhando!

Orelha de abanar fogo,
Cabeça de bater sola,
Pestana de porco ruivo,
Queixada de graviola,
Canela de maçarico,
Pé de macaco de Angola!

Barriga de soro azedo
Pé de cancão, mão de gia,
Testa de telha emborcada,
Espinhaço de olaria,
Cara de bolacha doce,
Boca de carga vazia!

CREPÚSCULOS

Na fazenda, meu compadre de quase todas as horas era o Chico Miranda; mas, quando ia a qualquer parte com meu padrinho e eu ficava só, se me não enterrava na leitura de alguns livros que enchiam o velho armário, saía com uma espingarda a percorrer o leito cortado de poços e marginado de pedras do rio Fonseca, onde cantavam as seriemas. Na face de quase todos aqueles blocos de granito, simplesmente esculpidas ou recheadas com um induto vermelho, abriam-se antiquíssimas inscrições rupestres, idênticas às que se encontram por toda a parte e que dezenas de arqueólogos e antropólogos têm estudado sem chegar a uma conclusão. Copiei muitas delas que formam a base dum estudo sobre o assunto no meu livro "Aquém da Atlântica".

Entre a colina, onde se erguia a casa grande do Condado e o rio, no meio das juremas e catingueiras, ostentava-se um castelo natural de pedra enfestonado de cardeiros. Ao entardecer, gostava de subir à sua mais alta plataforma e deitava-me encostado a um respaldo, imerso na doçura do crepúsculo. Pensava na minha vida, cercada de barreiras por todos os lados. Qual seria meu destino no mundo, pobre e só, contando unicamente comigo mesmo? Sobre a natureza desabava uma grande melancolia.

Os persas achavam que o tempo era cor de turquesa. A opinião mais geral é que é cor de cinza. Porém são grandes as dúvidas sobre a verdadeira cor do tempo. A escritora francesa Joana Ramel Cals procurou saber qual fosse. Hesitou primeiro entre o rosa e o negro; depois, entre os tons azuis; por fim, entre o verde e o rubro. Acabou afirmando que há tempo de todas as cores e todas as cores no tempo. A verdade é que o tempo reflete a cor de nossa alma. Para mim, à tarde, sobre aquele castelo natural de pedra, o tempo era lilás. Eu me perdia dentro de mim próprio e percorria em

silêncio todos os escaninhos de minha alma. Instintivamente, dava início a um processo nietzscheano: construir-me a mim mesmo.

Nessas horas em que a tarde sertaneja morria num leito de espumas róseas e de rendas de ouro, quando a sangueira do poente se embebia num violeta magoado e triste, eu mergulhava em minha alma e me afundava numa meditação sem limites, com um desejo de libertação das peias do mundo e de voar pelos espaços infinitos. Ainda não conhecia aquelas palavras do filósofo, que dizem: "Il ya certaines heures oú l'âme se recueille hors des bruits de la terre, pour se demander d'oú elle vient et oú elle va". No entanto, era isso que sentia.

Guardo uma recordação profunda desses crepúsculos sertanejos, em que dialogava comigo próprio e contava histórias a mim mesmo.

O NEGRO UMBELINO

Sol a pino quase todos os dias. Cauãs gritando. Arapongas martelando na bigorna. O azul do céu faiscando como uma porcelana superaquecida, cujo esmalte vai estalar. Boiando nele, o resplandor aurifulgente do sol a espalhar na terra as brasas de sua ardência. Todos os insetos chiando devagarinho nas folhagens imóveis, como se se despedissem antes de morrerem torrados. As asas do vento queimadas na amplidão. Do alpendre da fazenda meu olhar perdia-se na paisagem cintilante de luz e avistava ao longe, emoldurada pelas caatingas, a imensa mancha verde-clara dos campos do Oriá. Meu padrinho descrevia-os com entusiasmo e dizia que lá morava um louco que andava vestido de noiva pelo mato.

Fui até lá um dia. De repente, aos meus olhos o sertão desapareceu como por encanto e como por encanto foi substituído pelo pampa gaúcho. Nem mais uma touceira de xiquexique, nem mais um entrançado de juremas, um mulungu ou um juazeiro copado. A perder de vista, na planície vasta e monótona, as ondas verdes do panasco achamalotadas pelo vento e, de espaço a espaço, como periscópios de submarinos, os pescoços inquietos das emas ariscas.

Na orilha daquela savana excepcional no sertão, havia um curral que servia para os comboieiros ou boiadeiros que vinham à feira de Quixeramobim guardarem o gado, arranchando-se nas proximidades. Perto, numa velha casinha de palha e taipa, vivia o negro Umbelino. A habitação mais próxima era o Condado, três léguas! Plena solidão. Ninguém com quem trocar uma palavra. Nem um cachorro, ao menos. À noite, as trevas faziam horror, povoadas pelo urro das maçarocas. Ele, às vezes, acendia uma fogueira. Quase sempre, porém, ficava mesmo no escuro.

Fui ao Oriá caçar emas com o vaqueiro Macário. Paramos a descansar mais ou menos uma hora em casa do negro Umbelino, que o meu companheiro conhecia de longa data.

Contara-me em viagem que o negro velho fora morar naquele fim de mundo havia uns trinta anos, desgostoso com a morte da mulher. O próprio Umbelino, quando conversou comigo, disse-me com a maior simplicidade:

– Fui escravo do doutor Holanda do Quixadá e, no ano de 1884, quando se acabaram os escravos na Província, eu já era livre, graças a Deus em primeiro lugar e, em segundo, a estas mãos que a terra há de comer.

Olhou as negras e grossas mãos encarquilhadas, as palmas dum tom róseo e feio, e continuou:

– Eu trabalhava de ferreiro à soldada para meu amo, mas, nos domingos, ele me deixava fazer serviços para mim. Com o dinheirinho que fui ajuntando assim, me alforriei.

Sorriu com a enorme boca simiesca, amostrando dentes amarelados, e, depois:

– É que eu queria me casar com a Frosina, a mulata mais cobiçada e dengosa do Quixadá!...

A chaleira que pusera sobre três pedras, no fogo, para fazer café, deu ruidosos sinais de ebulição. Tomou-a e começou a deitar a água fervendo no saco do pó de café, enfiado num bule de lata. E falava, agora com um tom de tristeza:

– A Frosina morreu de parto de nosso primeiro filho. A criança também morreu. Não quis saber de mais nada no mundo. Peguei todos os meus troços, enchi um baú com a roupa dela, pus tudo nas costas dum cavalo e vim parar aqui, onde fiz esta casinha e de onde nunca mais saí. O povo diz que sou maluco, porque uns passageiros já me viram vestido de mulher, assentado no terreiro. Mas é mentira. Eu estou no meu juízo perfeito, graças a Deus. É verdade que, de vez em quando, pego os vestidinhos da defunta, que são as únicas lembranças que tenho dela, me meto neles e vou apanhar sol para tirar o mofo e não se acabarem com a falta de uso...

Com a curiosidade vivamente excitada, eu era todo ouvidos. Não me pude eximir de perguntar:

– Mas de que vive você aqui, Umbelino?

– Vivo de caçar emas. Como as coxas, que são o que presta, e vendo as penas, quando aparecem comboieiros. Na

seca, passo com o que ganhei no inverno. Água não falta, porque aqui perto fica a cacimba do Mergulhão, que não secou nem na era dos dois setes(1). A gente, tendo água, tem tudo, o resto é luxo. Já passei aqui a seca dos três oito(2) sem ela faltar.

– Você não saiu daqui durante todo o ano de 1888? indaguei com espanto.

– *Inhor* não, apesar de ser isto aqui um dos caminhos dos retirantes. Toda a gente que desceu do Riacho do Sangue(3), da Cachoeira(4) e até do Icó veio por aqui. Eu ia todos os dias à cacimba do Mergulhão buscar três ou quatro potes de água para dar aos *desinfelizes*. Um trabalhão! E sem ter o que comer! Fiquei magro como eles.

Interrompi-o:

– Por que não retirou também, Umbelino?

Ele abriu a bocarra noutro sorriso largo e replicou com sua heróica simplicidade:

– Eu, não! Se eu fosse embora, quem daria uma *sede de água* aos desgraçados?

Apertei-lhe a mão, agradeci-lhe a acolhida e parti. No caminho, disse ao Macário:

– O Umbelino deve ser bem velho, já está de cabeça quase branca.

– É verdade – tornou o vaqueiro – negro, quando pinta, três vezes trinta...

Dois anos mais tarde, voltando ao Condado, o Macário contou-me que, no começo do inverno, o Umbelino fora encontrado morto, bicado já pelos urubus e vestido com o traje de casamento da mulher, de branco, de véu e grinalda...

– Ele era preto, declarei ao Macário, que me ficou olhando sem me entender; porém nenhum coração mais branco do que o seu.

---

1 – O sertanejo costuma referir-se assim às secas. A dos dois setes foi a de 1877, seca terrível que durou até 1879 e quase despovoa o sertão de gente e gado. – M.S.A.
2 – Seca de 1888. – M.S.A.
3 – Hoje Jaguaretama, depois de se ter chamado Frade. – M.S.A.
4 – Hoje Solonópole. – M.S.A.

O negro Umbelino (concepção de Henrique Cavaleiro).

HISTÓRIAS DE CANGACEIROS

Em companhia de meu padrinho, excursionava continuamente por todas as suas fazendas, acompanhando-o na fiscalização dos negócios de gado. A mais pobre delas era a Barra do Valentim, onde comíamos no chão, assentados num couro, enfiando os dedos no alguidar de pirão de bode cozido. Dormíamos em um alpendre exíguo, onde as cabras e os cães de gado vinham se esfregar nas nossas redes. Não me lembro mais do nome do vaqueiro que dela tomava conta, mas recordo-me perfeitamente das histórias de cangaceiros que me contava à noite, enquanto meu padrinho roncava, e que me abriam novas perspectivas sobre o vasto cenário das almas sertanejas.

A primeira é a do João Cambraia:

JOÃO CAMBRAIA

Quando João Cambraia, que foi um dos maiores cangaceiros do sertão do Ceará, chegou à bodega do Chico Pais, na encruzilhada dos caminhos de Aurora e Lavras(1), viu logo três biscoitos-facão dependurados dum barbante, em frente do armário das miudezas. Um sorriso irônico enrugou-lhe o lábio superior, arroxeado, que o bigode ralo mal cobria. Aquele sinal queria dizer que andavam perto, buscando-o, três destacamentos de polícia. O bodegueiro era o melhor de seus coiteiros na redondeza e usava com ele dum código em que as palavras eram garrafas, bolachas, biscoitos, roscas, carne do sol, fumo de rolo, tripa salgada ou latas de sardinha. Assim dava preciosos e silenciosos avisos.

João Cambraia percorreu com os olhos miúdos, negros e vivos o pequeno âmbito do estabelecimento. Sentados numa tulha de sacos, dois caboclos jogavam dados, muito entretidos, aperuados por um menino, nu da cintura para baixo, chupando uma puxa-puxa. Encostado ao balcão, um sujeito alvarinto, *empanado* de paletó de brim pardo, meio ébrio, tartamudeava asneiras. Devia ser dele o cavalo que o cangaceiro vira amarrado à cerca do quintal da vendinha.

– Pouca freguesia, disse ao Chico Pais.

– A estas horas, é sempre assim. Mas daqui a pouco começa a vir gente. De tardinha, é um *putici, tanta muiê e* tanto *home* que chegam a bater os chifres, como gado no bebedouro em tempo de seca.

A essas palavras, os fregueses repararam no recém-vindo. Era um mameluco seco de corpo, todo músculos e nervos, face mongólica, ligeiro tique no olho esquerdo, como se nele se tivesse perpetuado o hábito de fechá-lo para fazer pontaria. Calças de riscado encurtadas pelas joelheiras, sob as quais

1 – Hoje Lavras da Mangabeira.

apareciam os cadarços das ceroulas de algodãozinho. Cartucheiras carregadas no cinturão e a tiracolo. Longa parnaíba no cós. Chapéu de couro a três pancadas, com um cacho de cabelos a sair-lhe da copa. No pescoço, um lenço vermelho, escapulário e um rosário de contas grossas.

Os dois caboclos pararam de jogar e um deles murmurou:

– É o Cambraia!

A criança esqueceu a puxa-puxa, os claros olhos remelentos embevecidos nas armas e nos símbolos do cangaço. O bêbedo solfejou em voz sumida uma trova popular na ribeira:

P'ra derrubar barbatão,
Basta *mussica* na saia;
P'ra mortalha de soldado,
Basta um palmo de cambraia...

Lá fora, sol quente de junho, fins de água, dourando o carrascal já levemente murcho, manchado de amarelo e sangue pela folhagem morta dos marmeleiros. Sobre as caatingas verdes, a perder de vista, a imensa abóbada em que a vibração da luz como que derretia o azul. Longe, dentes de serranias embutidos no horizonte. E as arapongas martelando de vez em quando nos pedregais próximos.

– Que nem ferreiro! Comentou o Cambraia. E, batendo com uns níqueis no balcão:

– Derrame aí uma molhadela de meladinha.

O vendeiro lentamente pôs um copo de vidro grosso pelo meio de cachaça tirada da torneira dum ancorote, acabou de enchê-lo com mel de abelhas, misturou bem os dois líquidos, mexendo-os com uma vela de carnaúba, e deu a bebida ao cangaceiro que a sorveu dum trago e soltou dois estalos de gozo com a língua.

Os jogadores e o menino saíram. O ébrio esparramou-se sobre os sacos e começou a roncar. A um sinal interrogativo do Cambraia, o vendeiro explicou:

– Um pobre de Cristo! Perdeu tudo o que tinha na seca e anda por aí como cachorro sem dono.

– E os outros?

– Dois moradores do Limão, meus conhecidos, gente boa.

O cangaceiro chegou até uma das portas da bodega e olhou demoradamente a paisagem ensopada de sol. Seu cavalo, um caxito de fama, bufava preso pelo cabresto à forquilha da alpendrada. Com um vinco de preocupação na testa curtida pela soalheira, voltou-se para dentro:

– Compadre Chico, de quem era o pedrez que estava da outra banda, quando *desapeei*, de manta de couro de bode e carona?

– Dum passageiro, que veio beber um trago e saía pela porta do lado, quando você entrava pela frente.

O cangaceiro matutou algum tempo. Depois:

– Quais são os três destacamentos?

– O tenente Firmino, aquele que fuzilou o Bernardo e o Capenga, com trinta homens, em Lavras; o capitão Russinho, com mais de quarenta, em Aurora; e o sargento Militão, o pior dos três, com dez, na Forquilha. Anda um bando de patrulhas pelos caminhos. Tome cuidado! Onde está sua gente?

– No serrote do Porco. Vim só para saber as novidades, levar cachaça e alguns fogos.

– Fogos?

– Você não tem?

– Ter, tenho; mas para que fogos?

– Para festejar esta noite.

– Esta noite?

– Não é São João?

– Compadre você perdeu o juízo. Festejar São João com três destacamentos nos arredores!

– Olhe, compadre, feche a boca, porque não adianta falar. Eu e meus *meninos* todos os anos fazemos fogueira e festejamos São João com fogos. É uma promessa.

– Está bem. Se é promessa, já não está mais aqui quem falou.

E, como se se dirigisse a si próprio:

– O diabo foi o tal passageiro que foi saindo, mal você ia entrando.

– É o diabo mesmo, retrucou o cangaceiro; mas o santo tem de ser festejado haja o que houver. Que haveriam de dizer os meus *meninos*, se, por causa de meia dúzia de *mata-cachorros*, não se festejasse o santo? São João é santo muito grande para dar importância a soldado de polícia...

E cuspiu de esguicho, com desprezo. No dilúvio de sol, as arapongas continuavam a martelar *que nem ferreiro*. Galos cocoricavam longe.

– Avie as encomendas, compadre, que os *meninos* estão esperando.

Mal a noite caiu, no áspero pedregal do serrote do Porco, onde se ocultava o bando do Cambraia, grande fogueira espancou as trevas e atirou clarões e sombras dançantes à face negra da caatinga. Seis homens puseram-se a beber e soltar fogos, ao som do harmonium que um negro tocava, deitado no capim seco. Ousadia demasiada! Tarde já, quando dois deles, o Benício e o Picapau, se faziam compadres de São João em redor da fogueira, uma descarga partida do mato prostou-os mortos dentro das chamas. Os outros correram às armas e se alapardaram por trás dos pedrouços, os rifles em pontaria. Só o negro não caiu nessa. Deitado no ervaçal, deixou-se rolar para o fundo do riacho seco e, quando a luta acabou, de gatinhas, pôs-se ao fresco. Os cangaceiros tinham os clarões das labaredas a denunciá-los. Os soldados estavam disseminados nas trevas. O tiroteio durou pouco tempo. Quando os rifles não responderam mais as mausers, os policiais avançaram. Encontraram cinco cadáveres e o Cambraia ferido num joelho.

– Amarrem o bichinho naquele mulungu! ordenou o sargento Militão.

E, depois, com um risinho perverso, a um soldado magro, bexigoso de pernas arqueadas:

– Seu Pacífico, sangre o porco para nós agora festejarmos o santo!

Quando o negro, varando o mato, veio esconder-se na venda do coiteiro Chico Pais e lhe contou a cena da sangria a que assistira, acocorado no fundo do córrego, o bodegueiro ficou com olhos cheios de água e, batendo o pé, exclamou:

– Eu bem disse ao compadre que era maluquice fazer fogueira de São João. Bem que eu disse! Não quis me ouvir e foi sangrado que nem porco... Que nem porco!

O negro persignou-se:

– *Seu* Chico, tinha de ser, o que o capitão não podia era faltar à promessa dos *meninos*...

Ambos concluíram filosoficamente:

– É... o que tem de ser tem muita força!...

Passemos à segunda história:

O CANGACEIRO COME-FOGO

Foi no sertão pernambucano, entre Belmonte e Vila-Bela, num tempo em que ali campeavam à solta o roubo e a morte, a violência e a violação. Como nas províncias da França, na odiosa época da guerra dos Cem Anos, quando se digladiavam Borguinhões e Armanhacs, e as Grandes Companhias de *routiers* e *esfoladores* matavam e saqueavam por toda a parte.

Lutavam no sertão por questões de predomínio político os Carvalhos e os Pereiras. Acompanhavam-nos nessa mesquinha guerra de clã, como clientes, os Inácios e os Gaviões. Matavam-se entre si e queimavam reciprocamente canaviais e casas. Os destacamentos de polícia intervinham no conflito, piorando a situação. Os *mata-cachorros* eram mais perversos e ávidos do que os cangaceiros.

A cada novo crime, as vítimas, não tendo para quem apelar, não tendo a quem pedir justiça, resolviam muitas vezes, fazendo das tripas coração, consegui-la pelas próprias mãos. Armavam-se e lutavam. Um nunca acabar de crimes e vinditas. E, aproveitando a anarquia local, o medo, a exaltação de ânimos, os bandidos mercenários vendiam seus serviços a quem melhor pagasse, roubando e matando, ao mesmo tempo, por sua conta e risco. Cenas da Albânia, da Calábria, da Córsega, da Tartária e do Far-West.

Né-Dudu, irmão de Sebastião Pereira foi morto. Acusaram do crime Antônio das Umburanas, que os vingadores perseguiram e mataram. Uma fazenda dos Inácios, protegidos dos Carvalhos, foi assaltada e incendiada. Tocaram fogo nos canaviais dos Gaviões, amigos e apaniguados dos Pereiras. Miguel Pereira é assassinado e sua casa, com a família dentro, em lágrimas, saqueada. A polícia espanca um sobrinho dos Pereiras, porque os Carvalhos estavam com o governo, e aterroriza a gente pacata, desarmando violentamente

os matutos nas feiras e os comboieiros nas estradas. E o grupo de bandoleiros do famigerado Luís Padre depreda vilas e fazendas num regabofe e num saque contínuos.

Em tão mal-aventurada época, o mais quieto e inofensivo dos Pereiras era o jovem Sebastião. Apesar daquele ambiente de prevenções, ódios e lutas incessantes, não carregava consigo sequer uma garrucha ou uma faca. Mas, um dia, calmamente indo para casa, por mal de seus pecados, encontrou a força de polícia comandada pelo alferes Negrão. Sabia que todos os agentes do governo prestigiavam os Carvalhos, porém nunca se metera nessas questões e só desejava evitar qualquer briga. Cumprimentou os soldados e ia seguindo seu rumo, quando o oficial gritou às praças:

– Agarrem-me esse Pereirinha!

Cercado de todos os lados por armas engatilhadas e rostos ferozes, o rapaz não tentou defender-se. Arrancaram-no da sela e o levaram em charola até a sombra duma árvore, onde o alferes se sentara num tronco seco. De túnica desabotoada, barba crescida, olhos injetados de sangue, boné na coroa da cabeça, acanalhado e fedendo a álcool, o representante dos poderes públicos indagou:

– Gostas de fumar?

Surpreso, o moço, que esperava todas as violências daqueles brutos, respondeu com esperanças de salvar-se:

– Sim, gosto muito.

– Então, vais fumar, mas para o lado de *dentro*! Falou o bárbaro, antegozando a tortura do outro.

Acendeu sucessivamente três cigarros e entregou dois a um cabo, que soprava sobre eles, a fim de se não apagarem. Avançou para o prisioneiro com o terceiro cigarro na mão.

– Vais engolir os três acesos!

– Não! Nunca!

– Engoles ou morres!

Deu ordens. A tropa rodeou Sebastião Pereira, ameaçadora, fazendo estalar a fecharia das Comblain. Alguns soldados, de feições tigrinas decompostas pela raiva, encostavam-lhe ao peito os agudos sabres. Um anspeçada punha-lhe ao ouvido o

cano do fuzil. Quis recuar. Sentiu uma ponta de baioneta nas costas.

Resistiu alguns momentos. Depois, acabrunhado, trêmulo, os olhos lacrimosos, tomou os três cigarros acesos um a um e engoliu-os sem caretear, dominando a dor das queimaduras. Doía-lhe mil vezes mais a vergonha.

– Sem mastigar! Urrava o alferes.

Findo o suplício, deixaram-no montar de novo em seu cavalo e o escorraçaram pelo caminho afora, com apupos e pedradas. O oficial, de pernas arreganhadas, de pé sob a árvore, a espada agitada aos movimentos do corpo, gargalhava destemperadamente. Os policiais gritavam:

– Engole-brasa!

– Come-fogo!

– Chupa-labareda!

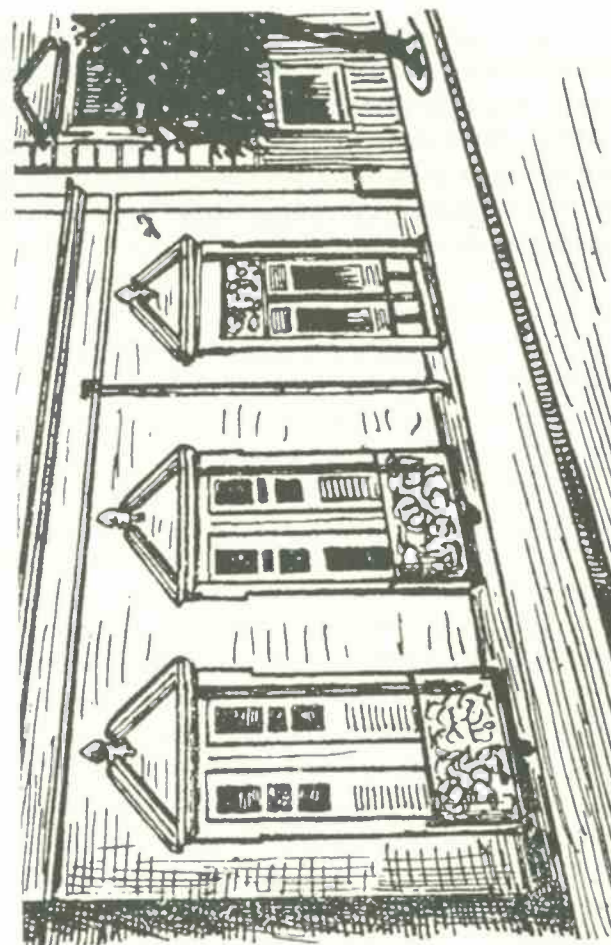
– Homem do circo!

– Palhaço!

E o infeliz Sebastião fugia a todo galope, os olhos cheios de água.

Chegou à fazenda paterna e, sem dizer uma palavra, sem falar a pessoa alguma, tomou um rifle Winchester, afivelou uma cartucheira à cintura e ganhou o mato.

Ao anoitecer, o destacamento do alferes Negrão, que chegava às proximidades da vila, parou de súbito ao estampido dum tiro partido duma moita. O oficial rolara morto na poeira da estrada e as mais minuciosas batidas não conseguiram apanhar o criminoso.

Foi assim que o pacífico e inofensivo Sebastião Pereira se tornou um dos mais terríveis e famosos cangaceiros do Nordeste sob o expressivo pseudônimo de Bastião Come-Fogo.

Casa onde nasci, à rua Formosa nº 4, hoje rua Barão do Rio Branco. A numeração também mudou.

O GUISAMENTO

Essas histórias eram contadas em linguagem singela, numa voz cantante e vagarosa, impossíveis ambas de serem reproduzidas. Por isso lhes pus aquilo que D. Francisco Manuel de Melo chamava em uma de suas Epanáforas o "guisamento de sua casa". É com esse guisamento que figuram neste livro de memórias, como algumas de minhas mais vivas lembranças do sertão.

O APÓLOGO DA NAMBU

Nesse tempo, gostava muito de andar sozinho a cavalo, sobretudo à noite. A solidão era para mim a maior das sensações. Porque minha mocidade, à espera do que ia acontecer, tecia, com os fios de ouro da imaginação, os mais lindos cenários da fantasia. Hoje, o que mais me importa é o que já passou e o que se está passando. Não sonho mais: olho para trás. A mocidade vive no futuro, a maturidade no presente, a velhice no passado.

Vejo nitidamente a velha casa da fazenda da Lagoa, com o grande copiá cheio de selas e cangalhas, ao centro a mesa em que se ceava coalhada com rapadura à luz fumosa duma candeia de querosene e se tomava café com queijo ao amanhecer, quando o mugido do gado subia no ar calmo, úmido, como agradecendo a Deus a fartura do inverno.

Nessas duas ocasiões, o velho Caetano sempre conversava com os filhos. Eu os ouvia e observava. Um dia, o mais moço referiu-se a certa pessoa que andava pelas vendas e casas dos arredores falando mal dos Caetano. E concluiu:

– Quando encontrar aquele desgraçado, dou-lhe uma coça!

O velho repreendeu-o e advertiu-o:

– Não faça isso, Tonho! O melhor é não ligar a *mais menor* importância. Não se esqueça nunca que na vida não se deve pregar rabo em nambu!

Indaguei do ancião o que ele queria dizer e tornou-me:

– A nambu é cotó, é sura de natureza. Deus Nosso Senhor fez ela mesmo sem rabo, de maneira que, se vosmicê quiser pregar rabo nela, ou o rabo não segura e vosmincê perde seu tempo, ou segura e o pobre bicho fica todo desconforme. Muita gente nasceu sem rabo, como nambu, veio a este mundo sem um tico de vergonha. Se vosmincê quiser dar vergonha a ela, perde o tempo; se lhe prega um rabo, sai desajeitado e perde o feitio...

Nunca mais esqueci a lição sertaneja. Dela nasce meu impávido silêncio diante dos ataques e calúnias de certos indivíduos *suros* e *cotós*. Podem atirar-me pedras e lama às mancheias. Tracei meu caminho e por ele seguirei sem empurrar ninguém, mas sem deixar que me empurrem e sem me desviar uma linha. As pedras têm ferido mais as mãos que as pegaram do que a mim que não conseguiram atingir. A lama até hoje, graças a Deus! não me alcançou, mas sujou as mãos que a apanharam.

Minha consciência está tranqüila. Minha alma não se apavora com caretas. Caminho, enquanto os apedrejadores e os enlameadores deixam passar as oportunidades. Mais preocupados em vaiar-me do que em construir sua própria vida, perdem o tempo, apanhando seixos e mergulhando as mãos nas sarjetas. Enquanto se abaixam, caminho. Quando erguem a cabeça para me bombardear, estou longe e os projéteis caem a meia distância. O velho Caetano ensinou-me a não pregar rabo em inhambu.

Isto não quer dizer que não lute. Ninguém tem lutado mais do que eu. Quando Lançarote do Lago rompeu lanças contra os dez primeiros guerreiros que defendiam a muralha exterior do Castelo da Guarda Dolorosa, mudou duas vezes de escudo mágico. E, quando teve de combater os outros dez que guardavam a muralha interior, lançou mão do terceiro escudo. Eu tenho rompido pela vida além cavaleiros e muralhas externas e internas sem me ser possível mudar uma só vez de escudo. Felizmente, temperei o meu ao sol ardente de minha terra natal, onde, como nos versos de d'Houville, *son pouvoir blond s'empare du pays pamé.*

Por isso, sempre de meus lábios se eleva esta:

ORAÇÃO AO CEARÁ

Longo martírio tem feito tua grandeza e tua glória. Dele todos os cearenses devem orgulhar-se, porque nenhum povo seria talvez capaz de enfrentar a desgraça com a valentia e a tenacidade com que durante mais de três séculos de dor eles a têm enfrentado. Essa desgraça é o maior fator da acuidade de sua inteligência, da corajosa decisão de seu temperamento, da sua audácia e da sua paciência tenaz. A seca molda e forma uma raça de fortes.

Bendito seja essa raça que libertou escravos, dominou o mar sobre os seis paus toscos das jangadas e conquistou a Amazônia, estaqueando de ossos os pântanos impenetráveis; que deu à Pátria soldados como Tibúrcio e Sampaio, poetas como Alencar! Bendita a Terra da Liberdade, Terra da Luz, Terra de Sol, Terra do Martírio, Saara do Brasil que o esforço de várias gerações de seus filhos fecundou em heroísmo, abnegação e amor!

JUCA MACHADO

No sertão do Quixeramobim, conheci um dos homens que até hoje mais fortemente me impressionaram. Chamava-se Juca Machado. Alto, desempenado, escurecido pelo sol, andava de cabeça erecta e trazia sempre um grande facão a tiracolo. Tinha 72 anos. Impunha-se à confiança de todos e estava sempre de bom humor. Fora ele quem desencantara o monstro da Serra Azul e matara a onça do Cruxatu, da qual se cantava na ribeira:

Eu sou a célebre onça,
Maçaroca destemida,
Mais de quinhentos poldrinhos
Já sangrei por esta vida!

De há muito o povo da ribeira falava duma espécie de macacão que vivia naquela serra e já fora entrevisto por um ou outro caçador. Se não era macacão, era um selvagem ou um lobisomem que não desencantava mais. Um lobisomem encruado, dizia meu padrinho. Levando cordas, armas e mantimentos, Juca Machado meteu-se pela serrania, dormindo muitas noites no mato. Numa delas encontrou o *bicho*, embolou com ele e amarrou-o. Era um negro fugido, que se animalizara de todo vivendo nas selvas e fedia a cães mortos. Tarzã de ébano.

Ninguém conseguia matar a onça que devastava os rebanhos da redondeza e cuja audácia atemorizava toda a gente. Havia anos que ela pintava o sete e escapava a todas as armadilhas e tocaias. Diziam-na até encantada. Certo dia, ao lusco-fusco, passando por um caminho entre o Trapiá e o Egito, Juca Machado lobrigou a fera atravessando o carrascal. A cachorrinha que o acompanhava latiu atrás dela. Embora armado somente com o facão, o velho rompeu o mato, guian-

do-se pelos latidos até chegar a uma furna, em cuja boca a cadelinha acuava a onça. Escurecia. Cortou mais do que depressa uma forquilha e usando-a como forcado, penetrou na gruta e matou a maçaroca.

Quando levou a notícia à fazenda da Lagoa, ninguém acreditou e os Caetano deram-lhe uma vaia. Mas tanto instou que o seguiram até a furna e lá acharam o corpo, pasmos de espanto. A alta, esbelta, encanecida figura do Juca Machado gravou-se para sempre na minha lembrança.

O ALTAMIRO E O JÚLIO

Na última vez que estive na fazenda de meu padrinho, ocorreu um fato desagradabilíssimo que poderia ter as piores conseqüências. Ele foi viajar com o vaqueiro Macário e deixou-me sozinho com Maria da Paz, o Altamiro e o Júlio. Ambos eram uns cabrochas vadios e insolentes. Não tratavam do gado como deviam. Se eu ralhava, respondiam-me com maus modos e até com desaforos. Filhos naturais de meu padrinho, ele os mantinha na famulagem. Conheciam, porém, a sua origem e revoltavam-se. Uma tarde, recusaram-se a tirar o leite das vacas. Quis obrigá-los e me agrediram a faca. A Maria da Paz pôs-se a gritar como maluca. Recuei da alpendrada, onde me achava, cobrindo-me com um tamborete, e consegui, entrando na sala, apanhar um rifle carregado que se achava sobre a mesa. Os dois não se intimidaram e continuaram a avançar. Então, atirei no Júlio. A bala passou-lhe de raspão no ombro, queimando a fazenda da camisa e tostando a pele. Atirei no Altamiro e a bala levou-lhe o chapéu de couro da cabeça. Fugiram pela colina abaixo como loucos e ainda lhes dei uns tiros que esfarinhavam a mica na face dos pedrouços semeados pelo caminho. A Maria da Paz estava de joelhos, rezando. Tratei do gado, jantei, fechei a casa e dormi. No dia seguinte, meu padrinho chegou e contei-lhe tudo. Ouviu-me sem dar uma palavra, chamou os cabrochas que tinham aparecido escabriados, disse-lhes meia dúzia de desaforos e despediu-os do serviço. Pedi-lhe que não fizesse isso.

– Por que? indagou.

– Porque devo ir embora esta semana e quero um deles para meu cargueiro daqui até o Juá.

Meu padrinho compreendeu ser preciso aproveitar a lição de disciplina e resolveu:

– Bem, vocês ficam e o Júlio fará a viagem.

O Júlio viajou comigo em silêncio doze léguas de sertão. Cheguei ao Juá à noite. No dia seguinte, tomei o trem. Ele voltou para o Condado, onde nunca mais pus os pés. Meses depois, embarcava para o Rio de Janeiro. Nas diversas vezes em que tenho estado no Ceará, nenhuma oportunidade se me apresentou de ir para aquelas bandas. Meu padrinho morreu e nada mais me atrai àquela ribeira sertaneja.

Gustavo Barroso, na quebradeira, depois do Carnaval...
Caricatura e xilografia de Gil Amora.

O CARNAVAL NO CEMITÉRIO

Voltava sempre do sertão do Quixeramobim em tempo de passar o carnaval em Fortaleza. Ninguém foi mais carnavalesco do que eu. Logo que fiquei rapazinho, comecei a sair mascarado em companhia do Aquiles, marinheiro da Guarda-Moria. Alugávamos dominós na loja do Albano(1), vestíamo-los no trapiche da Alfândega e dali ganhávamos os bairros da Praia(2) e do Outeiro(3). Lembro-me que uma vez fomos a pé ao extremo ocidental da cidade, a um baile de soldados do 9º de infantaria, na casa da guarda do Paiol da Pólvora, perto da Lagoa Funda. E dançamos até quase amanhecer o dia.

De regresso, para evitar rodeios, pulamos o muro do cemitério por trás(4), atravessamo-lo todo e, quando escalávamos as grades para a rua Mororó(5), envoltos nos dominós amarelos, batiam quatro horas da manhã no relógio da igreja(6). Um leiteiro que passava a cavalo deu um grito e meteu o chicote na alimária, fugindo a galope. Na esquina próxima, um padeiro largou o cesto de pão e abalou. Então, ao invés de irmos embora, eu e o Aquiles nos encolhemos por trás do muro e até cinco horas, quando passava alguém pela rua deserta, fazíamos: – Psiu! Psiu! A pessoa virava-se e nós surgíamos, agitando os camisolões carnavalescos. A carreira não era deste mundo!

---

1 – Situava-se em velho sobradão da esquina nordeste da Rua Maior Facundo com a desaparecida Travessa Pará, onde foi levantado o edifício de muitos andares que abrigou, em seus baixos, uma das Lojas Brasileiras e hoje é sede do Hotel Savanah. – M.S.A.
2 – Praia para o Autor e para os habitantes da cidade naquele tempo era a Prainha. A Praia de Iracema e as demais ainda não haviam sido descobertas como bairros residenciais. – M.S.A.
3- Bairro que compreendia a região da cidade que ia da Praça Cristo Redentor à Rua Pinto Madeira e da Praça Figueira de Melo à de Cristo Rei. – M.S.A.
4 – O cemitério é o de São João Batista. O muro de trás compunha a futura Avenida Filomeno Gomes, em Jacarecanga.– M.S.A.
5 – Rua Padre Mororó. – M.S.A.
6 – O Autor referiu-se, certamente, à Sé. Esta e o cemitério estão ligados pela Rua Castro e Silva, antiga das Flores – M.S.A.

O CLUBE DA LAPIAÇÃO

Nos anos subseqüentes, fiz parte do velho clube carnavalesco da Lapiação, que não sei se ainda existe. Posso dizer que fui mesmo um de seus grandes animadores. Compunha-se da melhor gente do comércio de Fortaleza, homens sérios e conspícuos que gostavam de se divertir no carnaval. De 1907 a 1910, exerci as funções de secretário. Faziam geralmente parte da diretoria Antônio Nunes Valente, João Salgado, Francisco Gomes Parente, João Mac-Dowell, Guerreiro Lopes, Antônio Viana, Álvaro de Castro Correira, Francisco Vieira Sobrinho, George Moreira Pequeno, Joaquim Sá, Augusto Lopes, Vicente Roque, José Vilar, Joaquim Jorge Vieira, Joaquim Magalhães, Raimundo Guilherme, Francisco Barbosa, J. B. de Holanda, Artur Timóteo, Plínio Campos, Marcondes Ferraz.

A serviço da secretaria da Lapiação, punha a minha literatura da época, em primores desta espécie, que apareciam na coluna paga dos jornais, mal chegava do sertão:

"El Rei Abimeleque Pantafaçudo, Chefe Supremo desta Poderosa e Invencível Coorte dos Bravos Lapiadores, determinou em sua alta sabedoria a reunião de seus fiéis vassalos segunda-feira, às oito horas da noite, na sua Régia Habitação denominada Águia de Prata. O nosso sapientíssimo e mui respeitável Soberano condenará às penas infernais os que por ignorância ou má fé não comparecerem no lugar indicado".

Tratava-se da reunião preparatória. Decidia-se em geral fazer pequeno préstito e dar um baile. O préstito compunha-se do Rei e sua Corte, seguido de um ou dois carros, que eu mesmo arranjava e pintava, com uma guarda de honra a cavalo. Em 1909, apresentei-me com Edgard Ribeiro, de fardas de brim branco e capacetes de papelão dourado, verdadeiros dragões da Independência. A idéia do regimento atual, apresentada por mim à Câmara, em 1917, realizada pelo

Exército sem a Câmara, em 1926, nasceu nesse tempo. No baile, dado no palacete da Fênix Caixeiral, eu era sempre diretor do Salão Conspiradores Infernais e comparecia fantasiado de Almirante Barroso, devidamente caracterizado pelo Teófilo Cordeiro, na sua barbearia(1).

O pessoal da Lapiação usava em público pseudônimos carnavalescos. O Presidente João Salgado era Zumbi 93, o Vice-Presidente Mac-Dowell Zumbi 94, o Tesoureiro Vicente Roque Zumbi-Mirim, o Secretário, que era eu, Frei Tigela, o qual anunciava o carnaval gongoricamente em boletins e editais:

"O Poderosíssimo, Mefistofélico e Zabumbático Zumbi 94, Soberano dos antros e cavernas, reis das terras hiperbóreas e dos mundos imaginários, Senhor dos países desconhecidos e dos cumes das montanhas, Chefe dos esquimós, samoiedas e patagões, proclama pelas mil trombetas da Fama e pela voz dos arautos que se aproximam os renhidos prélios da Folia, os combates terríveis de Momo; e ordena que se aprestem para os recontros todos os seus vassalos, visíveis e invisíveis, palpáveis e impalpáveis, fantásticos e incognoscíveis, cavaleiros, dragões, gnomos, bruxas, duendes, avantesmas, gênios e espíritos malignos!"

"O Grandioso, Funambulesco e Poderosíssimo Zumbi 94, Soberano da Folia, Rei dos países imaginários e das supernas regiões da Fantasia, Comandante-Chefe das heróicas falanges dos bravos, denodados e nunca vencidos foliões da tradicional e gloriosa Lapiação, intima a todos os seus súditos para, na noite de 6 de fevereiro, comparecerem ao Palácio da Águia de Prata, seu alcandorado e inexpugnável baluarte, a ali receberem condigna e majestosamente o Imortal Deus Momo, que, ritualmente, derramará sobre todos a excelsa cornucópia da Felicidade e das Graças, do Riso e das Ilusões!".

---

1 - Situava-se nos altos de um sobrado, em plena Praça do Ferreira. Reformado, esse prédio hoje (1987) abriga o Banco Mercantil do Brasil, depois de nele ter funcionado a Flama e a casa Sloper. Tem o nº 484 da Rua Major Fecundo. M.S.A.

O ENCONTRO COM BASTOS TIGRE

Não me bastava o Clube da Lapiação no carnaval. Não perdia os bailes do Clube Iracema, onde Prisco e Peri Cruz davam a nota da elegância. Dançava Lanceiros fantasiado de marquês da época de Luís XV, levando sob as abas da casaca de cetim vermelho *La petite epée en verrouil*, como diz e soneto de Alberto Samain. Era um dos companheiros diletos nas brincadeiras que arranjava Antônio Alves de Carvalho, o Diabão, que tinha a fama de ser o maior carnavalesco da cidade. Após a morte de sua querida e virtuosíssima esposa, Antônio Alves de Carvalho renunciou ao carnaval e se fez padre(1). Morreu, deixando impoluto nome no clero cearense.

No Clube Iracema, nasceu uma sociedade carnavalesca, de que fui um dos fundadores, com João Areias, os Iracemistas. Em companhia de Milton de Carvalho, hoje proprietário da "Capital" no Rio de Janeiro, do Conrado e Raul Cabral, fundei o Grupo Amor Perfeito, que empanou carnavalescamente o brilho da Lapiação e dos Iracemistas. Constituído por moços e moças da melhor sociedade, assaltava as residências de pessoas escolhidas para ali dançar até alta madrugada. Um dia, a casa do João Lopes, na praça do Coração de Jesus; no outro, a vila do Zacarias, em Fernandes Vieira; depois, o palacete de D. Leonília Montenegro, no Parque da Liberdade(2), o do José Vilar, o do Adolfo Barroso e do Gabriel Fiúza.

Em casa deste, à rua Senador Pompeu, fui apresentado a Bastos Tigre, então a serviço do Ministério da Agricultura

1 – Conheci-o, quando ocupante da casinha de duas portas que tem o nº 1.416 da rua Barão do Rio Branco. Meu quase vizinho, portanto. Era irmão do comerciante e banqueiro José Gentil Alves de Carvalho, que deu origem à família Gentil. – M.S.A.

2 – Nesse logradouro instalou-se, na década de 1930, a Cidade da Criança. – M.S.A.

no Ceará. Conversamos bastante sobre a vida jornalística e literária no Rio de Janeiro, para onde eu pretendia vir em breve. Mostrou-me as grandes dificuldades que teria de enfrentar para vencer. Isso não me *furou* o *balão*, antes me acirrou o desejo. Outro que tentou dissuadir-me da empresa foi o meu amigo e antigo colega do Liceu, Dionísio Torres. Vivera no Rio, estabelecido com farmácia na rua Gonçalves Dias, e achava que eu naufragaria. Apontou-me o exemplo de vários naufragados. Nada me demoveu do propósito. Vim e, como Mac-Mahon em Malakof, malgrado tudo, *j'y suis et j'y reste*.

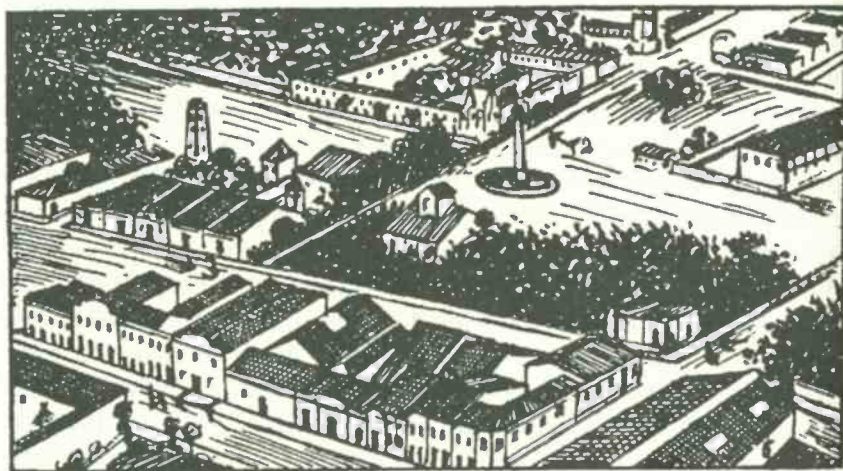
No último dia de carnaval, o grupo Amor Perfeito costumava publicar uma espécie de poliantéia com as notícias de seus brilhantes feitos em papel couché e letras douradas. Milton Carvalho pagava a impressão e eu fazia a literatura. As moças derretiam-se com os elogios aos seus vestidos e fantasias.

Na tarde de domingo gordo, costumava sair fantasiado com meu primo, o poeta Quintino Cunha. Vestíamos roupas de matuto e íamos cantar desafios na Maison Art-Nouveau, à praça do Ferreira(3). Acumulava-se muita gente em redor de nossa mesa, pagando-nos bebidas e charutos. Certa vez, rolava pela imprensa terrível discussão sobre o traço da estrada de Fortaleza a Sobral. Uns queriam que passasse por São Francisco(4), outros pela vila da Itapipoca. Tomamos o caso para assunto de nosso desafio, cada qual se dizendo filho dum desses lugarejos. Logramos extraordinário êxito. O saudoso Dr. Meton de Alencar, que era um dos discutidores, sentou-se ao nosso lado e só nos deixou quando fomos embora. Recordo-me ainda de duas quadras desse desafio:

3 – Esquina sudoeste das mas Major Facundo e Guilherme Rocha. O velho prédio foi demolido e no local se acha o Edifício Granito. No local da Maison Art-Nouveau esteve uma das Casas Pernambucanas e a Broadway. Hoje (1987) é sede da Tok-Discos. – M.S.A.

4 – Hoje Itapajé. – M.S.A.

Barroso:
Um engenheiro me disse
Que na estrada não há risco,
Se passar pelo miolo
Da vila de São Francisco.

Quintino:
Outro me disse que o risco
É mais que extraordinário
Por causa do formigueiro
Da comadre do vigário.

Vista parcial dos bairros do Oteiro e da Prata, em Fortaleza. No meio, o sitio da Terezinha. 1 – Moderna igreja do Cristo Rei no bairro da Aldeota, praça Benjamim Constant; 2 – Igreja da Conceição e Seminário; 3 – Casa de meus primos Bemvinda e Floriano à esquina da rua da Conceição com a do Chafariz, em frente ao terreno onde se erguia a Alfândega Velha; 4 – Rua da Alfândega, onde se passou o episódio dos Buscapés. Havia outrora somente o do velho Telésforo. Os demais foram levantados depois; 5– Antiga casa de Solon da Costa e Silva, depois Recebedoria do Estado, e hortas, agora, muradas; 6 – Venda do português Cruz e rua Boris.
(De uma fotografia aérea).

ÁGUA-BOA

Mal findava o carnaval, mergulhava outra vez no sertão. Não ia mais ao Quixeramobim, mas à Água-Boa, fazenda de meu primo Licínio Nunes, na chamada ribeira do Ceará(1). Quando, ao sair de embastida mata de paus-brancos, além do rio, avistava no fim do largo e espanado terreiro a casa rodeada de alpendres, com seus mourões e portais vermelhos, meu coração se dilatava de alegria. Ali, todos me queriam bem, desde os fâmulos aos donos. Eu a enchia de vida, organizando brincadeiras, contando histórias, desenhando caricaturas, escrevendo contos, fazendo presépios *de sombras* com calungas de papelão que se moviam.

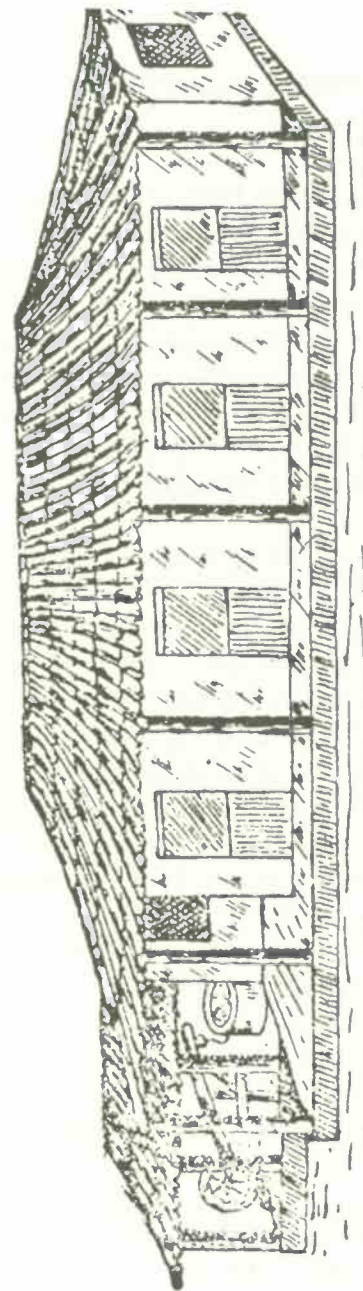
Eu e meus primos João, José e Luís ocupávamos o último quarto à direita, dando sobre a alpendrada, com uma janela para o açude. Ao fundo, no vão duma janela do paiol, arrumávamos as espingardas de caça e na porta de entrada pintei um letreiro que durou muitos anos: *Quartel do Destacamento*. Sentado numa rede, com uma tábua nos joelhos, olhando a copa das ingazeiras que sombreavam a parede de barro do açude, compus em 1909 a novela "João Ferreira", que li em Fortaleza aos meus amigos Dr. José Lino da Justa e Antônio Bezerra de Menezes. Publiquei-a em rodapés no "Jornal do Ceará". Refundi-a a pedido de Monteiro Lobato no volume "Mula sem cabeça". O grande escritor inglês Cunnighame Graham, autor de meia dúzia de obras célebres e meu amigo até morrer subitamente em Buenos Aires, traduziu-a em sua língua, com maravilhoso ***Explanatory Preface***. A casa Heinemann, de Londres, editou-a luxuosamente em papel do Japão, no ano de 1924. O "Times" elogiou-a. Foi o último livro que Joseph Conrad leu em seu leito de morte, segundo diz na derradeira carta que escreveu e

1 – Rio Ceará e não Ceará Estado. – M.S.A.

que vem publicada no volume de sua correspondência. Estranho destino o dessa novela sertaneja! É a fazenda da Água-Boa que descrevo na "Mula sem cabeça", já traduzida em espanhol em Buenos Aires e no romance "Tição do Inferno". Paguei espiritualmente assim minha dívida para com aquela mansão hospitaleira. Paguei-a também materialmente, conseguindo da Inspetoria de Secas(2) a construção ali dum ótimo açude.

Nunca em parte alguma me compreenderam de modo tão completo como ali. Vivia com a maior liberdade, como se fosse minha própria casa, cercado pelo carinho e pela afeição duma santa, minha prima Naninha, hoje velha e cega, que reza ainda por mim todos os dias. Deus lhe pagará. A saudade da Água-Boa viverá eternamente comigo. Basta-me fechar os olhos para ver o açude estendido no sopé das últimas covoadas da Serra dos Negros, onde à noite as onças urravam. Nas suas margens, caçava os irerês, chamados no sertão viuvinhas. Dormia à sesta nas coroas macias do riacho e acordava ao grito dos bem-te-vis.

Muitos e muitos anos depois, estudando os folclores exóticos, li uma lenda cambojiana, em que se conta duma casa, onde pratos, panelas, móveis, tudo tinha idéias e tudo falava. Assim era para mim a casa da Água-Boa. Tudo nela tinha alma, falava-me e eu entendia, como o Mowgli da Jângala a quem o velho urso Baloo ensinara as palavras-mestras da língua dos animais. Eu sabia todas as palavras-mestras da língua das cousas.

2 - Atual DNOCS. - M.S.A.

Casa-grande da fazenda Água-Boa, na Ribeira do Ceará, propriedade de meu primo Licínio Nunes de Melo. Croquis de memória de G. Barroso.

PRIMO JOÃOZINHO

Mais velho dois meses do que eu, meu primo Joãozinho era, na fazenda da Água-Boa e no sítio da Jurucutuoca,(1) o meu amigo de todos os instantes. Caçávamos e cavalgávamos juntos pela ribeira. Íamos ao Saco, à Tucunduba, a São Luís e ao Rodeador. Em São Luís, morava seu tio materno, José Tito Nunes, educado na Alemanha, porém inteiramente adaptado ao meio, muito gordo, lendo os jornais europeus naquele fim do mundo, esparramado numa rede. Fomos uma vez em romaria à cidade milagrosa de São Francisco do Canindé.

Em caminho, pousamos numa humilde hospedaria sertaneja. Antes de servir o almoço, o dono da casa preveniu aos hóspedes que não chegara o comboio de mercadorias esperado e havia falta de sal. De fato, o feijão, o arroz e a carne de bode estavam quase insossos. Que se podia fazer, senão comer assim mesmo? Um caixeiro viajante com destino à capital, vindo de Pentecostes, começou a blaterar grosseiramente contra o atraso da terra e da gente. Foi quando o hospedeiro, em mangas de camisa, com sua longa faca no cós, dele se aproximou e disse com a maior calma possível:

– Moço, quem quer viajar com toda a comodidade no sertão carrega a mãe na garupa.

– Para quê?

E o sertanejo sorridente:

– Para mamar nela.

Uma gargalhada geral e o forasteiro meteu a viola no saco.

---

1 – Já ficou esclarecido que a correta maneira de dizer é jucurutu e Jurucutuoca, corujão e casa do corujão. A corruptela transformou-os em jurucutu e Jurucutuoca. – M.S.A.

Eu me dirigi para o turbilhão do mundo e meu primo Joãozinho casou e viveu no sertão sob as telhas abençoadas da Água-Boa, herdada do pai, onde criou os filhos. Diabético, morreu com pouco mais de quarenta anos e a esposa o acompanhou pouco tempo depois. Éramos compadres e nunca uma nuvem turvou a nossa sólida afeição alicerçada na meninice.

O VELHO JUREMA

Nas terras da Água-Boa morava o velho Jurema, meu amigo, caboclo velho, atarracado e forte, soldado em tempos idos. Em 1937, informaram-me em Fortaleza que ainda vivia na Jandragoeira, para os lados de Soure(1). Desde 1910, nunca mais o vi. Caçador, pescador, plantador de roçados, carapina, curador de bicheiras e feiticeiro nas horas vagas. Tipo curiosíssimo. Grande experiência da vida e as faculdades de exagero do Buldeo de Kipling. Uma delícia conversar com ele ou ouvi-lo contar as histórias da Princesa Magalona e da Imperatriz Porcínia, que correm o sertão e meu amigo Luís da Câmara Cascudo estuda no seu livro "Vaqueiros e Cantadores". Enumerava-me suas ambições, contando-as pelos dedos: casa, feijão, farinha, rapadura, carne de vez em quando e mulher *para a rede não esfriar*. Depois, sobreveste-se e resumiu:

– Eu só queria mesmo um *pé de comida* e um *olho de cachaça* junto de casa.

Quanto a morrer, achava melhor ir ficando por este mundo, que já sabia como era, do que viajar para o outro, que não conhecia.

E acrescentava:

– Pode ser muito pior.

O velho Jurema foi o meu grande mestre de sertanice e de folclore. Tinha um modo seguro e rápido de apertar a minha mão que me agradava. Não gosto dos homens que dão a mão molemente ou fugidiamente, que não sabem reagir ao aperto da minha. Tenho horror a essas mãos de sapo. Se as convenções sociais não me obrigassem a compactuar com certas cousas, jamais falaria com indivíduos de mãos flácidas.

1 – Desde 1943, voltou a chamar-se Caucaia, expressão indígena que quer dizer mato (caa) queimado (cai). – M.S.A.

Suas almas devem ser como essas palmas frias, viscosas e sem vida, incapazes duma ação nobre e desinteressada. Quando por acaso aperto uma dessas mãos, experimento a sensação de que palpei um batráquio e lembro-me do aperto de mão sadio e brusco do velho sertanejo.

Recordo-me de algumas das engraçadas histórias que ele me contava à tarde, quando nos sentávamos de cachimbos acesos num velho banco sob uma latada de palhas, ouvindo o gemido das frondes das carnaubeiras na varjota próxima:

"O sacristão de certo arraial era casado havia muitos anos e não tinha filhos. O vigário da freguesia resolveu realizar ali uns festejos em benefício da igreja e mandou buscar na cidade vizinha uma banda de música, cujos membros vestiam uniformes brilhantes, eram folgazões e logo tomaram conta da localidade. Tempos depois, a mulher do sacristão apareceu *abaulada* e o padre felicitou o marido nestes termos:

– Então o amigo acertou já velho com a casa dos bonecos?

O sacristão respondeu de cabeça baixa:

– Não fui eu, não, *seu* vigário, foram os músicos..."

"Um médico moço foi clinicar no sertão, ignorando a susceptibilidade pundonorosa dos matutos. Chamado para tratar duma senhora, teve de examiná-la em presença do marido, do *dono da mulher*, como dizem.

Mandou que tirasse a blusa e ela obedeceu constrangida, enquanto o marido amarrava a cara. Começou a auscultar-lhe as costas, depois passou a examinar-lhe o peito e, por fim, percutiu-lhe o ventre.

Aí o marido não se conteve mais e disse, descascando dois palmos de faca:

– *Seu* doutor, não se esqueça que a doença da minha mulher *tem de ser* da barriga para cima!"

O CAMINHO DO SERTÃO

Montava a cavalo em Fortaleza cheio de contentamento para ir à Água-Boa. Cinco horas da manhã batiam fanhosamente no velho relógio da Intendência Municipal(1). Leve claridade começava a fazer sobressair da escuridão noturna as linhas claras das arquiteturas. Ao longe, no fim duma rua, ainda um lampião avermelhado entreabria a pálpebra sonolenta.

Ao deixar a cidade, a manhã vinha rompendo e a estrada era como uma faixa branca desenrolada pelos campos verdes. Leiteiros, vendedores de frutas e de lenha passavam por mim, encarapitados nas altas cangalhas, saudando-me com os *bons-dias* tradicionais. Galos amiudavam o canto pelos quintais, como clarins repetindo ordens. E, no áspero empedramento da vila adormecida de Porangaba(2), o galope do cavalo Juriti acordava o nervoso ladrar dos cães.

Passava entre os renques das altas cajazeiras da estrada do Siqueira, ouvindo a alvorada dos galos-de-campina. Na ponte rústica do Maranguapinho, já o sol me envolvia em sua luz quente, enquanto as rolas levantavam entre as carnaúbas o vôo tatalante.

Depois, rareavam os cajueiros e começava a caatinga orvalhada e povoada de árvores. Nos baixios, os bamburrais apojavam umidade, as aguapés floresciam e as pacaviras perfumavam o ar Uma ou outra folha purpurina manchava a monotonia verde dos marmeleiros selvagens. Com as escuras de catandubas erguiam-se acima dos paus brancos e dos toréns alvacentos. A espaços, rompia-se o mato em clareiras

1 – Velho sobrado, destruído na década de 1940, que abrigava a Prefeitura e o Fórum. Compunha, com outros prédios da Edilidade, o pequeno quarteirão circundado pelas ruas Floriano Peixoto, Guilherme Rocha e Major Facundo e pela desaparecida Travessa Pará. – M.S.A.

2 – Seu nome primitivo era Parangaba. Substituído por Arronches, passou a Porangaba e, finalmente, voltou a Parangaba. – M.S.A.

silenciosas e douradas. Marginada de rompe-gibões e de mulungus, a água da lagoa do Jaçanaú sorria em mil rugas de prata ao céu azul. O vôo lento dos socós cortava a paisagem. Dorminhocos lustravam a variegada plumagem pousados nas quiobas. Grasnidos de maracanãs e jandaias vinham dos roçados de milho. Palmeiras perfilavam-se entre as moitas frisadas com os cocares de guerreiros da selva agitados pelo vento.

Inverno lindo! Todos os riachos, córregos, levadas e grotas cantavam a límpida canção das águas fartas. Nos buracos das varjotas, nas arrieiras dos caminhos, nos salgadinhos e nos massapês. O tauá amolecido e encharcado afundava sob as patas do cavalo e respingava-me as botas com estrelinhas de ocre e terra de Sena. Nas palhoças perdidas pela solidão sertaneja, rendeiras quietas, trocando bilros nas almofadas. Nos ribeirões cheios, os cantos das lavadeiras ensaboando a roupa. Aquelas vozes perdiam-se no ar, trêmulas, saudosas e melancólicas como o sussurro dos pendões de milho nas noites de luar, quando as galinhas cacarejam devagarinho nos poleiros, sentindo a vizinhança do guaxinim ou da raposa.

Subia a primeira lombada na ponta da serra da Taquara e lá de cima descobria toda a ribeira do Ceará, o Sertão dos Punarés ou o Sertão dos Ratos dos conquistadores portugueses. Minha vista devassava o vasto plaino que vai dos morros brancos da Itarema de Pero Coelho aos contrafortes do Baturité, mosqueado do mato ralo das caatingas. Uma moldura mais azul do que o céu corria acastelada pelo horizonte; os picos da Taquara, do Maranguape, da Tucunduba e da Jubaia; o dorso altaneiro do Acarape, a corcova do Bacamarte, o cocuruto do Lajeiro, a encosta atorreada da Palmeira, o lombo encurvado do Rato e a cabeça bronca do Gigante; depois, as serras do Rodeador e dos Negros; por fim fechando o círculo, os perfis denteados do Juá e do Camará, separados pelo Boqueirão da Arara. Aqui e ali, serrotas isoladas, *mounds* colossais, ensombrando o buji alto, o junco luzidio, o mimoso sorridente, o panasco verde-claro e o

quebra-panela florido, com vultos esgalhados de catingueiras a lhes subirem pelos declives; o Feijão, o Bode, o Pinhões e o Pão de Açúcar. Por entre as frondes e as jitiranas roxas, nódoas fortes do sol nos talhados de granito empoeirados de mica. No fundo do vale, o rio Ceará corria lentamente, sussurrando nos seixos rolados e nas areias claras das coroas, levando a água colhida nos roques abruptos do Baturité ao antigo ancoradouro dos maracatins do holandês Matias Beck(3).

Como eu adorava aquele sertão! Como ainda o adoro guardado inteirinho dentro de mim!

Caminho do sertão, velho conhecido meu!

Quantas vezes te percorri em busca da fazenda amiga, quando o inverno sorria; em demanda das praias, quando a estiagem chegava! Quantas vezes! A fita ondeante de tua argila clara serpenteava, subindo e descendo cômoros, por entre várzeas e carrascais. Passava a galope, saudando com um riso as árvores conhecidas e os comboieiros que tangiam as alimárias, cujos chocalhos tocavam matinas ao sol ardente.

Quanto te quis! Quanto te adorei! Conhecia a palmo todas as tuas arrieiras, todas as tuas lajes enfeitadas de cardeiros, todos os teus acidentes, e as águas cantantes dos riachinhos que te cortavam pelo meio, e as tábuas apodrecidas de tuas velhas pontes, e as grandes jerematais que te ensombravam as encruzilhadas. Eras maravilhosamente lindo para mim nos dias azuis e ouro do meu querido Ceará e da minha mocidade estuante de vida! As asas dos cabeças-vermelhas, dos canários amarelos e das lavadeiras alvinegras ruflavam a cada passo. Nas águas dormentes das lagoas e açudecos, refletia-se a pureza do firmamento. Na luz intensa, desmaiava o perfil das serranias distantes. A canção apressada dos chorós-chorós enchia as moitas de mofumbo. Muito alto remigiavam urubus, perdidos no espaço. Ao grito de guerra dos gaviões pousados nos galhos mortos respondia o grito de desafio dos bem-te-vis valentes.

3 – O ancoradouro de Matias Beck ficava em frente à foz do Marajaig, atual Pajeú, e não na embocadura do rio Ceará. – M.S.A.

Aljofrado de suor, parava o Juriti ao pé do alpendre tosco duma vendinha e bebia um gole de aguardente ou um caneco de água. Tornava a galopar, respirando o cheiro dos pega-roupa, das favelas espinhentas e das juremas raquíticas cobertas de flores. Caminho do sertão, meu velho amigo! Entardecia e o sangue do sol moribundo derramava-se na transparência das águas paradas. Nas várzeas, por entre os troncos hirtos das carnaubeiras, ao som das harpas eólicas de suas palmas, perpassava o agitado vôo das graúnas que recolhiam aos ninhos. O arrulho gemente das pombas povoava a solidão. E a morte do dia aureolava de luminosidades coloridas os vultos das montanhas que encerravam o horizonte na sua alta muralha escura.

Uma doce tristeza errava no espaço. Todos os rumores pareciam apagados. Como que o dia se retirava da terra na pontinha dos pés. Um vulto de cabocla perdendo-se na sombra das mutambeiras com um pote de água à cabeça acordava em minha alma sentimentos poéticos. Tudo o que me rodeava tinha dezoito anos como eu.

Caía a noite. O luar espalhava mistérios pelo caminho todo. As veredas que se apagavam entre os arvoredos e os cactos pareciam de prata e de prata polida era cada tronco ressequido que o machado esquecera entre os marmeleiros e o matapasto. A magia da luz branca transformava em jóias a folhagem dos toréns e das carrapateiras. As palmas dos catolezeiros refulgiam como se fossem de metal. Se a orquestra dos sapos *foi-não-foi* se calava, ouvia-se nos mocosais a gargalhada da mãe-da-lua ou o guaiado das raposas vadias. Os oitões caiados das casas sorriam banhados de luz. A minha frente, os bacuraus avoejavam. E eu tinha vontade de te beijar como uma namorada, caminho do sertão.

Prefiro, no entanto, esquecer as vezes que caminhei sobre tua face encandecida pelo sol da seca, entre os braços negros e suplicantes das caatingas mortas de sede, olhando as taperas tristes, ouvindo o lamento do gado faminto, sentindo os olhos cheios de água no meio da desolação. Sofri também contigo, caminho do sertão!

Passei longos anos sem ver-te, mas um dia de novo os fados me puseram entre tuas dilatadas molduras. Achei-te o mesmo, com as mesmas árvores e as mesmas sinuosidades, com os mesmos carnaubais e os mesmos atoleiros, com os mesmos nomes – Siqueira, Jaçanaú, Urucutuba, Taquara, Craussanga, Salgadinho, Tucunduba, Maniçoba, Feijão, Umburanas, Pão de Açúcar, Água-Boa – e quase a mesma gente – O Mané Braz, o Chico Matos, o marinheiro Cordeiro, o Zé da Rocha e o Zé Lixandre.

Vendo-te, sentindo-te, respirando outra vez o perfume de tua alma agreste, remocei vinte e muitos anos, passei por ti com o mesmo encanto e o mesmo deslumbramento da minha mocidade. Caminho do sertão, meu velho conhecido, meu velho amigo, meu velho confidente!

II

OS TABULEIROS E A PRAIA

À memória de meu amigo
Mister John Myles

O CAMINHO DOS TABULEIROS

Minhas férias na Academia eram maiores do que as do Liceu, contando-se de novembro a março. Desde 1906 começara a ganhar minha vida e fazia o que bem me parecia. De janeiro a março, excetuando a semana do carnaval, passava no sertão. Era o começo do inverno. Reservava novembro, tempo dos cajus, aos tabuleiros da Jurucutuoca,(1) dezembro, à serra de Baturité. Sentia-me imensamente feliz nessa época.

Na Jurucutuoca, meu primo Joãozinho e eu formávamos excelente *par de galhetas*. Íamos todos os domingos à missa em Mecejana, tomávamos café em casa do velho Timbira e excursionávamos pelos arredores, sós ou com outros rapazes como nós. Eu montava o árdego e passarinheiro Juriti, ele o Meladão, animal de primeira ordem, arreados com mantas cabeludas de pele de bode. Organizávamos pescarias no Sabiaguaba, visitávamos os arraiais de ciganos do Eusébio e desmanchávamos a pau e a faca os sambas da Lagoa Redonda. Ninguém podia conosco.

No correr do ano, de mês, arranjava um cavalo emprestado ou alugado e ia passar do sábado à segunda-feira no sítio de meus primos Baima, o Curió, ou no de minha família, o Itambé, com os rendeiros Gonçalo e Chica. Deixava a cidade de madrugada, tomava café com pão no botequim do Teodoreto, na Estação de Bondes(2), e galopava pela larga estrada real(3).

Do Alto da Balança meu olhar se espraiava pelos tabuleiros que ondulavam a perder de vista, borrifados de moitas crespas, pelas úmidas várzeas, onde as carnaubeiras se alinhavam como a colunata de imensa sala hipostílica; alongava-se até as cercanias da praia, na foz do rio Cocó, balizada

---

1 – Já ficou dito que a verdadeira designação é jucurutuoca, casa do corujão. – M.S.A.

2 – A estrada ligava Fortaleza a Mecejana. – M.S.A.

3 – Ponto do município, próximo da atual Base Aérea de Fortaleza. M.S.A.

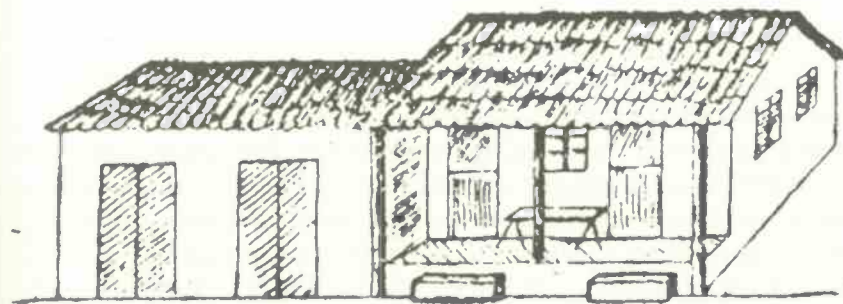
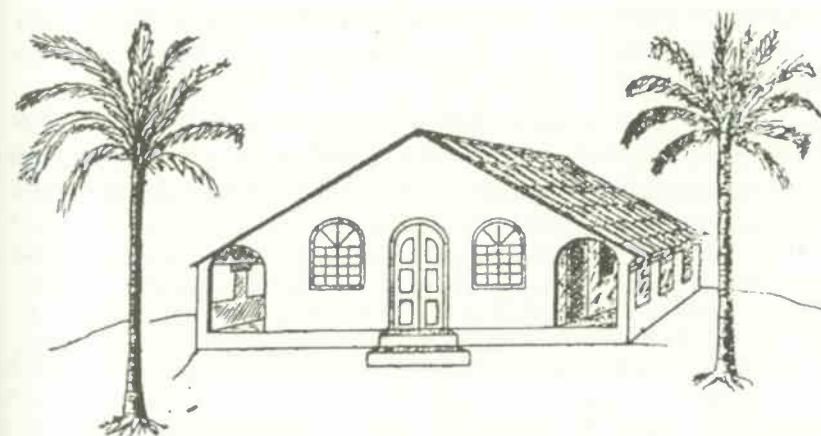
de morros alvacentos que limitavam as massas de verdura, reluzindo e faiscando ao sol. Longe, avultava na intensa vibração da luz denso zimbório de folhagem, domo colossal de ramas e de galhos, altiva cúpula verde, dominadora das vegetações – o Cajueiro do Moura.

Era o pouso predileto de minha vista, quando esmiuçava tabuleiros e várzeas. Lembrava-me o famoso castanheiro siciliano de Joana, a Louca, a cuja sombra se abrigaram cem cavaleiros, ou a árvore gigante de que fala Pero Vaz Caminha, que os marujos das caravelas avistaram, pensando fosse um monte, ao descobrirem o Brasil. Gostaria de dormir o derradeiro sono à sombra daquele cajueiro.

Depois do Alto da Balança, estendiam-se as várzeas do Cocó.

Egito? Mesopotâmia?

As duas interrogações caiam-me sempre dos lábios diante daquela paisagem. As vistas do Egito e da Mesopotâmia, de seus palmeirais embastidos, eram-me familiares através dos volumes do "Le tour du mond". A terra, escura e úmida, fendia-se em veios de água que se iam perder nos braços do rio. As carnaubeiras esbeltas e tristes, com suas gementes frondes arredondadas, perfilavam-se no ar macio e fresco, inclinando-se nas barrancas lamacentas ou se agrupando em touceiras artísticas. Aqui e ali, manchava a verdura dos pequenos capões de mato o vulto pardusco das choupanas dos caboclos. O passaredo alegre e saltitante povoava de cores, de pipilos, de assobios, de gorjeios e de asas ruflantes o carnaubal imenso: rolinhas, bicudos, corrupiões, galos-de-campina, chorós-chorós, salta-caminhos, sanhaçus, vem-vens, bicos-de-latão e bem-te-vis.

A glória do sol matutino banhava de ouro as várzeas magníficas. A púrpura do ocaso arroxeava os troncos das carnaubeiras e o vento da tarde plangia saudoso em seus leques verdes. Depois, a lua fazia de cada caule um fuste de prata, de cada fronde um penacho esbranquiçado, do charco um tapir de pedraria e das águas quietas espelhos venezianos. Cada hora dava a esse carnaubal, cuja saudade mora comigo, um encanto novo que talvez só os meus olhos soubessem ver.

Casa-grande do sítio Curió. Mecejana, construída por meu bisavô paterno, o capitão-mor João da Cunha Pereira em 1835. Croquis de memória por Gustavo Barroso.

Casa-grande do sítio Itambé. Mecejana, construída por meu avô paterno, o capitão José Maximiano Barroso em 1857. Croquis de memória por Gustavo Barroso.

CHICO CAMINHA

Ali em frente, numa casa baixa, de larga alpendrada, que ainda existe, ficava a venda de meu amigo Luís Cândido, antigo gerente da casa comercial de Francisco Ribeiro Bertrand, apelidado o Coringa. De volta dos tabuleiros da Mecejana, detinha-me nela ao anoitecer e ficava até muito tarde, *batendo o papo* com Luís, espichados nas redes. Contava-lhe histórias dos caboclos dos sítios de onde vinha. Ele comentava o que se passara em Fortaleza: o desastre do balão do Pereira da Luz, que estava recolhido ao hospital; a passagem do José Acióli para seu sítio da Boa-Vista(1), pertinho, no Passaré(2), antiga lagoa dos Cachorros(3); o assassínio do dentista Inácio de Loiola pela Etelvina Rosas, ou anedotas do negociante Chico Caminha, dono da loja "A Republicana", que fora dos italianos Braz Brando & Sobrinho.

Luís Cândido conhecia-o do tempo em que vivera no comércio de Fortaleza, no balcão do velho Coringa, quando ele se estabelecera à rua Major Facundo, na antiga loja do Benjamin Gurgel.

– Uma vez – dizia – estava tomando meu cafezinho no Café do Comércio(4), quando o Caminha chegou e se pôs a conversar com o Zé Moreira e o Antônio Barrigudo. Falou no

---

1 – O sítio Boa Vista ainda hoje (1987) existe, pertencente à Santa Casa, embora desmembrado. Uma parte foi vendida a Alberto Craveiro, que a passou a seus herdeiros. Outra foi desapropriada pelo Estado para nela ser construído o Estádio Plácido Aderaldo Castelo, o "Castelão". Finalmente, outra foi cedida à Arquidiocese, que nela construiu o novo Seminário.

2 – Passaré, "lagoa da passagem" (entre Parangaba e Mecejana), sesmaria concedida pelo Príncipe Regente, depois João VI. Pertence à família da esposa do Dr. Raimundo Girão, que muito trabalhou pelo progresso da região. – M.S.A.

3 – Ainda hoje existe, em frente ao "Castelão". – M.S.A.

4 – No canto noroeste da Praça do Ferreira. – M.S.A.

bom negócio que fizera com a compra da loja "A Republicana" e concluiu:

– Se este ano tiver os mesmos lucros, ou me caso ou compro um cavalo de sela para passear.

Outra vez fez parte duma comissão da Associação Comercial encarregada de apresentar uma reclamação ao Presidente do Estado contra o imposto de 3% sobre os lucros anuais, que tornou o velho Acióli muito impopular e deu asas à oposição. A campanha dos jornais desta foi terrível e o órgão oficial, "A República", escrevia: "Foi chamado ontem de Maranguape o dedo mágico do sr. Agapito para operar a fantasmagórica transubstanciação dos saldos do Tesouro". Os outros membros da comissão, conhecendo bem o Caminha, recomendaram-lhe expressamente que não desse uma palavra durante a entrevista. Ele cumpriu a ordem à risca e não abriu o bico; mas, no fim da conferência, o velho Acióli perguntou:

– Então, sr. Caminha, por que não diz nada, não dá sua opinião?

E ele:

– Estou proibido, doutor!

Mas a melhor de todas era esta:

Dona Pastora, viúva e pobre, criara com grandes sacrifícios um filho único, o Robertinho, que era a menina de seus olhos. Franzino e pálido, crescera entre chás e flanelas, cataplasmas e mezinhas. Fizera os preparatórios com brilho, matriculara-se na Faculdade de Direito e publicara sonetos. Dona Pastora falava dele com enlevo:

– O meu Robertinho, acadêmico e poeta!

Fez-se bacharel e era a grande esperança da mãe. Mas, de repente, uma tuberculose galopante o levou deste mundo. Dona Pastora quase enlouqueceu de dor.

Realizou-se o enterro a que compareceu quase toda a cidade penalizada. Na véspera da "visita de cova", a Fênix Caixeiral, em reunião da diretoria, resolveu mandar uma comissão dar pêsames à infeliz senhora. Nela foi incluído o Caminha. Eram três. Recebidos na pequena sala de visitas,

ouviram a viúva lamentar aquela morte prematura que a deixava inconsolável, elogiando entre soluços e lágrimas o filho falecido:

– Tinha muito talento, coitadinho! Muito talento mesmo! Fazia sonetos muito bonitos. Falava bem numa sobremesa. O dr. Acióli já havia prometido fazer o Robertinho deputado na primeira ocasião...

O Caminha interrompeu-a com sua voz grossa.

– Federal ou estadual, minha senhora?

O PEIXOTÃO

Luís Cândido conhecia quase toda a gente de Fortaleza e as histórias que corriam a seu respeito. Lembro-me de uma, engraçadíssima, sobre o Peixotão, Raimundo Carlos da Silva Peixoto, escrivão do júri e rábula nas horas vagas. Vozeirão de trovoada. A barba varrendo a cintura. Escrevia diariamente na *tribuna popular* da "República" umas moxinifadas divididas em séries e numeradas com letras romanas, sob o título de "Bilhetinhos". Terminavam sempre com uma mofina contra seu inimigo pessoal Francisco Plutarco Fernandes Vieira: "Não foi, Plutarco?" "Que dizes a isso, Plutarco?" Depois vinha a frase alterada do Panúrgio de Rabelais: "Tudo vai bem no melhor dos mundos!"

Uma feita, o promotor de justiça, acusando veementemente um assassino, exibiu aos jurados o "instrumento do crime", pontiaguda faca com que várias vezes cruelmente espetara a vítima. O Peixotão disse para os circunstantes, em voz baixa:

– Se o crime fosse de defloramento, ele faria isso?

Em 1937, encontrei Luís Cândido na cidade de Cascavel, aonde fora realizar uma conferência. Achei-o avelhantado e doente. Abraçamo-nos e relembramos com prazer aquelas noites deliciosas em que ficávamos nas redes, diante da várzea do Cocó, onde pestanejavam os vaga-lumes, a contar histórias.

O VESTIDO COR-DE-ROSA

No último ano que passei no Ceará antes de emigrar para o Sul, estive durante o Natal na Jurucutuoca(1) e foi um Natal bem triste. De volta da missa do galo na Mecejana, eu e meu primo João demos um passeio a cavalo pelos taboleiros das proximidades. Galopamos pelas sinuosas veredas brancas que se cruzavam e recruzavam em arabescos e labirintos, no meio dos coaçus e muricizeiros. De vez em quando, a copa dum cajueiro frondoso enchia o espaço e o perfume de seus frutos maduros boiava no ar. Aqui e ali, os fustes dos coqueiros dominavam a vegetação rasteira e esparsa.

Às vezes, o terreno plano e arenoso de repente corcoveava, endurecido em tabatinga ou barro vermelho, debruava-se, enrugava-se numa ribanceira, dando para uma vazante, um alagadiço, uma beirada de levada ou de lagoa. E, logo, o gemido aflautado e triste dos leques das carnaubeiras, tangidos devagarinho, como violas, pelos dedos do vento, nos enchia os ouvidos.

No frescor que anunciava a madrugada, sentia-se o leve gosto salino do mar que rolava perto, na barra do Pacoti, por trás dos alvos morros do Sabiaguaba. Rareavam os bacuraus saltitando à frente de nossos cavalos marchadores: O Meladão e o pobre Juriti, destinado, por gostar de saltar comigo, a morrer espetado numa estaca de sabiá nas cercas da Precabura.

Nosso rodeio levava-nos a um terreiro conhecido e freqüentado, o do Gonçalo carapina, montador de prensas e bolandeiras, que vinham chamar de longe, do Cascavel e até do Jaguaribe. Não era absolutamente ele quem nos atraía com sua cara de sapoti murcho ou de maracujá de gaveta, com sua conversa mole e desenxabida, com o café aguado que servia às visitas, com sua casa de taipa e telha toda pen-

1 – Corruptela de jucurutuoca, casa do corujão. – M.S.A.

sa e rachada, coberta só numa água, faltando a outra e fazendo a vez de telhado a rama precária do melão de São Caetano. Porque depois que lhe dera um *ar-do-vento* (Ave Maria!), que lhe empenara um braço, logo o direito, o carapina roía os ossos da miséria. Quem nos atraía eram suas três filhas: Raimunda, Maria e Vitória, de pele morena e lisa como as frutas do mato, de olhos escuros e vivos como os dos bichos do mato. A mais velha, Raimunda, tinha dezoito anos. As outras, daí para baixo. Nós dois mal chegávamos aos vinte. Está tudo explicado.

Conhecíamos aquelas três Graças pelo favor do acaso. Passando pela estrada próxima, dávamos com uma ou outra carregando o pote de água à cabeça, toda coberta de trapos e molhada. Baixava os olhos e respondia sumidamente ao nosso bom-dia. Chegando inopinadamente a cavalo, ao rompermos do mato, fazíamos com que fugissem a toda do roçado onde trabalhavam. Ou, ainda, beirando um valado ou uma cerca, víamos uma tirando leite duma cabra. Esquivas como pássaros.

Se visitávamos o pai no casebre, nunca as víamos juntas. Suportávamos a conversa maçante do velho até ele pedir café. Aparecia sempre uma só, com a cabeça encravada nos ombros e os olhos sumidos no chão. Fingíamo-nos distraídos e, virando-nos de repente, verificávamos que suas pupilas nos estavam examinando. Sentíamos também que outras pupilas nos espiavam pelas frinchas da parede da camarinha. Às vezes, vinha dali leve rumor de cochico ou duma risadinha abafada.

Sorvíamos lentamente o cafezinho pálido com gosto de rapadura e manjerioba. Quando depúnhamos as xícaras de *ágata* sobre uma mesinha tosca, único móvel da sala, além de dois tamboretes de amarelinho e uma rede, a mesma rapariga voltava ou surgia outra para levar a louça.

Criados naqueles tabuleiros, filhos, netos e bisnetos dos donos daquelas terras, antigos concessionários de sesmarias, fundadores do município, desbravadores das matas, fecundadores do deserto, aldeadores de índios mansos, vivíamos em verdadeira comunhão com aquela população

tradicional e como que parada no tempo e no espaço, vegetando feliz e silenciosa na paz dos ermos banhados de sol. Andávamos por ali tudo, freqüentávamos todas as casas, conhecíamos toda a gente, dançávamos em todos os sambas, não faltávamos a casamentos e batizados, e interessávamos naturalmente a todas as moçoilas casadouras. Onde quer que chegássemos, todas apareciam e, apesar da timidez natural e do tradicional recato das roceiras, umas até podiam se considerar *oferecidas*. Menos as três filhas do velho Gonçalo carapina: Raimunda, Maria e Vitória.

Essas somente se viam de surpresa. Em casa, vinham chamadas pelo pai, uma a uma. As três juntas, nunca. Pelo menos duas, também não. E havíamos notado que usavam o mesmo vestido de *chita de olho*, cor-de-rosa, com bolas brancas, um tanto desbotado, de feito antigo, mangas de presunto, papos caídos, três ordens de babados, um nunca acabar de pregas e franzidos. Seriam três vestidos iguais, feitos da mesma fazenda e pelo mesmo molde para as três irmãs, como é costume em muitas famílias? Não. Ficava um pouco curto na mais alta, que era a Maria, e demasiado comprido na mais baixinha, que era a Raimunda, a primogênita. O vestido cor-de-rosa era um só, o único vestido apresentável naquela casa paupérrima. Havia até quem dissesse que fora da defunta mãe das meninas. Por isso, as coitadinhas só podiam nos aparecer uma a uma.

Naquela noite de Natal, a lua derramava sua prata imponderável, poeira de luz e de mistério, naqueles tabuleiros poéticos, borboleteando nas rugas sutis das águas tranqüilas, dissolvendo-se no ar puro como suave perfume, escorrendo pelos fustes das palmeiras e vestindo de fantasma branco cada tronco de árvore morta. Na deliciosa suavidade noturna, os cavalos baixavam a cabeça e demoravam o passo macio. De repente, o encanto do silêncio e da luz perfumada se quebrou: um cão começou a uivar desesperadamente, funebremente, sem parar um instante. Era de arrepiar!

Ao nos aproximarmos da casa do velho Gonçalo, encontramos muitos homens e mulheres pelas veredas, seguindo o mesmo rumo. Moradores daqueles sítios pareciam ir a uma reunião, a um *adjunto*, como dizem. Fomos andando e verificamos que havia velório na moradia do carapina. Morrera uma das meninas, a mais moça, Vitória. Soubemos disso num grupo dos roceiros, já ao pé da habitação.

– De que morreu, que mal *pregunto*? indagou um deles.

– *Diz que* duma espinha que amalinou. Foi da noite *pro* dia.

A casinha humilde estava cheia de mulheres. Os homens apinhavam-se no terreiro. Às vezes, cantavam benditos. Esperavam a manhã para o enterro. Abraçamos o Gonçalo que chorava muito e demos uma olhadela ao copiá. O corpo da rapariga achava-se deitado numa esteira sobre o chão batido. Ardiam-lhe duas velas de carnaúba à cabeceira. Em volta, lábios femininos rezando. Estava com o vestido cor-de-rosa, único decente que a família possuía. Com ele foi para o cemitério da Mecejana, ao romper o dia, dentro duma rede pequenina, carregada aos ombros dos caboclos que sincronizavam o passo pelas veredas branquicentas, gritando:

– Cheguem, irmãos das almas!

De todas as casas saíam homens e mulheres, os homens para carregar a defunta, as mulheres para rezar por sua alma. Cabisbaixos e tristes acompanhamos o enterro humilde e, assim, terminou nossa noite de Natal, a última que passei nos tabuleiros. A vida atirou-me pouco depois para muito longe. Doze anos depois, voltei e indaguei que fim tinha levado a família do Gonçalo.

– Ele morreu no *quinze*(2).

– E as filhas?

O Miguelzinho Ramalho, meu informante, respondeu:

– A Maria foi trabalhar na capital, na fábrica de tecidos, e ficou toda esbagaçada debaixo dum bonde, Virgem Maria! *Diz que* nem se sabia o que era osso ou o que era carne! A

---

2 – Costume matuto de batizar as secas: dois setes, três oito, dois zeros e, simplesmente, o quinze, como o Autor explicou em páginas anteriores. – M.S.A.

Raimundinha embarcou com um paroara, que virou a cabeça dela, para o Amazonas. O Zé Venâncio, que veio de lá no outro ano, contou que ela ia numa canoa que afundou no igarapé do barracão e os jacarés comeram a *desinfeliz*...

Fiquei pensativo, lembrando-me daquela triste noite de Natal em que vira a pobre Vitória levando para o túmulo o vestido cor-de-rosa das três. As outras duas não puderam ser vestidas depois de mortas. Até na morte as coitadinhas estavam destinadas a ter um vestido só!

MEU PAI

Em Fortaleza, eu não vivia mais no sobrado da rua Major Facundo(1), mas no arrabalde do Benfica, no sítio da Baixa-Preta(2), em companhia de meu pai e de meu padrinho. Meu padrinho estava mais tempo comigo, sobretudo á noite, porque meu pai gostava de jogar e chegava tarde. Somente o via ao amanhecer. Muito paradoxal, tinha *boutades* interessantes. Apontava constantemente os erros da divindade ao fabricar o homem: barriga da perna para trás e osso na frente para se dar caneladas: dez dedos inúteis nos pés, fábricas de calos, e outros órgãos mais preciosos no singular... Repetia diariamente episódios de quando, na mocidade, andara destacado pelos sertões a pegar criminosos. Lembro-me bem dos índios e do querosene.

Fora em Missão Velha, no ano da Graça de 1867 ou 1868. Havia ali um resto de tribo mansa. Um dia, os caboclos vieram visitar o acampamento dos soldados. Meu pai pediu ao ordenança lhe trouxesse uma garrafa de aguardente que se achava numa canastra. O soldado trouxe-a. Meu pai despejou seu conteúdo em um copo e ofereceu-o ao chefe dos índios. O caboclo cheirou e recusou. Meu pai insistiu:

– Beba! É cachaça muito boa.

O índio esvaziou o copo e foi embora. Daí a pouco meu pai ouviu os soldados exclamando:

– Sai daqui de perto de mim, caboclo desgraçado! Vai-te embora, diabo!

Chamou o cabo:

– Porque estão os soldados afugentando o índio?

– *Seu* Tenente, o caboclo danou-se para arrotar e não há quem agüente. Parece um candeeiro!

---

1 – Velho sobradão, hoje derruído para no local levantar-se o prédio que tem a numeração 160-170 da Rua Major Facundo. Aproveitou, também, para isso o terreno do sobrado vizinho, lado norte. – M.S.A.

2 – No Bairro do Benfica, já nas proximidades da Avenida Tristão Gonçalves e na altura da Rua Senador Catunda. – M.S.A.

O ordenança enganara-se e trocara a garrafa de cachaça pela de querosene.

Toda a cidade conhecia as pilhérias de meu pai. O Antônio Fiúza espalhava-as por toda a parte, imitando-lhe admiravelmente os gestos e a voz. Uma das melhores era esta:

No sobradinho do Filinto Teotônio, à esquina das ruas Senador Alencar e Formosa(3), costumava haver um joguinho de pôquer à noite. Certa madrugada, meu pai estava lá jogando, quando começou a chover e trovejar, relâmpago atrás de relâmpago e água às cataratas. Um dos parceiros sorveu um cálice de aguardente por causa da friagem e disse:

– O melhor que temos a fazer é jogar até amanhecer. Sair com este tempo não é possível.

Meu pai, que estava ganhando, não gostou nada da proposta; mas fez-se de desentendido e propôs a terminação do jogo. Todos protestaram que não e decidiram só sair quando a chuva parasse. Durante umas três paradas, meu pai ainda ganhou, porém de súbito a sorte virou e começou a perder. Se continuasse, iria embora todo o seu lucro. Então, uma idéia iluminou-lhe o cérebro. Levantou-se dizendo:

– Deixem-me ver em que param as modas.

Aproximou-se duma janela e escancarou-a. A luz rubra dos contínuos relâmpagos clareou várias vezes a sala.

– Fecha isso! Gritaram os outros.

Ele não fechou e em altos brados invectivou a divindade, enquanto rolavam os trovões ameaçadores:

– Deus, ó Deus, se em verdade existes, manda já um raio nesta casa de viciados e castiga duma vez esta canalha!

– Estás maluco, criatura!

– Cala a boca!

---

3 – Esquina noroeste das mas Senador Alencar e Barão do Rio Branco, onde se situou, em priscas eras, o Matadouro da capital cearense. construído no local, em 1906, o belo sobradão ainda hoje existente, embora mutilado, nele funcionou o Clube dos Diários e, depois, uma pensão de mulheres (altos) e o Banco dos Importadores (baixos). Hoje é totalmente ocupado por uma agência do Banco do Estado do Ceará – M.S.A.

– Fecha a janela!

Ele continuou, iluminado pelos relâmpagos:

– Deus, se és mesmo Deus arrebenta a raios esta joça, este antro de perdição! Não creio, porém, que tenhas poder para tanto...

E desandou a blasfemar. Quando se voltou para trás, a sala estava deserta. Os jogadores tinham fugido uns atrás dos outros, arrostando o temporal. Nem o próprio dono da casa achou para fechar a porta, quando saiu contente, tendo salvo o rico dinheiro que ganhara. Bateu-a com o trinco, murmurando:

– São uns bestas!

MENELIK

Meu padrinho era de outro feitio. Muito macio, muito calmo, muito agarrado ao dinheiro, mas de amável convívio. Gozava a vida a seu modo, ajuntando os vinténs. Contava-me todos os dias histórias da guerra do Paraguai, onde fora ferido na batalha de Itororó. Tinha a mania de andar a cavalo que eu acoroçoava para tirar proveito. Graças a ele, consegui realizar a aspiração de montar o mais belo cavalo de Fortaleza.

O Governo Estadual encomendara no Sul uma parelha de trotadores meio-sangue, negros como azeviche, para o landau oficial do Presidente(1). Entregues ao esquadrão de polícia, os animais foram metidos nas baias sem o menor cuidado. O chão calçado de pedrouços pontudos maltratou-lhes os cascos. Adoeceram. Um morreu. O outro ficou que mal podia andar. Posto em leilão, aconselhei meu padrinho a arrematá-lo por oitenta ou cem mil reis, responsabilizando-me pela sua cura. Como se tratava de quantia relativamente pequena, ele cedeu.

No terreno arenoso do sítio fiz um cercado sob frondosa mangueira e ali pus o pobre bicho. Alimentei-o regularmente e desinfetei-lhe todos os dias os cascos com uma solução de creolina. Em três meses estava outro, gordo e forte, pronto para ser novamente ferrado. Dei-lhe o nome de Menelik e tanto se acostumou comigo que entendia o que lhe dizia, só faltando falar. Meu padrinho passeava nele pelas manhãs; eu, à tarde. O pêlo sedoso e negro luzia ao sol, erguia elegantemente a cabeça e largava num trote largo e macio. Media nove palmos do casco a sarnelha. Toda a gente o invejava. Uma vez, na festa do Bom Jesus, em Arronches(2), a rapaziada da vila, vendo que, montado nele, monopolizava a atenção das moças, resolveu dar-me uma surra, à noite, na estrada, em frente ao sítio do Albano(3). Quatro ou cinco esperaram-me, armados de paus. Meti-lhes o Menelik em cima que foi um estrago.

1 - Até 1930 o Chefe do Poder Executivo usava, no Ceará, o título de Presidente e não de Governador do Estado. - M.S.A.

2 - Designação que à povoação de Parangaba foi dada após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal. Em 1943 voltou a denominar-se Parangaba depois de ter sido Porangaba, que significa outra coisa. Parangaba é ajuntamento de lagoas. Porangaba é beleza. M.S.A

3 - Quase à entrada de Parangaba, lado direito de quem lá chega. Hoje abriga uma agência do Banco do Estado do Ceará. Tem o nº 14 da Rua 7 de Setembro (continuação da Avenida João Pessoa). - M.S.A.

LADY GODIVA

O vício da sovinice transformou um dia meu padrinho em Lady Godiva, aquela que andou nua em cima dum cavalo pelas ruas duma cidade inglesa, a fim de livrá-la de pesados tributos. Voltava ele a cavalo pela manhã dum passeio ao Mucuripe e, na então deserta praia do Meireles, resolveu dar um banho de mar no Menelik. Chamou um pescador que passava:

Quanto quer você, freguês, para me lavar este animal?

– Dois mil réis.

– Está louco? É um despropósito, um roubo! Só dou um cruzado, quer?

O homem deu de ombros e foi embora. A mesma cena se repetiu com mais quatro ou cinco. Meu padrinho, afinal, resolveu ele próprio dar o banho no Menelik. Tirou-lhe os arreios, despiu-se, pôs tudo aquilo sobre o estrado duma jangada, passou com o cabresto uma focinheira no cavalo e montou nele em pêlo, impelindo-o para a água. O Menelik entrou no mar refugando. Uma vaga mais forte bateu-lhe pelo focinho e espantou-o. A focinheira desatou-se e o cabresto escorregou pelo pescoço abaixo. Meu padrinho não o pôde mais governar. Então, saiu aos pinotes, desembestando praia afora na direção da cidade. Apavorado com a perspectiva duma queda perigosa, o cavaleiro nu agarrava-se como podia às crinas, gritando por socorro.

Como um raio, o cavalo atravessou o arraial do Porto das Jangadas(1), galgou a duna do Mestre Chico(2), passou pela guarda da Alfândega e enfiou pela rua do Chafariz(3). Aquele homenzarrão moreno e barrigudo bradava de cima dele, angustiado:

1 – Ou Praia de Peixe, ou Praia dos Pescadores, para ser, afinal, a Praia de Iracema. M.S.A.

2 – Então existente no início da Avenida Almirante Barroso, logo após a Praça Almirante Saldanha, na Prainha. M.S.A.

3 – Atualmente Rua José Avelino. M.S.A.

– Fecha as portas, gente! Sai das janelas, gente!

À esquina da ladeira das Escadinhas(4), populares e guardas cívicos cercaram e detiveram e animal resfolegante. Uma alma caridosa emprestou uma coberta de tacos e, enrolado nela, meu padrinho foi levado ao Posto Policial, onde tudo se esclareceu. Mas quando voltou ao Meireles em busca dos arreios e da roupa, tinham furtado tudo. Quase chorando, ele dizia que, no bolso das calças, trazia três notas de cem e uma de cinqüenta novinhas! Foi quanto lhe custou ter achado caro dar banho num cavalo por dois mil réis.

Em 1908, meu padrinho resolveu visitar a Exposição do Rio de Janeiro. Vendeu o Menelik, que, infelizmente, eu não podia comprar, por seiscentos mil réis. Sofri muito com isso e deixei o sítio para morar numa república de estudantes. Não suportava ver a estrebaria vazia. Não tinha a quem recorrer para poupar-me essa dor. Como outras iguais e maiores, devorei-a sozinho. Fiquei triste muito tempo. Minha tristeza é feita de centenas dessas tristezas. Posso dizer com a poetisa:

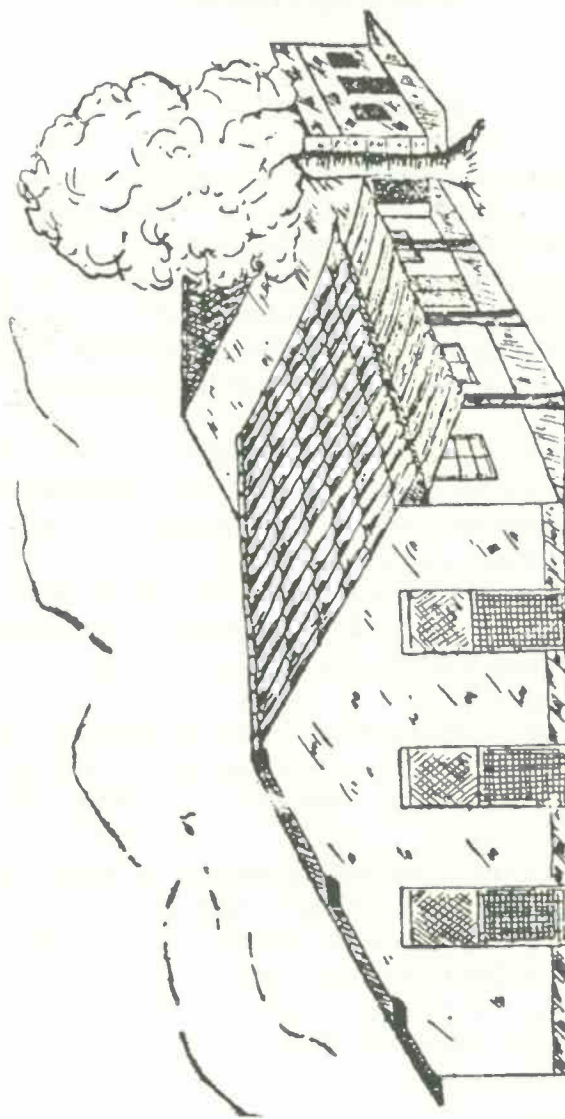
"Sou triste, porque sonhei
Cousas inalcançáveis!"

Decorreram seis anos. Em 1914, quando Secretário do Interior e Justiça no Ceará, desejei comprar um cavalo. O alquilador Raimundo Vale ofereceu-me um meio-sangue, muito bonito, dizia ele, e preto como uma graúna. Era o Menelik. Chamei-o pelo nome e relinchou contente. O dono pedia por ele um preço que estava além de minhas posses: um conto de réis. Eu ganhava, como Secretário de Estado, oitocentos mil réis mensais. Acariciei-lhe o pescoço e lamentei não poder adquiri-lo, embora velho e sem a grande beleza de outros tempos.

4 – Hoje, Travessa Baturité. M.S.A.

A BAIXA-PRETA

A vida no sitio da Baixa-Preta corria suave e tranqüila. Meu pai ocupava um quarto num dos extremos do casarão que meu avô germânico construíra. Eu, outro, no extremo contrário. Meu padrinho, um, no centro, ornamentado de quadros com nus artísticos. O meu tinha uma porta de saida no oitão e uma janela sobre a varanda, mobiliado com uma rede, um cabide, um baú, uma mesinha e uma estante de livros. Em frente, um coaçu frondosíssimo, encanto de meus olhos ao se abrirem para a luz do dia. Mal me levantava, ia saudá-lo e ele me respondia com o murmúrio de sua ramaria ao vento e o trinado dos pássaros que pousavam em seus galhos. Mirava o veludo verde de suas folhas grossas, aspira-va-lhe o perfume sutil, fabricado durante a noite com a brisa, o orvalho e talvez o silêncio, ouvia o rumor festivo dos ramos e do passaredo, inebriava-me. Adiante do coaçu, namorava outras árvores: um manapuçá de copa redonda e folhas miudinhas, crivado às vezes de frutinhos rubros, uma janaguba afunilada dominando os canteiros de hortaliça, uma jaqueira carregada de jacas maduras e um renque de araça-zeiros viçosos que corria da cacimba coroada por um moinho de vento à cancela da casa do feitor.

Conta um autor antigo que Plutarco nasceu em Cheronéia e correu o mundo; mas, na intensidade de sua glória, não quis deixar a terra onde nascera. Deixei-a, e, ao lembrar-me de seus aspectos, invade-me uma saudade dolorosa, porque não posso fazer como Plutarco, tanto as cousas mudaram. Em 1937, fui dar uma olhadela à Baixa-Preta, vendida a estranhos por meu pai. A casa arruinada. O coaçu desaparecido. O manapuçá morto. A janaguba cortada. A jaqueira sumida. Da fila de araçazeiros somente três de pé, em petição de miséria.

Casa-grande do sítio Baixa-Preta, construída por meu avô materno, Dr. Gustavo Dodt no Benfica, Fortaleza, em 1889-1890. Croquis de memória por Gustavo Barroso.

RODOLFO TEÓFILO

Quase todas as manhãs tínhamos visitas no sítio. Às vezes, Rodolfo Teófilo, anguloso e magro, escanchado num cavalinho mirrado, rondando pelos subúrbios na faina de vacinar gratuitamente os pobres. Oposicionista, arbitrariamente demitido de sua cátedra no Liceu, era, apesar de sua glória de escritor regional e de sua reconhecida benemerência, alvo das protérvias e remoques da imprensa oficial. "A República" tratava-o mesquinhamente de *Ridofo Teofe* e chamava *Caju-ruína* à *Cajuína* ou néctar de caju que ele fabricava para viver.

O glorioso autor de "Maria Rita" e "O Paroara", um dos fundadores da Padaria Espiritual, apeava-se do cavalinho e demorava sentado numa espreguiçadeira, com as esguias pernas entrançadas, a fumar um charutinho escuro. Meu pai largava a poda das roseiras para conversar com ele e meu padrinho balançava-se alegremente na sua rede. Um nunca acabar de histórias que eu ouvia atentamente:

– Uma vez – dizia meu pai – passeando a cavalo perto da Mecejana, disse a um caboclo na estrada que me abrisse uma porteira. O homem olhou-me com sobranceria e replicou-me:

– Quem é que o senhor pensa que eu sou? Chamo-me João Caitetu, moro no Cambeba, devo cem mil réis ao Coronel Tristão, duzentos a seu Timbira e cinqüenta ao Pedro Gato da venda. Quem é que o senhor pensa que eu sou para andar abrindo porteiras para os outros? Esse caboclo, que somente tinha orgulho e dividas – concluiu meu pai – parece o retrato do Brasil.

– O Acacati – contava meu padrinho é a terra dos apelidos. Não há quem deles escape. O velho desembargador Garcia, que tinha as mãos encaranguejadas, desembarcou ali um dia e mandou um carregador na frente com sua mala

à cabeça. Na primeira esquina, uma velha indagou deste: – Seu Honório, de quem é a mala? – É dum *mão-de-gengibre* que vem aí atrás. O velho morreu conhecido como *mão-de-gengibre*.

– Em Maranguape – falava Rodolfo Teófilo – antigamente se faziam ao vivo representações da Paixão de Cristo, como em certas aldeias do sul da Alemanha. O caboclo João Sarará representava o papel de Cristo e era crucificado na praça matriz, cercado pelos personagens da tradição. De vez, em quando, o centurião romano esfregava-lhe nos lábios uma esponja, que lembrava o fel dado a Jesus, mas embebida em boa cachaça do Cumbe. O caboclo chupava-a com delícia, gemendo constantemente do alto da cruz em que o haviam amarrado:

– *Seu* soldado, mais fel!

Lembravam a crônica dos antigos Governadores da Capitania do Ceará Grande e dos antigos Presidentes da Província Imperial. Vinha à baila o velho Cláudio Montaury, debruçado do paradeiro do paço colonial da rua de Baixo(1), mandando a guarda cortar a terçado os cachos tradicionais dos valentões que passavam para o mercado. Como os escondiam por baixo do chapéu, obrigava-os a cumprimentarem a sentinela, do mesmo modo que Gessler forçava os suíços a lhe saudarem o barrete.

Rodolfo Teófilo comentava:

– Agora não se pode mais passar a galope na frente do palácio do Acióli(2), porque a sentinela cruza a baioneta e manda parar. Sua Excelência não quer ser incomodado. Ainda ontem me aconteceu isso.

---

1 – Hoje, Avenida Alberto Nepomuceno, da Praia a Praça da Sé; Rua conde D'Eu, da esquina da Rua Castro e Silva até as Ruas São Paulo e Visconde de Sabóia; e Rua Sena Madureira, desse último posto às ruas Pedro Pereira e Pinto Madeira. M.S.A.

2 – Depois chamado de Palácio da Luz e, com a mudança do Governo para o Palácio da Abolição, na Aldeota, sede da Secretaria de cultura e, depois da casa de Raimundo Cela. – M.S.A.

Anos mais tarde, eu leria no "Pedro Aleixo" de Demétrio de Merejkowski que, muito antes do velho Acióli, Pedro o Grande não consentia cavaleiros a galope pela frente de seu palácio.

Meu pai recordava a figura invulgar do Padre Pires da Mota, no meado do século XIX:

– Um dia, uma velhota queixou-se ao Padre que um barbeiro fizera mal à sua neta e se recusava a casar. O Presidente mandou buscá-lo e exprobrou-lhe o procedimento. O sedutor negou-se a reparar o melefício, dizendo que já encontrara a moça naquele estado. Pires da Mota, já bem informado da verdade, ordenou ao secretário: – Doutor, escreva um ofício ao Comandante do Corpo da Guarnição, mandando que assente praça neste sujeito. O Barbeiro deu de ombro: – É o mais que o senhor Presidente me pode fazer! – Ah! É o mais, não? tornou o Padre. Pois bem, doutor secretário, acrescente no ofício que, mal se verifique a praça, sejam dadas cento e cinqüenta chibatadas no indivíduo por ter faltado ao respeito ao Presidente e Comandante das Armas da Província. – Seu Presidente – exclamou o rapaz lívido – Eu caso! – Eu sabia que você casava – declarou o velho sacerdote – e lhe arranjo um emprego para sustentar a família.

Meu padrinho gostava de histórias de sovinas. Dizia-se *inteligentemente econômico*. Falava sempre que podia na avareza de D. Maria do Rosário, irmã solteirona do falecido Barão do Crato, uma das pessoas mais ricas de Fortaleza. Apesar de sua sovinice e esperteza, um soldado conseguira roubar-lhe um porco e vendê-lo três vezes seguidas. A velha recusava a compra, mas o policial apelava, chorando, para a única afeição que ela tivera na vida:

– Se *seu* Barão fosse vivo!... Ela indagava: – Você conheceu me meu irmão? Ele respondia, enxugando as lágrimas fingidas: – Era um poço de bondade. Acodia-me nas minhas necessidades. Se ele fosse vivo!... D. Maria pagava o porco sem regatear. O soldado furtava-o de novo e vendia-o outra vez com a mesma cena.

Data dessa época a fiel amizade que sempre me uniu a Rodolfo Teófilo, através das vicissitudes da política e do tempo. Sempre que fui ao Ceará, ele e sua dedicada companheira, D. Raimundinha, me recebiam como um filho na sua casa do Benfica(3) ou no sítio de Pajuçara.

3 – Nº 1929 da Avenida Visconde de Cauipe, atual da Universidade. – M.S.A.

HISTÓRIA DO BURACO

Outro freqüentador do sítio era o Dr. Raimundo Ribeiro, professor de Direito Romano na Faculdade, a memória mais prodigiosa que jamais conheci. Na aula, mandava abrir a esmo o *Corpus Juris* e iniciar a leitura de qualquer trecho. Concluía-a de cor, indicando o número exato do fragmento e se era de Papiniano, Ulpiano ou Gaio. Conversava de preferência sobre a história, quando não dava largas ao seu espírito *frondeur*. Ao narrar a inauguração dos retratos de dois políticos e administradores em evidência no Estado, acrescentava com espinhos na voz:

– Estavam ótimos, parecidíssimos. Só faltava uma cousa para estarem perfeitos.

– Que era? indagou meu padrinho.

– Jesus Cristo crucificado no meio...

Ouvi-o muitas vezes repetir a história do buraco:

– Houve aqui há tempos um engenheiro famoso que *cavou* mais do que todos os que antes dele apareceram com inclinação para boas negociatas. Arranjava tudo o que queria e nunca se cansava de querer mais. Um abismo! Construiu quilômetros e quilômetros de estradas de ferro pelo sistema das tarefas, distribuindo-as com seus apaniguados, pois gostava de enriquecer parentes e amigos. Fundou fábricas e ergueu edifícios públicos. Lançou pontes e levantou paredes de açudes. À custa de muito dinheiro modificou a face da terra e o caráter dos homens. Não queria saber de onde vinham os cobres ou se o governo podia despendê-los. O que desejava era gastá-los e o mais depressa possível. Realizava as obras vertiginosamente, já pensando em outras. Conseguia em um mês o que os outros levavam anos, custando-lhe mil o que normalmente valia dez. Assim, as verbas do Tesouro se escoavam em suas mãos como água em um cesto. Uma feita, resolveu fazer colossal escavação para um porto e abriu um buraco imenso em pouco tempo, a poder de

escavadeiras e de incontáveis turmas de trabalhadores. Nele caiu um bêbado que ferrou no sono lá no fundo. Ao outro dia, retiraram-no com escadas. Olhou em torno e suas pupilas denotaram que o tamanho do buraco o espantava.

– Que rombo formidável! exclamou. Depois, ficou ali absorto.

O engenheiro apareceu e, dirigindo-se a ele, indagou, sorrindo:

– Então, em que é que está pensando?

E recebeu esta resposta inigualável:

– Estou pensando no tamanho do buraco que está sendo feito no Tesouro. Se este aqui já está deste tamanho, avalio o outro!

Do anedotário, Raimundo Ribeiro passava a discretear brilhantemente sobre os acontecimentos do dia, comentando-os com propriedade e graça. Era através desses comentários que eu acompanhava a atuação de Rui Barbosa na Conferência de Haia.

O BISPO DO CEARÁ

Também nos visitava amiúde Manuel Cavalcante Rocha, o célebre Manezinho do Bispo, débil mental, magro, pálido, anzolado, que publicava uma vez por outra folhetos de pensamentos os mais disparatados deste mundo. No meio, alguns deliciosos: "Rapaz moço e sem emprego que se casa com uma moça sem dinheiro dá um tiro com a pistola da besteira nos miolos do futuro".

Meu pai tratava-o com a maior tolerância, por causa do Bispo, seu amigo e compadre. Meu padrinho troçava dele e provocava-o a asneira. Eu achava-lhe graça. O coitado era inofensivo. Empregado na Cúria, costumava acompanhar o Bispo, envergando uma batina coçada e coberto com um chapéu de Padre. Na rua, andava à paisana, carregando jornais e um maço dos folhetos de pensamentos debaixo do braço. Escrevi sobre ele um capitulo no meu livro "Idéias e Palavras". O Bispo protegia-o e tratava-o com grande caridade cristã. Aliás, D. Joaquim José Vieira era um santo.

Numa tarde de sexta-feira de Passos, quando menino de colégio, esperando a procissão que se organizava no adro da velha Sé de Fortaleza, hoje criminosamente derrubada,(1) ouvi perto de mim algumas vozes murmurarem:

– O Bispo! O Bispo!

Voltei-me e foi a primeira vez que vi D. Joaquim e que vi um bispo. Passou rente a mim, rodeado de padres e irmãos de opa, a cabeça grisalha e nobre erguida entre os arminhos da sobrepeliz. Alguém disse numa roda de homens de preto:

– O Bispo é um Príncipe da Igreja. No tempo do Império, nosso Bispo teria as honras de Príncipe.

Meus olhos infantis guardaram a impressão daquela pompa eclesiástica e meus ouvidos a daquelas palavras. Somente tinha visto o Príncipe.

1 – Em seu local acha-se hoje levantada nossa suntuosa catedral. – M.S.A.

Passaram-se alguns anos. Um domingo, visitando em companhia de meu pai minha irmã no Colégio da Imaculada Conceição, pela segunda vez vi o Bispo, sentado em vasta poltrona a um canto do parlatório, dando a mão a beijar a mulheres e crianças. Uma irmã de caridade falava-lhe baixinho ao ouvido. Vestia uma batina quase igual à dos outros padres e desfranzia os lábios num sorriso iluminado e bom. Era ainda um Príncipe, mas manso e acolhedor.

Meu pai chamou-me:

– Vem cá. D. Joaquim quer conhecer-te.

Beijei-lhe a ametista facetada. Uma de suas mãos anediou-me devagar os cabelos e sua voz doce indagou se era obediente e estudioso. Mal pude balbuciar uma resposta. Ouvi meu pai dizendo:

– Deves querer bem a D. Joaquim, que é meu compadre, padrinho de tua irmã. É um santo!

Devia ser, para meu pai dizer aquilo. D. Joaquim deixou de ser Príncipe para mim e passou a ser Santo. Fiquei lhe querendo bem.

Em todas as festas anuais do Colégio da Imaculada Conceição a que compareci por causa da minha irmã, via-o, ouvia-o e admirava-o. Todos falavam de suas virtudes e obras meritórias. Cada dia mais a impressão de sua bondade se aprofundava em meu espírito.

Nas vésperas de vir embora para o Rio de Janeiro, fui despedir-me dele no seu casarão singelo e pobre da praça da Sé.(2) Abraçou-me, abençoou-me e disse-me:

– Seja feliz, meu filho! Seu pai nunca foi religioso e, como é paradoxal, se diz materialista. Isso é só da boca para fora, porque é homem de bem a toda prova. Sua incredulidade nunca nos impediu de sermos amigos. Ignoro se você é religioso, mas sei que é bem procedido. Continue. É meio caminho andado para Deus. Desejo-lhe o mais que lhe posso desejar: que seja homem de bem como seu pai. O amor de

2 – Hoje Paço Municipal. – M.S.A.

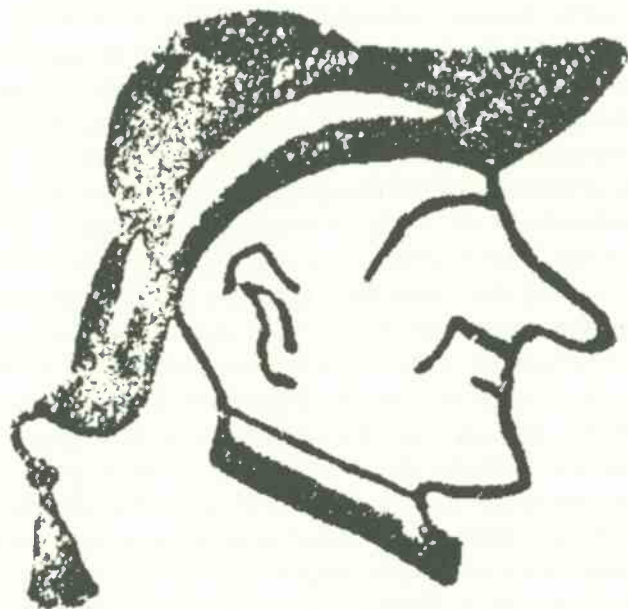
Nosso Senhor virá com a experiência da vida, com o sofrimento do mundo.

Mais tarde, no Rio de Janeiro, soube que resignara o bispado, pois o cansaço e a idade não lhe permitiam mais dedicar-se de todo à sua diocese. Recolheu-se à terra paulista, onde nascera, a fim de nela terminar seus dias. Era, na frase do Bispo Menjaud: *le repos de l'ouvrier aprés sa journée terminée.*

Fui vê-lo a bordo do paquete que o trouxe ao Sul. Felicitou-me pela minha carreira. Deu-me notícias do Ceará. Seu olhar cada vez mais cheio de bondade, seus traços cada vez mais impregnados de humildade cristã, sua voz cada vez mais suave espalhavam sobre as almas o bálsamo de ilimitada tolerância.

Contou-me que criara para si duas pátrias, tendo em ambas feito o que podia para diminuir o sofrimento do próximo: Campinas e o Ceará. Naquela nascera, iniciara sua carreira e realizara algumas obras. Nesta gastara a maior parte da vida e realizara outras obras. Achava que fizera pouco, que podia ter feito mais. Insatisfação natural numa alma caridosa. Em verdade, tinha feito muito, dado tudo à sua paróquia e à sua diocese: bens materiais e bens morais, as vigílias e as energias, o amor do heroismo obscuro que só Deus conhece e só Deus premia.

Em minha terra, sua lembrança viverá no tempo. Emílio Gebhart tem razão quando escreve:

"No humilde jardim dos presbitérios e na cálida sombra das sacristias impregnadas de vago perfume de incenso, passa, de quando a quando um sopro de além-túmulo – a voz dos grandes bispos de outrora".

Manuel Cavalcanti Rocha, o Manezinho do Bispo.
Caricatura e xilografia de Bustavo Barroso.

A MARÍLIA

Outros freqüentadores da Baixa-Preta eram o professor de francês Luiz Vergeot, com quem eu me ligaria muito nos derradeiros tempos passados no Ceará, que me ensinou a falar a língua de Corneille com relativa perfeição, grande comedor de frutas, e o acadêmico de direito Homero Castelo Branco, meu colega de ano, que ia estudar comigo os pontos organizados e vendidos aos que não possuíam dinheiro bastante para livros pelo Secretário da Faculdade, Antônio Aurélio de Menezes, talento que se afogou em álcool.

Não freqüentava mais a praia como em outros tempos. A impossibilidade de realizar meu grande desejo de entrar para a Escola Naval pouco a pouco me afastara do mar. Em 1907, a estadia no porto de Fortaleza da chamada Divisão Branca deixou-me quase indiferente. Sob o comando do Almirante Huet Bacelar, o "Riachuelo", o "Barroso" e o "Tamoio" voltavam da grande revista de Hampton Roads e escalavam pelo norte do país. A cidade engalanou-se festejando oficiais e marinheiros. Alguns ali se deixaram prender pelo coração, ligando de certo modo seu nome à vida do Estado, nas atividades políticas, como o atual Almirante Álvaro de Vasconcelos.

Percorria as praias, do Mucuripe à Barra do Ceará, mas montado no Menelik. Metia-o às vezes a galope pelas ladeiras do Morro do Moinho, varando vielas esconsas e saindo nos vastos terrenos baldios entre o Gravatá ou Croatá e o cemitério de São João Batista, junto ao antigo Paiol da Pólvora, pequeno zimbório caiado como um túmulo de marabuto argelino. Naquele espaço, estava sempre fazendo manobras velha locomotiva muito popular entre a garotada. Primeira máquina adquirida para a Estrada de Ferro de Baturité, parecia a famosa Baronesa da Central do Brasil. Envelhecida e estragada, servia unicamente para puxar carros e arrumá-los nos desvios da Locomoção e das Oficinas. De marcha vagarosa, os meninos corriam atrás dela e trepavam-lhe no

tênder chocalhante. Como fosse costume dar nomes de pessoas às locomotivas das vias-férreas, mais uma prova do engrossamento nacional, aquela maxambomba recebeu o dum ilustre engenheiro de grande prestígio no momento – Amarílio de Vasconcelos. O povo simplificou os apelidos num só – Amarílio. E, como se tratasse duma locomotiva, deu-lhe a flexão feminina – A Marília.

A velha máquina deu-me um dia uma grande lição. O maquinista e o foguista deixaram-na parada junto ao muro do cemitério(1) e foram bebericar na vendinha da esquina fronteira, cuja tabuleta era significativa para o local – O Caminho da Verdade. Meia dúzia de garotos traquinas, vendo a Marília abandonada, pularam dentro dela e resolveram pô-la em movimento. Um mexia numa manivela e fazia com que os cilindros jorrassem jactos de vapor. Outro puxava um cordão e a maxambomba apitava. Um terceiro movia uma alavanca e determinava uma grande trepidação estrelejante. Mas não conseguem que se movesse. Discutiam e se achavam a ponto de se engalfinhar, quando o que parecia ter sobre eles maior influência impôs calma e meteu mãos à obra. Não sei o que fez. A verdade é que ela começou a andar vagarosamente e... para trás... Aí o foguista e o maquinista, vindos a correr da venda, puseram os garotos em fuga e eu, que observava a cena, não pude assistir ao resto da experiência.

Caía o crepúsculo e choravam baixinho as casuarinas do cemitério. Pus o Menelik a passo pela rua Mororó(2), rumo da Baixa Preta. A cidade começava a estrelejar-se de luzes. Ia pensando nas crianças grandes que se metem a dirigir máquinas sociais e quase sempre ou as não põem em movimento ou as fazem andar para trás. Acertam sempre, porém, com o cordão do apito e fazem um barulho de ensurdecer...

---

1 – Cemitério de São João Batista, entre o Bairro de Jacarecanga e Morro do Moinho, que se estendia dos fundos da Estação do Trilho de Ferro até àquelas lonjuras. M.S.A.

2 – Rua Padre Mororó, que passa em frente ao Cemitério São João Batista. M.S.A.

O SAMBURÁ

O casario que garimpava pelas faldas do morro do Moinho(1) era conhecido como Arraial Moura Brasil e habitado por uma população muito especial. Correspondia até certo ponto ao que no Rio de Janeiro de chama favela. Ali viviam tipos os mais curiosos. Entre eles, a velha Quitéria, que andava sempre ninando nos braços um cesto vazio e chorava, quando se lhe dava uma esmola.

Contavam a seu respeito uma história trágica:

Era ao morrer da tarde, quando as jangadas encostam, vindas da pescaria para que partam pela manhã cedo. Mais de cinqüenta já descansavam sobre grossos rolos alinhados no respaldo branco da praia, com as úmidas velas ainda palpitantes, asas triangulares em cujo vértice o nome e uma figura alegórica desmaiavam nas rudes tintas roídas pelo iodo e pelo sol. O verde mar bravio franjava-se de espumas. As casas pardacentas do arraial, estreladas de fogos, aninhavam-se sob os altos coqueiros, pousadas num tapete de boas-noites floridas de rosa e branco, ao pé das dunas prateadas. E, para o poente, o céu ia ficando todo vermelho, como se estivesse pegando fogo.

Tanta gente na praia! Chusmas de mulheres e crianças, esperando maridos e pais. De quando a quando, chapeirão de carnaúba desabado, roupa de algodão, tinta de murici, cor de sola velha, um pescador deixava a faina e vinha falar instantes com pessoas da família. Compradores de peixe zumbiam em volta das jangadas que descarregavam. Mães, esposas aflitas por causa das embarcações retardatárias. Gritos soltos no ar:

– Agora lá vem a *Tubarão*!

1 – Esse morro, a rigor, tinha início no Marajaítiba, sobre o qual se construiu a Fortaleza de N.S. de Assunção, o Passeio Publico, a cadeia nova e a Estação do Trem. E se estendia até Jacarecanga, espremido entre a colina e o mar. – M.S.A.

– Credo! Que bicha ronceira!

– Tira a bolina *mode* ela andar mais depressa!

No recuo do horizonte, surgiam velas que a distância tornava imaculadas. Um velho, depois de percorrer a linha das jangadas, olhando com atenção suas figuras e nomes, dizia num grupo:

– Faltam somente três, porque a *Estrela* e a *Sereia* foram de dormida. O mais está tudo aí, graças a Deus! A *Tubarão* vem chegando e as velas, na risca, devem ser a *Papagaio*, a *Socó* e a *Sant'Ana*. São José de Ribamar e Nossa Senhora dos Navegantes vão trazer a gente toda.

– Queira Deus! Responderam todos.

E havia mulheres que se benziam. E os rostos ficaram alegres.

Em cada jangada, o representante do dizimeiro assistia à contagem do peixe que os pescadores tiravam dos fundos samburás de cipó trançado e atiravam na areia. De dez em dez, um ia para um monte menor, que, depois, era avaliado e pago ao representante do dízimo. E ali se amontoavam, prateados, áureos, rubros, azulescentes, esverdinhados, negros, compridos e elegantes ou curtos e feios, os peixes das águas verdes do Ceará. Os da *parede do fundo*, onde as jangadas chegam depois da *risca* e o *tauaçú* somente toca na lama com cem braços de corda: cangulos, ciobas e carapitangas. Os das *pedras fundas*, das rochas submersas: pargos, garoupas, sirigados, enxadas, paruns e pirambus. Os de cardume: carapebas, salemas, sargos e golosas. Os da flor d'água, que os anzóis pegam na corrida veloz da jangada, ida e volta: cavalas e serras. E mais quantos, bons ou ruins, próprios para cozinhar, assar ou fritar, se arrancam daquele mar zangado: o pequenino coró, a rubra mariquita, o horrendo zoião; a sapuruna, o roncador, o batata, o gato, o papagaio, o galo, a guaiuba, o dentão. Havia os bijupirás saborosos, que, quando são fisgados, as jangadas arvoram bandeira vermelha em sinal de regozijo; os meros enormes, rotundos e pesadíssimos; o xaréu, que tem sempre uma espécie de barba na boca; o pacamão, que é horroroso como um demônio marinho. E ainda

as pescadas, que *antes de ser já eram*; as xancaronas, as cururucas, as biquaras, as pilombetas, os chicharros, os cações e os agulhões-de-vela.

Escurecia. Para lá e para cá, num cavalo preto, todo de branco, o dizimeiro inspecionava seus prepostos na contagem do pescado. Tomavam já o caminho que levava à cidade filas de homens acurvados ao peso das cambadas de peixe, pendurados às pontas do pau que atravessavam sobre as costas. E recolhiam aos lares, famintos, ansiando pelo trago da cachaça e pelo cangulo com pirão, os jangadeiros. Levavam ao ombro os apetrechos de seu duro mister: anzóis e linhas que se penduravam nas pinambabas, a quimanga em que se guarda o alimento, a cabaça de água, o bicheiro ou croque e o pau de matar peixe.

A noite chegou. Ao longe, pestanejou o farol do Mucuripe. Do lado oposto, escalonada em seus outeiros, Fortaleza faiscou iluminada. O vento gemeu mais forte nos coqueirais. Já as velas das jangadas não palpitavam ao seu sopro. Enroladas ao longo dos mastros recurvos, pareciam grandes círios enfiados no areal. Foi quando chegou a última jangada que se esperava, a *Socó*. Os vultos negros dos pescadores largaram a escota, ao chegarem à arrebentação. A vela murchou sobre a retranca oscilante. A tábua de bolina repousava já de encontro ao banco-da-vela, encostada à carninga. O tauaçu, enrodilhado á poita, foi bem amarrado ao torno de proa. O leme saiu dentre os calços e descansou de baixo do banco-do-mestre. Depois, aqueles homens empurraram a embarcação sobre os rolos até ficar fora do alcance da maré cheia. Então, uma velha correu para a jangada, de braços estendidos:

– Meu filho!

O mestre, apontando para o samburá, disse-lhe:

– Tenha coragem, comadre Quitéria, e muita fé em Deus! Nós fomos nas *trinta e três*(*), atrás de cavalas e cações, mas demos com uma tropa de tubarões que Deus nos acuda! Pior

(*) Trinta e três braças de profundidade. – G.B.

do que no Maranhão! O mar fervia de bichos. Cousa medonha! Viravam-se de papo para o ar e vinham bater com os dentes nos bordos da jangada. A *Socó* é pequena e mergulha um bocado com o peso da gente. Os tubarões vinham rabanando nessa pouca água até o estrado. Nós, trepados nos bancos, batíamos neles com os bicheiros...

Trêmula, lacrimosa, ofegante, adivinhando a tragédia, a velha interrompeu-o:

– Mestre Cosmo, meu compadre, pare com isso pelo amor de Deus!... E o meu filho, o Damião?...

O velho pescador prosseguiu, calmo e triste:

– Nós íamos já fugindo, graças a Deus! Quando o Damião, puxando a *ligeira*(**), perdeu o prumo e caiu nágua. Demos mais que depressa volta com a *Socó*, que ia com muito seguimento, mas só podemos pescar dele dois pedaços que vêm naquele samburá sem peixe, porque a gente não teve mais coragem de fazer nada...

A velha correu para o ventrudo cesto de cipó amarrado à pinambaba e rodeado de pingos de sangue que manchavam os meios, as membruras e os embonos da jangada. Abraçou-se com ele, soluçando e uivando de dor. E, no negror da noite, o mestre e os dois companheiros do morto, de chapéus na mão e um joelho em terra, balbuciavam o Padre Nosso.

Assim, perdera o juízo aquela desgraçada que eu encontrava sempre nos meus passeios a cavalo, abraçando um cestinho e que chorava, se lhe dava uma esmola.

(**) Chama-se ligeira uma corda que serve para encurvar o mastro da jangada e dar maior seio à vela, aumentando a velocidade. Um dos jangadeiros puxa-a em posição perigosa, os pés na borda da embarcação, as mãos enclavinhadas na corda e fazendo peso com todo o corpo sobre o abismo. – G.B.

III

A SERRA E A CIDADE

À memória de meu amigo
Euclides Aires

O BOLETIM DA INVEJA

A serra de Baturité encantou a minha mocidade, como os tabuleiros e o sertão. Conhecia a velha e decadente cidade de Baturité, aninhada no sopé da montanha, quando passava de trem, indo ou vindo do Quixeramobim. Numa de minhas férias, de volta da Jurucutuoca,(1) meu primo Quintino Cunha insistiu para que fosse passar dias em casa de sua mãe, a professora Maximina, que morava ali em companhia de sua filha Princesa. Fui com um rapaz aparentado da família, chamado Valfrido.

A casa da prima Maximina ficava na praça da Matriz, do lado onde desembocava a travessa então chamada dos Sete Pecados. Um pouco adiante, erguia-se o muro corrido e enfeitado de compoteiras de barro do famoso Aderson Ferro, dentista e corifeu do espiritismo. A igreja erguia-se no centro da praça arenosa, semeada de árvores, olhando para rua 15 de Novembro e o edifício do foro. Dormi, sentindo o frescor da serrania que descia sobre o vale.

No dia seguinte, domingo, ouvi missa dita pelo vigário Cândido(2), almocei, dei uma volta pelas ruas centrais e joguei uma partida de bilhar com o Valfrido no boteco dum tal Bonates. O bilhar era um monumento de velhice e sujeira, tabelas frouxas, bolas irregulares, tacos largando as cabeças, pano remendado. Manifestei naturalmente meu desagrado e o Bonates, que era um tipo à-toa, saiu a espalhar que eu estava *avacalhando a terra*.

Nesse tempo, gostava de vestir bem e ganhava com minhas aulas e meus desenhos o suficiente para isso. Apresentara-me em Baturité com um terno de casimira cinzenta e um colete vermelho, o que era então a última moda. Os jor-

---

1 - Corruptela de Jurucutuoca, casa do corujão. - M.S.A.

2 - Monsenhor Manuel Cândido. M.S.A.

nais do Rio de Janeiro ocupavam-se constantemente com os coletes de fantasia do deputado Herédia de Sá, que ficou célebre por isso. Em Fortaleza, Mário Borges, filho do Presidente Pedro Borges, que era rapaz finíssimo, e o filho do Machado Coelho, que ia todos os anos à Europa, usavam coletes encarnados. Além do encarnado, eu tinha um verde. Em ambos, punha uma abotoadura de ouro de meu pai. A roupa cinza e colete sangüíneo feriram a inveja da rapaziada local. Contribuiu mais ainda para isso o fato de me terem aberto suas portas as primeiras famílias do lugar: o Coronel Alfredo Dutra, Deputado Estadual, o velho João Ramos, pai de meu colega e amigo Virgílio Ramos, D. Nenem Aguiar e a viúva Santa-Fé. Acrescente-se o fato de andar Valquírio Ramos mostrando pela cidade, como agente das publicações do "Malho", na primeira página do "Tico-Tico", escrito e ilustrado por mim, o conto infantil "O Anel Mágico", depois editado em volume especial pela mesma empresa sob o título ligeiiramente modificado de "O Anel das Maravilhas". Isso encheu as medidas.

Achava-me em casa da viúva Santa-Fé, a conversar na roda da calçada, quando notei certo mal-estar nas pessoas presentes e uns grupos suspeitos nas esquinas próximas, dos quais partiam risadinhas e dichotes. Longe estava de pensar que aquilo pudesse ser comigo. Às nove horas, despedi-me. A viúva bondosamente insistiu muito para que ficasse, que ia mandar chamar alguns rapazes amigos, inclusive o Valfrido, para me acompanharem.

– Por que? indaguei.

– O senhor não está vendo, *doutor* (primeiro anista de direito, eu já era doutor!), que os moços da cidade querem desfeitá-lo?

– A mim? Por que razão? Não os ofendi.

Ela contou-me a história do Bonates e o resto que eu não sabia. Achei tudo aquilo triste e bobo. Era tão grande o número de rapazes reunido na esquina próxima que compreendi logo a sua covardia. Despedi-me da família assustada e caminhei pelo meio da rua, de mãos nos bolsos, fumando. Atravessei um largo e, depois, enfiei pela deserta travessa

dos Sete Pecados. Um ou outro assobio chegou-me aos ouvidos. Nada mais. Desemboquei na praça da Matriz e entrei em casa de minha prima. O Valfrido roncava como um bem-aventurado. Mas no dia seguinte a cidade amanhecia coalhada de boletins mal impressos e mal redigidos contra mim. Conservo ainda hoje um deles como deliciosa lembrança da inveja que causei aos pobres rapazes daquela cidade do interior. Diz o seguinte:

"Ao povo de Baturité:

Anda nesta cidade desde ontem um *songamonga* muito magro e muito feio, vindo da capital e que procura fazer espírito ridicularizando o Baturité. Desde a hora em que chegou, esse tipo anda procurando moças bonitas e casas ricas onde possa dançar e passar bem. O bicho acha que o Baturité é imundo, os moços são sujos e as senhoras são horríveis. Prevenimos às famílias que se acautelem contra o Chico Tripa que se diz acadêmico e não passa dum *papandola*. Rapazes, levemos o bicho ao pau de sebo hoje, sem falta, a trocar largo! – A *rapaziada do Baturité*".

A baboseira anônima, como se vê, porejava despeito. Não me irritou. Fiquei com pena. Essas cousas nunca me irritaram. Há tempos, um homem já velho e que devia ter juízo, como não lhe tivesse citado o nome num artigo literário, o que fiz por descuido, sem a menor maldade, porque, se soubesse que aquilo o alegraria, ter-lhe-ia dado esse prazer, investiu terrivelmente contra mim, inventando que eu falo mal do Ceará e digo o diabo dos cearenses, tal qual a *rapaziada do Baturité*. O coitado não teve sequer o mérito da originalidade. Desde os vinte anos estou acostumado a despertar a inveja e acho uma graça infinita nos invejosos. Eles não avaliam como me divirto à sua custa. Faço muita cousa contra minhas próprias inclinações só para irritá-los. Quando lhes chocalho aos ouvidos meia dúzia de condecorações, então perdem a tramontana. Basta ler o que em livros, revistas

e jornais têm escrito sobre elas. Até hoje, que estou velho e no ápice da carreira literária, eles não se conformam e continuam a se preocupar comigo quando nem sei se existem. A *rapaziada do Baturité* prossegue em seus chicotes e ataques contra mim de outras maneiras e com outros pseudônimos.

O boletim comparava-me ao *Papandola*, pobre maluco que errava esfarrapado pela pequena cidade. Piores insultos me têm sido assacados. O meu destino foi sempre irritar certos indivíduos, às vezes até os que forças ocultas, o acaso ou a falta de caráter põem nos cargos acima de mim.

Uma máxima antiga aconselha os homens a amar seus amigos como se um dia tivessem de odiá-los. É o preceito nascido do pessimismo, filho de cruel experiência. Berthélemy, autor do "Anacharsis", gostava de substituir esse pensamento por outro mais humano e mais consolador: odiar os inimigos como se se tivesse de amá-los um dia. A fórmula é mais cristã e eu a prefiro. Não carrego comigo ódios. Os que mais me têm ofendido podem ficar certos de que os esqueço. Gosto somente de vê-los com raiva, espumando, para divertir-me um bocado. A experiência dos anos já devia ter-lhes demonstrado que não podem comigo e que seus esforços para me derrubar são vãos. Suas vitórias, quando as têm uma vez por outra, são tão passageiras que não valem a pena. Volto sempre à tona e cada vez melhor, graças a Deus. Meu santo é muito forte, como diz o povo...

No caso do Baturité, a intervenção de amigos meus, indignados com a injustiça do ataque, o dr. Campelo(3) e o velho Ramos, fez com que alguns rapazes, entre os quais o Montenegro, empregado da Estrada de Ferro, me procurassem e desfizessem a intriga. Tornamo-nos camaradas e os invejosos encolheram as unhas. Tempos depois, "A República" aproveitou-se do boletim para explorações políticas.

3 - Dr. Adolfo Campelo, pai do professor César Campelo, fundador do Ginásio São João de Fortaleza, e de D. Lara Campelo Gentil, esposa do banqueiro João da Frota Gentil. M.S.A.

GUARAMIRANGA

Da cidade de Baturité subia-se à serra por duas ladeiras, então somente praticáveis a cavalo: a da Cruz, longa e escorregadia, e a da Boa-Água, mais curta, em áspero ziguezague. Escolhia sempre esta para chegar à paradisíaca povoação de Guaramiranga(1), onde me hospedava no quarto de frente do sítio Nancy, propriedade do judeu Boris, alugada ao meu amigo Manuel Vitor de Holanda. Naquela altitude, em pleno dezembro, quando o sertão torrava ao sol, tudo era verde, fazia uma temperatura petropolitana, águas cantavam pelos vales fartos e os passarinhos gorjeavam nos velhos cafezais plantados à sombra de árvores. À noite, garoava e as manhãs vestiam-se de neblinas.

Percorria a cavalo toda a serra. Lá à casa do velho Café, em Mulungu, e à do velho Medina, em Pernambuquinho. Visitava Clementino de Holanda no sítio Monte-Flor, o Coronel Alfredo Dutra no Álvaro e Filomeno Gomes no Nova-Friburgo, perto de Pacoti. Beirava as abas da montanha, de onde se avistava o sertão em fogo, do lado de Palmeiras(2) e do lado do Coité(3). Ficava, às vezes, semanas a fio com meu querido amigo Bráulio de Holanda e seu irmão ou no sítio Monte-Alegre ou no sítio Quati. Freqüentava o Soares no Talismã e o Joaquim Torcápio no Cana-Brava.

Vida alegre, despreocupada e gostosa. Rodas de conversas animadas na farmácia do Pacífico Caracas, onde ouvia com respeito a palavra bondosa e erudita do Padre Frota(4);

1 - Hoje cidade, por ser sede de município. M.S.A.
2 - Palmácia, desde a reforma administrativa de 1943. M.S.A.
3 - Atualmente Aratuba. M.S.A.
4 - Padre João Augusto da Frota, um dos doze fundadores do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), erudito e sábio, que se isolou em Guaramiranga para o resto da vida. M.S.A.

no armarinho do italiano César Barsi, onde o Marinho e o velho Trinfam discutiam sobre cavalos de sela; na venda do Zeca Alves ou na loja do Quincas, seu irmão, que lia muito e me falava constantemente de Humberto de Campos, jornalista em Belém, que ali estivera em tratamento de saúde e deixara um pouco do fulgor de seu espírito. Quando eu contava anedotas, o Quincas dava gargalhadas que ecoavam pela rua tranqüila e aumentavam a vontade de rir do dentista Montezuma. Faziam-se outras reuniões agradáveis no sítio do Xixio, com os irmãos Queirós - Daniel(5), Eusébio e Pedro. Arranjávamos bailes no vasto sobradão do Dadá e organizávamos quermesses, em que o Antônio de Figueiredo me proclamava leiloeiro das prendas para dizer graçolas.

Guaramiranga, com suas duas pequenas ruas mas em cruz ao desembocar do bambual do Macapá, cujo banho era famoso, com sua igrejinha singela e a capelinha de Lourdes, trepada num cômoro balisado de palmeiras, enche-me ainda hoje de enternecida saudade. No cemitério, estendido no platô por trás das habitações, triste e semi-abandonado, dormia o derradeiro sono meu avô paterno, o Capitão José Maximiano Barroso. Alguma cousa do passado prendia-me àquela terra deliciosa.

Animado pelo Quincas, redigia ali um jornalzinho semanal, manuscrito e ilustrado por mim, que todos disputavam e do qual deve haver um exemplar na grande coleção do Barão de Studart. Chamava-se o "Beija-Flor".

A maior festa que fizemos em Guaramiranga foi a 7 de janeiro de 1909, a recepção do Padre Manuel da Silva Porto, nomeado vigário da paróquia da Conceição. Compuseram a comissão dos festejos o Padre Frota, o Dr. Caracas, o Coronel Linhares, Joaquim Torcápio, César Barsi, Quincas Alves, Manuel Vitor, Eusébio de Queirós e eu. Luzido esquadrão de cavaleiros recebeu o sacerdote na ladeira da Boa-Água, escoltando-o até a povoação sob o espoucar das girândolas. A Filarmônica do Mulungu, com uniformes novos, tocava mar-

5 - Pai de Rachel de Queirós. M.S.A.

chas alegres pelas ruas enfeitadas de bandeirolas de papel. À noite, grande banquete no salão nobre do sobradão do Dadá. Dias após, em Fortaleza, "A República" estampava uma correspondência da serra, no meio da qual se encontrava este trecho sobre o final do banquete: "Falou também o ilustre Padre Rodolfo(6), de passeio aqui, saudando a sociedade da Conceição, que salientou em termos mui cordiais, respondendo-lhe a pedido dos convivas nosso hóspede, o inteligente acadêmico Gustavo Barroso". Dava, assim, meus primeiros passos como orador.

6 - Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, mais tarde sócio efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). M.S.A.

COBRANÇA DE DÍVIDAS

Joaquim Markan, filho de Filomeno Gomes, ia sempre à serra cobrar pelos sítios e lugarejos contas antigas congeladas, como hoje se diz, da fábrica de cigarros de seu pai. Procurava-me e levava-me consigo. Juntos, pintávamos o diabo. Arrancamos uma feita um devedor relapso dum baile, nas cercanias do Coité(1), atraímo-lo à casa do engenho do sítio onde se realizava a festa, fechamos a porta e o obrigamos quase a força ao pagamento. Depois de recebida a importância, soltamos o homem e nos muscamos a casco de cavalo.

O Filomeno dava ao Markan as contas reputadas perdidas e ele repartia a metade comigo. Não havia devedor relapso que se agüentasse nas nossas mãos. À entrada da vila do Mulungu, existia uma lojinha de ínfima classe, cujo letreiro tomava toda a fachada – "A Rosa dos Alpes". O Ceará foi sempre a terra dos letreiros originais. Conheci em Fortaleza "O Farol da Bastilha", "A Estrela do Oriente", "O Caminho da Verdade", "O Canto da Brisa", "O Sol nasce para todos", "A Torre da Lua", "O Diabo a Quatro", "Viva o resplendor do Partido Liberal" e, em Baturité, "Venham ver a Bobagem do Zé Teotônio". Sob a tabuleta da "Rosa dos Alpes", lia-se esta quadra:

Quem vende fiado
Perde o freguês,
Fica logrado
No fim do mês.

O Filomeno vendera fiado ao seu proprietário, autor ou responsável da quadra, e ficara logrado. Numa noite escura

1 – Hoje denomina-se Aratuba. – M.S.A

como breu, eu e o Markan carregamos a tabuleta e só a restituímos quando o negociante pagou os cinqüenta mil réis que devia.

Outro devedor era um cinematografista ambulante, que apareceu na serra com um *bioscope*. Recusou malcriadamente pagar duzentos mil réis duma conta de quando estivera estabelecido com uma venda ou cousa que o valha. Markan e eu arquitetamos uma vingança e comparecemos à sessão inaugural do pequeno cinema, no salão da Câmara Municipal do Mulungu. Casa à cunha. A primeira fita chamava-se "A Pulga", o que agora se chamaria um *short*. Aparecia um sujeito tormentado por uma pulga, que se despia aos poucos e acabava em cuecas. Começamos a gritar, no escuro:

– Protestamos em nome da família mulunguense! Não pode! Não pode! É um insulto às moças presentes! Fora! Retira a indecência! Retira!

Várias vozes associaram-se às nossas. O vigário levantou-se e declarou:

– Os moços têm razão, É uma falta de respeito!

Desencadeou-se uma vaia. O filme foi retirado. Fez-se luz e o dono do bioscope pediu desculpas. Havia matutos indignados que queriam bater-lhe. Ameaçamo-lo de o acompanharmos como sua sombra e de repetirmos a proeza. Pagou de cara feia, mas pagou.

Várias vezes em minhas viagens ao Ceará, tenho ido a Guaramiranga matar saudades. A terra continua quase a mesma. A gente de meu tempo morreu ou dispersou-se. Vive ainda ali meu velho e querido amigo Quincas Alves, numa casa nova, mas com a mesma loja de esquina. Hospedo-me em sua residência e sento-me numa tulha de sacos junto ao balcão, relembrando os bons tempos de nossa mocidade que se sumiu na voragem do tempo, mas está viva dentro de nossos corações. O Quincas é o último dos Alves naquela povoação. O Zeca mudou-se para Fortaleza e ali faleceu. O Chico vive no Rio de Janeiro. Dos irmãos Queirós nenhum mais na serra. Daniel em Fortaleza. Pedro na capital do país. Eusébio,

grande coração e grande inteligência, no túmulo. Nós andamos pela vida carregados de mortos.

Somente quem esteve na serra de Baturité, respirou seus ares puros, fruiu os encantos do clima maravilhoso, sente e compreende os versos apaixonados de Quintino Cunha em seu livro "Pelo Solimões", publicado em 1907, cantando a "Comunhão da Serra", como uma noiva envolta no branco véu das neblinas, ajoelhada sobre a terra cearense, comungando no espaço a hóstia luminosa da lua cheia.

O FOTÓGRAFO E O TRANSFORMISTA

Se eu pudesse, gastaria o ano inteiro errando do sertão a Jurucutuoca (1) e da Jurucutuoca à serra de Baturité. Mas precisava estudar e ganhar a vida. Ganhava-a, dando aulas noturnas a meninos dos cursos primários e secundário, e retocando de dia os retratos da Fotografia Bandière, à praça do Ferreira, no prédio onde fora antes o Café Peri(2).

Havia em Fortaleza no ofício de fotógrafo a superstição dos nomes franceses. Fotógrafo com nome nacional não ia lá das pernas. O velho e moreno Moura passou a ser Moura-Quineau. O Eurico Bandeira transformou-se em Eurico Bandière. Pagava-me oitenta mil réis mensais para pincelar cuidadosamente com nanquim as falhas de suas chapas, tirar rugas e empretecer cabeleiras encanecidas.

Isso acoroçoou meus pendores artísticos. Continuei a fazer desenhos e aquarelas. Enviava caricaturas e trabalhos

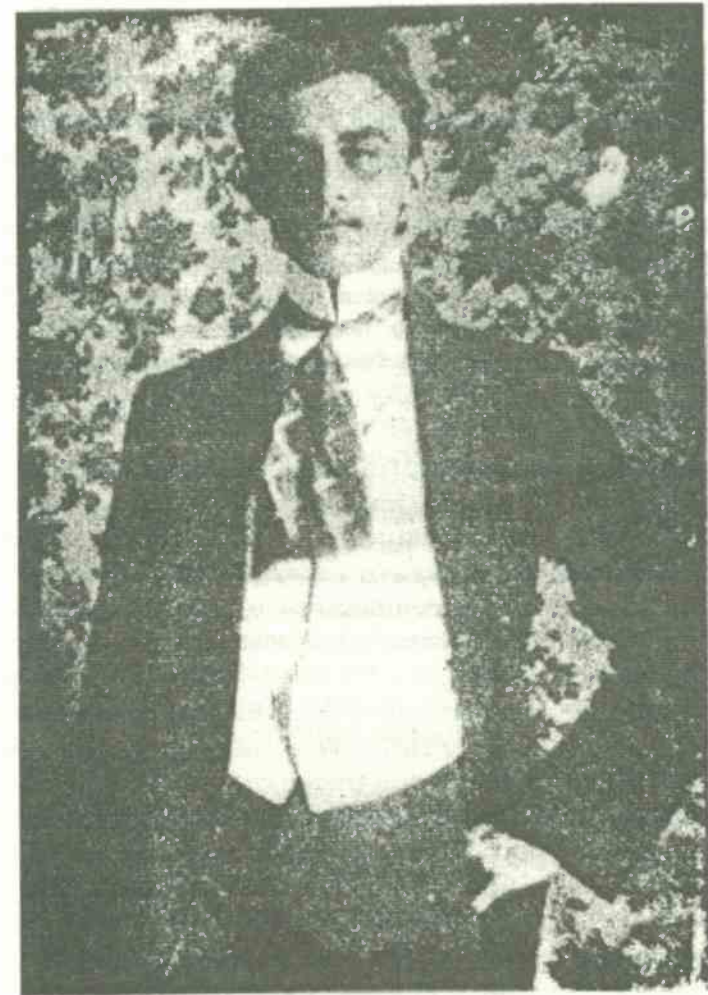
---

1 – Corruptela de jucurutuoca, casa do corujão, como já ficou esclarecido – M.S.A.

2 – Custou-me muito identificar o prédio da Praça do Ferreira onde se localizara o Café Peri e a Fotografia Bandière. Consultei autoridades na matéria e compulsei vasta bibliografia, sem resultado. Já tentado a desistir de meu intento, deparei-me com um exemplar do "Almanaque do Estado do Ceará" relativo a 1901, e lá se acha, no meu entendimento, solucionado o problema. Na p. 123 da aludida publicação encontra-se a indicação de que uma torrefação de café, pertencente a Álvaro Miranda e denominada Café Peri, se instalava no nº 28 da Praça do Ferreira. Ora, o mapa do logradouro, constante do "Anuário Cearense" do Colégio do Prof. Joaquim Nogueira, editado por seu inditoso filho José, desenho que me foi doado por Eduardo Campos ao saber que eu pretendia escrever a história da Praça do Ferreira, localiza o nº 28 do quadrado: após a Farmácia Galeno (antigo nº 24 da Praça e atual nº 566 da Rua Major Facundo) e a Farmácia Central (nº 26 antigo e atual nº 576), instalava-se a Farmácia Normal (nº 28 antigo e atual nº 584). Nesse prédio também esteve o Foto Sales e hoje nele se abriga a Casa Milano. – M.S.A.

literários ilustrados a jornais e revistas do Rio de Janeiro, que os publicavam às vezes com relevo. A "Careta" estampou vários contos humorísticos meus, como "O Tonico", "O chicote do Babau", "Meu Professor", entre 1907 e 1910, os quais figuram no livro "Casa de Maribondos". De fins de 1908 a princípios de 1909, a primeira página do "Tico-Tico" foi tomada pela história "O Anel Mágico", "texto e ilustrações de João do Norte", que fez as delícias da meninada daquele tempo, segundo o depoimento pessoal de Luís da Câmara Cascudo. Uma vez por outra, "O Malho" inseria minhas caricaturas contra o governo do Acióli, uma das quais duramente feriu os freqüentadores das rodas palacianas, pois o Ceará figurava como um cavalo magro amarrado a um toco e sugado pelos partidários do Presidente transformados em morcegos.

Por causa dessa habilidade, um dia Eurico Bandière me apresentou a um transformista-ventríloquo norte-americano que ia dar espetáculo no teatrinho do Clube Atlético, o John Bridgges. Tirando o fedorento cachimbo da boca, o ianque explicou-me na sua meia língua precisar duma espécie de bastidor, ao centro do palco, a fim de por trás dele caracterizar-se rapidamente em uma de suas transformações. A cena passava-se num escritório comercial. Fiz uma armação retangular de madeira, preguei-lhe um pano de algodão, endureci-o com goma e nele pintei um armário baixo, carregado de livros sobre o tampo, no meio dos quais avultava uma prensa de copiar. Caprichei bem na prensa, de modo que, à noite, à luz da ribalta, parecia de ferro. O bife grunhiu satisfeito e deu-me cinqüenta mil réis e uma entrada permanente.

Tinha achado naquele dia minha primeira profissão: cenógrafo. Pintei cenários para o teatrinho de amadores dos filhos de Arnulfo Pamplona e retoquei os do Clube Iracema. Fiz até um pano de boca. Acabei deixando a fotografia do Bandière e freqüentando os dois únicos artistas que Fortaleza então possuía: Ramos Cotoco, pintor de letreiros, e Antônio Rodrigues, retratista a crayon.

Gustavo Barroso aos dezenove anos, em Fortaleza.

APRENDIZ DE CENÓGRAFO

Tendo acabado a construção do Teatro José de Alencar, o Governo do Estado do Ceará contratou o serviço de cenografia com um arquiteto e pintor então residente em Natal, Dr. Herculano Ramos, casado com minha prima Amélia de Aguiar, filha do Barão de Catuama. Era um senhor alto e magro, de longos bigodes à gaulesa, culto e espirituoso. Tomou-me como seu aprendiz e ajudante, com o ordenado de cem mil réis por mês e a promessa duma gratificação de quinhentos a um conto, no fim do serviço, conforme os lucros. A gratificação representava para mim a possibilidade de vir para o Rio de Janeiro.

Com essa esperança, trabalhei um ano com o Dr. Herculano Ramos, de seis da manhã às cinco da tarde, menos uma hora para o almoço em casa de sua acolhedora e gentil família. Aprendi muito no seu ilustrado convívio. Tinha ótimos livros e era um apaixonado da cultura francesa da época do romantismo. Adorava em França Teófilo Gautier, em Portugal Ramalho Ortigão e Fialho de Almeida. Dava-me lições de arquitetura, falava-me dos pintores célebres e ensinava-me a conhecer os estilos em todos os artefactos das mãos humanas. Vivíamos na maior camaradagem.

Durante o trabalho, nem um pio. Não se perdia tempo. No assoalho do sobradão do José Maria, onde outrora funcionara a Escola de Aprendizes Marinheiros e hoje se ergue o prédio moderno da Secretaria da Fazenda, à rua da Praia(1), eu pregava em esquadria rigorosa pesados panos-de-fundo, bambinelas, bambolins, almuquéns, reguladores, bastidores e rompimentos. Encorpava-os com goma e segurava as grandes réguas para o traçado das perspectivas. Fixava os desenhos com sinopla, depois de feitos a *fusain*. Preparava as

1 – Início das Avenidas Pessoa Anta e Alberto Nepomuceno.

tintas. Enchia de cores os fundos simples. Meses após, desenhava, fixava e pintava os pormenores quase como o mestre que dirigia e fiscalizava o serviço, fumando um charuto numa espreguiçadeira. Desprendidos os panos pintados do chão, pregava-os nos chassis ou içava os de fundo, por meio de moitões e cordas, para secarem pendurados das tesouras do teto. Trabalho pesado que me esfolava as mãos e me descadeirava.

Recebia pontualmente todos os meses o meu ordenado e era acolhido de braços abertos pela família Ramos. Ajudava o Dr. Herculano a revelar chapas de verascópio Richard, de fotografia, de que era grande amador. Enquanto isso, ele contava-me a vida e a obra dos mais célebres pintores, sobretudo os modernos que mais o interessavam: Ingres, Gros, Detaile, Lembach, Delaroche, Milet, Jules Breton, Meissonnier, Regnault, Horácio Vernet e suas batalhas napoleônicas.

Quando, para terminar a encomenda do Governo, faltava somente retocar o pano-de-boca, que representava o encontro de Iracema com o guerreiro branco, o Dr. Herculano Ramos pagou-me o último ordenado, agradeceu-me o que fizera e despediu-me.

Nada reclamei, mas o não recebimento da gratificação que esperava impediu-me deixar o Ceará, como pretendia no momento. *Deus providebit*. Deus providenciou. Eu tinha uma herança depositada na Caixa Econômica, deixada por meu avô alemão morto em Blumenau, quinhentos mil réis, acrescidos de alguns juros, única herança que até hoje recebi. Completando minha maioridade, liquidei a caderneta e pude embarcar para o Sul.

JORNALISTAS, ARTISTAS E POLÍTICOS

Tomava parte com fervor na vida de minha cidade natal. Vivia em comunhão íntima com ela. Nada do que ali se passava me deixava indiferente, porque a amava com todas as forças de minha alma. Emigrei forçado pela necessidade e muitas vezes me tenho arrependido, apesar do que chamam *minhas vitórias* e que muitos invejam. Continuo a amar o Ceará como naquele tempo, apesar de incompreensões e mesquinharias, *quoiqu'on dise*. Alguns despeitados de quem me apiedo, porque os coitadinhos nada conseguiram na vida, insistem sempre na calúnia de atribuir-me falar mal de minha terra. Meus escritos os desmentem e isso basta como resposta. Os que, por maldade, fazem coro com eles só merecem desprezo. Em verdade, excetuando alguns amigos, entre os quais os moços do *Grêmio Gustavo Barroso* e o grupo do Salão Juvenal Galeno, com minha amiga Henriqueta Galeno à frente, o Ceará não se lembra de mim. O oficialismo honra-me com seu desdém ou sua antipatia. Somente Matos Peixoto, quando Presidente(1) do Estado, me penhorou com suas homenagens. Respondo a isso com o magnífico pensamento de Siqueira Campos, gravado em bronze no pedestal de sua herma, em Copacabana: "À Pátria tudo se deve dar. À Pátria nada se deve pedir, nem mesmo compreensão". Tenho absoluta certeza que, um dia, quando se apagarem com o tempo as paixões de caráter pessoal e político, ser-me-á feita a devida justiça. Eu só procurei honrar e enaltecer a minha terra.

Se eu não amasse o Ceará, não conservaria de memória a maioria dos fatos que ocorreram durante os anos em que lá vivi, sobretudo os três últimos antes de minha partida

1 – Era este o título do Chefe do Poder Executivo Estadual até 1930.

definitiva. Recordo a passagem, em 1907, de Juvenal Pacheco, tipo clássico do repórter carioca, entrevistando o Presidente do Estado e colhendo dados para o "Jornal do Comércio" sobre as condições do Norte. Era então, moda *descobrir* o Norte(2). Viu-o muitas vezes, jantando numa mesa da Rotisserie Sportsmen, perto da minha, à praça do Ferreira(3). Numa tarde em que, no Café Iracema(4), gelei a careca do Vicente Roque, que quase morre de medo duma congestão e suplicava ao gerente Heráclito que a friccionasse com álcool, ele riase às bandeiras despregadas. Longe estava de adivinhar que em breve seríamos colegas naquele grande órgão da capital do país e que a ele daria minha primeira entrevista como Diretor do Museu Histórico Nacional.

Passagens, chegadas ou demoras de certas individualidades equivaliam a notáveis acontecimentos na vida pacata da cidade. As conferências de Rafael Pinheiro, no mesmo ano, enchiam de público o grande salão do Clube Iracema(5). Os artistas deslumbravam a mocidade: o barítono D. Francisco de Souza Coutinho, o Chico Redondo, acompanhado por Nicolino Milano no seu estradivarius, ou Artur Napoleão em companhia de Vicente Cernicchiaro. Os jornais estampavam maus versos alusivos ao grande pianista:

"Bem-vindo o genial artista,
Astro de prima grandeza,
Que ao mundo inteiro conquista
Glória à Nação Portuguesa!

2 – Não esquecer que, até a década de 1940, quando o IBGE oficialmente dividiu o Brasil em cinco regiões naturais, separando o Norte do Nordeste, nós éramos, da Bahia para cima do mapa, o Norte. – M.S.A.
3 – Restaurante chique, instalado nos baixos do edifício Ceará (esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha), onde hoje se acha a Agência Central da Caixa Econômica Federal. – M.S.A.
4 – Existente então no canto sudoeste da Praça do Ferreira. – M.S.A.
5 – Então instalado em belo prédio da Rua Barão do Rio Branco, nº 1.321, demolido para construção de outro que abriga hoje (1987) uma das lojas Romcy. – M.S.A.

Desse Artur Napoleão
O triunfo se reparte:
Nos cabe a nós um quinhão
E a Portugal outra parte".

Lembro-me bem do concerto que Artur Napoleão deu em casa de Eduardo Studart à praça do Patrocínio(6), convidado por D. Emília Barroso Studart, grande musicista. Pelas amplas janelas a luz do salão jorrava sobre a rua, iluminando o sereno que aplaudia delirantemente o artista. Lá dentro, enquanto as mãos corriam sobre o teclado, recostado numa poltrona, o velho Acióli, Presidente do Estado, dormia, cabeceando.

Entre os conferencistas aportados a Fortaleza por esse tempo, um único conseguiu levantar uma onda de antipatia, Sebastião Sampaio, que se apresentava como discípulo de João do Rio, autor dum livro "A tortura do Real" e redator da "Gazeta de Notícias", encarregado duma *enquete* sobre o Norte do Brasil. Meteu-se nas rodas governamentais e de entrada o velho João Brígido pôs-lhe o apelido de *Ser-bestião*. Em junho de 1908, quando fazia no Clube Iracema uma conferência em que falava dos *luares verdes da terra de Iracema*, foi aparteado e vaiado pelos estudantes de direito. Adonias Lima, Joaquim Florêncio de Alencar e eu dificilmente impedimos que a calourada da Faculdade o apedrejasse. Na manhã seguinte, o órgão oficial registrava o episódio a seu modo: "Um pequeno grupo de rapazes mal educados fez insignificante excepção à atenção com que o público cearense ouviu o sr. Sebastião Sampaio, pretendendo perturbá-lo com dichotes desenxabidos".

Em fins de 1910, quando iniciei minha vida de jornalista profissional no Rio de Janeiro, Sebastião Sampaio trabalhava na "Imprensa" de Alcindo Guanabara, cuja cadeira me estava destinada na Academia de Letras. No exercício de nossas funções, continuamente nos encontrávamos e fizemos

6 – Depois Marquês de Herval e hoje José de Alencar. – M.S.A.

excelente amizade. Em julho de 1909, ao chegar a Nova York, vindo da Conferência de Versalhes na comitiva do Presidente Epitácio Pessoa, lá estava ele. Era Cônsul em São Luís. Graças à intervenção de Francisco Pessoa de Queirós, secundado por mim, o Presidente convidou-o a visitar o Canadá. Essa convivência com o futuro chefe do governo trouxe-lhe mais adiante considerável melhoria em sua carreira consular. Na presidência de Artur Bernardes, Félix Pacheco, Ministro do Exterior, deu-lhe a chefia de seu gabinete e Sebastião Sampaio tornou-se tão importante que me convenci da razão de João Brígido em apelidá-lo como fizera no Ceará.

Ao lado de artistas, jornalistas e conferencistas, surgiam os políticos: Artur Lemos, então representante da poderosa oligarquia dos Lemos do Pará, que seria meu colega na Câmara Federal, dando-me ensejo para apreciar de perto suas qualidades de espírito e de coração; Álvaro de Carvalho, de alto prestígio na política hegemônica de São Paulo, que me distinguiu sempre com sua amizade e confiança no Congresso da República; e outros, que brilharam um instante como meteoros da democracia liberal e se apagaram na morte ou no esquecimento.

D. Francisco de Souza Coutinho, o Chico Redondo.
Caricatura de Gustavo Barroso. Xilografia de Gil Amora.

O CANGULO

O melhor divertimento da cidade continuava a ser o cinematógrafo em edições melhoradas. Havia ao todo três, pequenos e pobres, com cadeiras austríacas e pulgas à vontade: o Pathé do Vitor di Maio, italiano de cabeça branca e fala apressada, nos fundos da Maison Art-Nouveau(1), do lado da rua Municipal(2), com luz *Oxslite* e fitas gesticulantes da Francisca Bertini; o *Estereopticon*, da empresa Cabral & Cia., depois do Júlio Pinto, com fitas da Pia de Tolomei, que revirava os grandes olhos a cada instante, nos fundos do Palhabote, à rua Major Facundo(3); e o *Rio-Branco*, na rua Formosa, de propriedade do joalheiro Mesiano, nos fundos de sua loja(4), onde outrora fora a oficina de encadernação do polaco Louis Cholowiecki, que o povo chamava Luis Chuvisco. Ali começava a brilhar a glória de Valdemar Psilander, o Rodolfo Valentino e o Tyrone Power do tempo.

Um jornalzinho satírico dizia que os cinemas de Fortaleza eram do calendário e soltava este trocadilho que o Raul Pederneiras desautorizaria: um é de Maio, o outro de Julho e o outro de Mês-a-ano. O personagem mais aplaudido que vi nessas casas de diversão foi o Cangulo. Não me recordo mais de seu nome. Não esqueci, porém, o apelido que lhe havíamos posto no Liceu, onde cursara o primeiro ano, por causa de sua boca estufada e desdentada. Popularíssimo pela sua

---

1 - A Maison Art-Nouveau era um simples Café que se situava no prédio da esquina sudoeste das ruas Major Facundo e Guilherme Rocha. O Pathé, seu vizinho pela rua Guilherme Rocha, abrigava-se em prédio que confrontava com o velho sobradão em cujo terreno seria levantado o Excelsior Hotel, entre 1924 e 1932. - M.S.A.

2 - Atual Rua Guilherme Rocha. - M.S.A.

3 - Rua Major Facundo Nº 286. Em seu local foi levantado o já deteriorado Edifício Lopes. - M.S.A.

4 - Rua Major Facundo nº 364. - M.S.A.

ignorância e feiura no meio estudantil, um dia resolvera vir ao Rio de Janeiro e vencer. Durante muito tempo ninguém soube notícias dele. Em julho de 1909, faleceu o Presidente Afonso Pena. Em agosto, os cinemas exibiam a reportagem do enterro. O *Pathé* estava literalmente cheio de estudantes, quando apareceu na tela o Cangulo, de pé por trás do cordão de isolamento dos guardas civis à porta do Catete, quando saía o féretro presidencial. Um grito uníssono sacudiu a platéia:

– O Cangulo!

Estrugiu formidável salva de palmas. Por mera coincidência. O Cangulo abriu a bocarra num sorriso sem dentes, como dirigido aos seus antigos colegas. Terrível aclamação abalou o cinema:

– Viva o Cangulo! Viva o Cangulo no Catete! Viva o sucessor do Afonso Pena!

Pobre Cangulo! Foi o único triunfo que obteve em sua infeliz e curta existência, e não o presenciou. Encontrei-o anos depois no Rio, a morrer de fome, desiludido e acabado. Consegui no Ministério da Agricultura, com meu amigo Lino Moreira, uma passagem para que voltasse a Fortaleza e fosse ajudar o pai a vender bananas na feira, como antes de criar asas para se perder. Sem querer, encaminhava-o para uma morte trágica. O Barbosa Lapada, um dia, após uma discussão, fuzilou-o a tiros de revólver. Pobre Cangulo!

A PRIMEIRA PRISÃO

Em janeiro de 1907, um Decreto do Governo reorganizara o Exército e modificara seus uniformes. O oficial intendente do 9º de infantaria começou a apresentar-se nas ruas de túnica verde e calças garance. Pouca gente soube naquele tempo e ninguém sabe hoje que anonimamente eu colaborara na transformação da indumentária militar, enviando ao Ministério da Guerra pelo correio, meses antes, uma série de desenhos com projetos de fardamentos. Algumas de minhas sugestões foram aceitas e entre elas aquela túnica verde. A criação dos Dragões da Independência, o meu livro sobre Uniformes do Exército em colaboração com Washt Rodrigues e outros trabalhos no gênero têm, como se vê, raízes antigas.

A oficialidade do 9º de infantaria incentivava em Fortaleza o entusiasmo pelas cousas militares. Começavam os Tiros de Guerra e os Voluntários de Manobras. O impulso vinha do Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra. A mocidade acorria aos quartéis. Fundou-se o Tiro Cearense, nº 38, com *stand* na Aldeota(1), no qual cheguei ao oficialato. O Liceu, a Fênix Caixeiral e a Faculdade de Direito formaram outros. Oficiais distintos animavam esse surto de patriotismo. O Tenente Ernesto de Medeiros, no Liceu. O Tenente Colares Chaves, na Faculdade. O Tenente José Joaquim de Andrade, no Tiro 38. Os Aspirantes Francisco Távora e Edgard Facó, na Fênix. Os capitães Rafael Benjamin da Fonseca e Heráclito Hélio, em toda parte.

Quando fui Secretário do Interior e Justiça, Ernesto de Medeiros comandava a Polícia. A José Joaquim de Andrade,

1 – Situava-se na Rua Carlos Vasconcelos, entre a Avenida Santos Dumont e a Rua Pereira Filgueiras, aproveitando-se um outeiro de areia existente no local, onde as balas penetravam. – M.S.A.

morto como General, fui chamar numa trágica madrugada de 1914, no Quartel General, para socorrer com as peças de artilharia de que dispunha o Governo do Estado atacado em palácio pelos soldados revoltados da 3ª Companhia Isolada de Caçadores, incitados pela política e associados aos catraieiros da sociedade Deus e Mar. Como consegui sair do palácio, salvar-me das balas que assobiavam pelas ruas e chegar ao Quartel, acompanhado por meu fiel ordenança, o cabo Silvino, somente Deus e nós dois sabemos. Não foi nada fácil; mas, ao romper o dia, graças àquele auxílio, o movimento estava debelado.

O general Agostinho Marques Porto, comandante da região militar, quando estava em Fortaleza, gostava de realizar manobras com a rapaziada dos Tiros. A última em que tomei parte foi a de outubro de 1909. Juntos com a 2ª Companhia de Caçadores, fomos passados em revista na praça Figueira de Melo(2). Divididos em dois destacamentos, simulamos um combate nos areais da Aldeota, entre a rua da Soledade(3) e os morros do litoral. O tema era impedir a marcha sobre a cidade duma força inimiga desembarcada no Mucuripe. O Capitão Rafael Benjamin da Fonseca, comandante do meu destacamento, que era o de ataque, proibiu terminantemente em nome do General, qualquer carga de baioneta ou corpo a corpo, pois que, numa manobra anterior, tinha havido alguns ferimentos por causa disso. Fiz parte com meu pelotão das guardas avançadas e encontrei pela frente, como adversários, rapazes do Liceu. Minha gente tiroteou muito tempo com eles, avançando e rastejando. Desbordei-os por um flanco e nada de arredarem pé. Irritei-me e mandei carregar a baioneta. Mas, em plena carga, surge por trás duma cerca, a cavalo, o General e seu estado-maior. Dei voz de alto! e baixei a espada em continência. Recebi dum oficial a ordem seca de passar o comando ao sargento e recolher-me preso ao quartel. Fiquei detido três dias. Foi uma prisão deliciosa diante de outras que tenho experimentado com mais idade. Serviu para ir acostumando... Na vida – dizia Jerônimo Pigafetta, depois de percorrer mundos e mares – não há rosas sem espinhos.

2 – Nome oficial que o povo não adota. Continua a ser a Praça da Escola Normal, apesar desta se ter mudado para o Bairro de Fátima na ultima fase da década de 1950. – M.S.A.

3 – Era uma só artéria, seccionada depois com o prédio, de dois quarteirões, onde está (1987) o Colégio Militar. A parte sul chama-se Rua J. da Penha e a norte Rua Dom Joaquim. O Autor se refere a esta última secção. – M.S.A.

GUSTAVO BARROSO

O AUTOMÓVEL DO JÚLIO PINTO

A última lembrança que conservo da Fortaleza daqueles ótimos tempos é a do primeiro automóvel que ali apareceu e causou sensação. Júlio Pinto, dono da Casa Palhabote(1) e espírito empreendedor, comprou-o em segunda mão, no Recife. Marca Pic-Pic, tinha não sei quantas manivelas externas de freios, mudanças de velocidade e marcha à ré. Parecia uma das vetustas caleças do Colignac montada sobre rodas de borracha. Entregaram a direção a um mecânico *diletanti*, o português Rafael, mais tarde meu chofer na Secretaria do Interior. Júlio Pinto convidou-me, como seu amigo e jornalista, para o passeio inaugural. Ao lado do condutor, ia o velho John Petter Bernard, dinamarquês e fabricante de malas. No assento traseiro, Júlio Pinto e eu. Saímos aos pinotes, com uma barulheira infernal e soltando rolos de fumaça pelo pontiagudo calçamento da antiga Fortaleza. Quase púnhamos as tripas pela boca. As janelas enchiam-se de gente curiosa. Grupos formavam-se às esquinas. Corriam pessoas de toda parte. A molecada assanhada acompanhava-nos aos pinchos. De repente, em frente ao Clube Iracema, na rua Formosa(2), o Pic-Pic empacou, enguiçado, bufando. Rafael não lhe deu jeito, por mais que remechesse o mecanismo. John Petter Bernard sujou-se todo e nada conseguiu. Júlio Pinto, sempre irônico e chocarreiro, debicou-o:

– Você, *seu* John, nem parece dinamarquês e fabricante de malas! Pensei que soubesse seu ofício. Um automóvel é uma mala de rodas.

Fui até a praça do Livramento(3) e arranjei, com um velhote que vendia água, dois jumentos, que puxaram o primeiro automóvel do Ceará até a garagem, com os moleques atrás, gritando em charola:

– Moço, me dá um tostão para ajudar a empurrar!

---

1 – Rua Maior Facundo nº 286, no Local onde hoje se acha o Edifício Lopes.
2 – Nº 1.321 da Rua Barão do Rio Branco. O belo prédio foi demolido e em outro ali levantado se acha instalada uma das Lojas Romcy. – M.S.A.
3 – Devia esse nome à capela ali existente, dedicada a N.S. do Livramento. Construída no local, depois, uma igreja maior, dedicada a N.S. do Carmo. – M. S. A.

SOROR BEATRIZ

Em companhia da família Salgado, que ia à Europa, minha irmã deixou o Ceará para ser freira. Meu pai opusera-se, como livre-pensador, a essa vocação religiosa. Ela esperara a maioridade e, com seu trabalho de professora, ajuntara o dinheiro necessário à viagem e ao dote. Afastara todos os pretendentes a casamento, o pensamento fixo em Nosso Senhor.

Professou como Soror Beatriz, Oblata de São Bento, numa abadia da Escócia. Depois, foi para o convento de Endenick, perto de Bonn, na Alemanha. Faleceu em 1919 no mosteiro de Nossa Senhora de Zonarre exilado em Nieue-Herlaag, nos arredores de Hertobenloser, capital do Brabante holandês.

Meu pai nunca se conformou com isso.

Ana Dodt Barroso, minha irmã, com 21 anos, ao partir para o convento.

IV

A ACADEMIA E A POLÍTICA

À memória de meu professor e amigo
Dr. Soriano de Albuquerque

O JARDIM DE ACADEMUS

A Faculdade de Direito do Ceará, fundada pelo Presidente Nogueira Acióli, nasceu de uma idéia de Eduardo Studart, exposta a vários amigos em um almoço no Hotel Internacional de Emílio Barrocio(1). Particular ao princípio, tornou-se, depois, oficial. Cursei três anos, de 1907 a 1909. De 1910 a 1911 concluí o curso na Faculdade Livre do Rio de Janeiro, então num velho sobrado do Campo de Sant-Ana, depois incorporada à Universidade. Não perdi um ano. No primeiro, prestei exames na época normal. Nos outros, em segunda época, porque os trabalhos de professor, desenhista, cenógrafo ou jornalista com que ganhava a vida não me permitiam freqüentar aulas. Obtive boas notas. Algumas vezes, as melhores.

Estudava com real prazer as "Filosofias do Direito" de José Mendes e Cogliolo, a "Finalidade do Mundo" de Farias Brito, a "Lógica indutiva e dedutiva" de Stuart Mill, os "Ensaios de Filosofia do Direito" de Sílvio Romero, os "Primeiros Princípios" e a "Classificação das Ciências" de Spencer. Levava sobre a maioria a vantagem de conhecer a fundo o francês. Dava excelentes lições. O professor Soriano de Albuquerque considerava-me o seu melhor aluno. Fazia parte de um grupo seleto que só tirava distinções e se reuniam, nas tardes de quinta-feira, em casa do mestre, à rua da Assunção, esquina de Duque de Caxias,(2) e que ele próprio intitulara o Jardim de Academus.

Ali discutimos Demócrito e Aristóteles, Santo Agostinho e Santo Tomás, Espinosa e Comte, Kant e Schopenhauer, os antigos e os modernos. Éramos poucos os eleitos: Adonias Lima, Luís de Morais Correia, Sila Ribeiro, Antônio de Albuquerque,

---

1 – Esquina sudoeste das ruas Maior Facundo e Castro e Silva. – M.S.A.
2 – Não consegui identificar em qual dos quatro cantos ficava a casa do Prof. Soriano de Albuquerque. – M.S.A.

Maria Rubim, Leonel Chaves, Francisco de Alencar Matos, Lucídio Freitas, José Lopes de Aguiar e eu. Fazíamos inveja aos rapazes do Centro Calíope, que publicavam a revista "A Jangada". Causávamos mesmo um pouco de ciúmes ao famoso grupo intelectual Plêiade, de que participavam doutores e veteranos da Academia: Manuel Augusto de Oliveira, Carlos Sá, Hildebrando Acióli, José Silveira, Ábner de Vasconcelos, Henrique Jorge e outros, entre os quais pontificavam o magistrado federal e poeta Alfredo de Miranda Castro, autor do livro de versos "De sonho em sonho" que o jornal do governo punha nas nuvens e nós levamos numa troça sem fim.

Soriano de Albuquerque exercia a magistratura no sertão, quando o convidaram para professor de Filosofia do Direito na nova Faculdade. Moço brioso e digno, dedicou-se com fervor ao estudo e, em pouco tempo, conseguiu ser um mestre na matéria. Fisicamente fraco, o trabalho demasiado esgotou-o e faleceu dentro de alguns anos minado pela tuberculose. Somente deixou saudades.

O corpo docente da Faculdade do Ceará era de um modo geral excelente. Os melhores conhecedores do Direito no lugar e naquele tempo dele faziam parte: Virgílio de Morais em Direito Comercial, Sabino do Monte em Direito Civil, Antônio Arruda em Direito Internacional, Raimundo Ribeiro em Direito Romano. Com eles me embrenhei na *selva selvaggia* dos Orlando, dos Boutmy, dos Bonfils, dos Clóvis, dos Cimbali, dos Barbalho, dos Rui, dos Lafayette, dos Bento Faria, dos Ihering, dos Savigny, dos Amaro Cavalcante, dos Varela e quejandos, de fora e de dentro do país. Detestava-os cordialmente com meu espírito de tendência militar; mas, como não havia outro remédio, engolia-os, certo de não os digerir muito bem. Plenamente e distinções choviam-me na cabeça. Decididamente tomara vergonha de vez como estudante. Longe iam os tempos das vadiações do Liceu. Os antigos professores daquela casa cumprimentavam-me sorridentes. Um deles, Hermino Barroso, não passava por mim que não dissesse:

– Dando para gente, hem? Estou gostando. Muito bem!

OS BANCOS DO PASSEIO PÚBLICO

Conservava, no entanto, velhas amizades no Liceu. Apesar dos colegas e amigos novos, freqüentava, às vezes, preparatorianos como Lauro Salgado, Aderbal Pamplona, Leonardo Solon, José Assunção, Fernando e Guilherme Studart. Conservava a maior intimidade com antigos colegas como os poetas Mário Linhares e Irineu Filho. Andavam constantemente comigo vários estudantes do Liceu como Nilo Tabosa Freire, que era engraçadíssimo e criara um personagem fabuloso, uma espécie de Putois de Anatole France, o Higino, perpetuado em meu conto "O Anel das Maravilhas", capaz de todas as proezas, em quem fingíamos acreditar e a quem ele atribuía tudo na vida.

– Nilo, por que não apareceste ontem? Nós te esperamos até nove horas no banco do Passeio.

– Meninos, ontem foi o aniversário do Higino e ele me convidou para jantar. Depois, fomos ao cinema.

Nosso banco, no Passeio Público, ficava em frente da velha muralha asseiteirada da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Discutíamos ali todos os assuntos imagináveis. Daquelas reuniões, que se faziam todas as noites, indefectivelmente, saíram algumas idéias interessantíssimas. Éramos, sem exceção, oposicionistas e atuávamos sempre com a idéia de fazer mal ao governo. Acadêmicos de direito, preparatorianos, comerciários e outros, todos estavam envenenados pelo espírito de divisão e de análise do século XIX.

Lembro-me de quase todos os *banqueiros*, como nos apelidávamos por ironia. Pedro Artur de Vasconcelos era como a minha sombra. Ficava muito tempo sem falar, mas, quando dizia uma cousa, dizia-a com segurança e propriedade. Seu irmão Orígenes não se cansava de nos revelar as belezas do "Canaã" de Graça Aranha. Moacir Caminha embebia-se e procurava embeber os outros em seu grande sonho socialis-

ta. Nilo de Morais Brito e seu irmão, Aurélio, que seria longos anos Secretário do Museu Histórico Nacional sob minha direção, contavam histórias do sertão e da política do Piauí, sua terra natal. Luis Elísio de Oliveira, muito vermelho, recitava versos de Guerra Junqueiro. Joaquim Florêncio de Alencar declamava contra a política aciolina. Tomás Carvalho ouvia e comentava baixinho. Edgard Sabóia Ribeiro zombava de tudo. Euclides Aires meditava. E o jovem alfaiate francês Eugênio Froideval, que não sabíamos de onde tinha vindo nem para onde ia, aperfeiçoava meus conhecimentos de francês e me instilava o ódio da burguesia e o amor do proletariado, num grande anseio de justiça social que até hoje ainda se não acalmou em meu espírito; Froideval conviveu alguns meses conosco e desapareceu tragado por um abismo. Deu-me a ler Bakunine e Lasalle, Proudhon e Karl Marx, muito influindo em minha formação mental.

A alguns passos de *nosso banco*, reuniram-se noutro alguns senhores idosos, entre os quais o juiz Guaraná, o desembargador João Firmino, o professor Virgílio de Morais, o engenheiro João Nogueira e Júlio César da Fonseca, secretário da Intendência Municipal, reputado pelo seu saber, que falava em voz alta sobre todos os assuntos. Meu pai, às vezes, tomava parte no grupo. Até nove horas da noite quando se fechavam os portões de ferro do Passeio, desde o tempo da administração do Pais Pinto, velhos dum lado e moços do outro comentavam a vida segundo prisma de sua geração. O passado diante do presente ou, melhor, do futuro.

Esse Pais Pinto, administrador do Passeio Público durante muitos anos, merece ligeiro esboço. Negociante rico, faliu e acabou obrigado a aceitar aquele empreguinho municipal. Pé de boi, não saía do Passeio. Surdo como uma porta, conversava mordendo um leque de borracha, a fim de poder ouvir alguma cousa. Andava curvado e os cabelos muito longos e alourados caíam-lhe em falripas sobre o colarinho. Nesse tempo, era eu menino e gostava loucamente de apreciar nos canteiros do Passeio, entre os tanques cheios de água, as seriemas mansas. Quando via o

Pais Pinto, lembrava-me das metempsicoses e transformações de gente em bicho feitas pelos gênios e pelas fadas, e a mim me parecia que o velho era simplesmente uma seriema vestida de homem.

Depois de minha saída do Ceará, o *banco* dos moços dissolveu-se. O dos velhos transferiu-se para a praça do Ferreira e se tornou verdadeira tradição da cidade sob o nome singelo de O BANCO. Creio que ainda existe.(1) Meu pai fez parte dele até mudar-se definitivamente para o Rio, em 1934. Era um dos raros sobreviventes dos tempos do Passeio Público.

Freqüentava uma vez por outra o nosso banco um tipo interessantíssimo, o cabo Werneck. Ainda moço, muito espigado, pisando na ponta dos pés, tinha ambos os braços amputados perto dos cotovelos por estilhaços de granada na revolta de 1893. Fora da cavalaria e andava sempre com farda da arma: túnica azul-mescla, vivos brancos, platinas de corrente, bombachas de brim branco bem engomados, barbicacho de borla no boné, em que arvorava orgulhosamente duas letras – I.P. Inválido da Pátria. Odiava os soldados de polícia e chamava-os mata-cachorros, cuspindo como o árabe, quando se refere ao judeu. Onde quer que houvesse um conflito, entrava nele. Sem braços, brigava furiosamente de pontapés e cabeçadas, como um João Paulino endemoniado. Oposicionista e revolucionário. Daí sua afinidade conosco. Trazia-nos a par de grande intriga tecida na sombra entre a Polícia e o 9º de infantaria. Anunciou-nos uma noite que o estouro seria no dia seguinte.

De fato, principiou na Feira, (2) à tarde, entre um corneteiro do 9º e um guarda-cívico. Werneck desceu do bonde do Outeiro(3) e ajudou o corneteiro. Fechou-se o tempo em

1 – Desapareceu quando da última reforma da Praça do Ferreira, em 1968/69.

2 – A Feira ficava na Praça Carolina, depois crismada de José de Alencar e de Capistrano de Abreu. Atualmente, denomina-se Largo da Assembléia um de seus pequenos espaços que escaparam do deletério costume da nossa Municipalidade de entupir ou permitir que sejam entupidas as praças da cidade. – M.S.A.

toda a cidade. Da Praia (4) ao Benfica e da Aldeota ao Morro do Moinho, o pau roncou até altas horas da noite, onde quer que os soldados rivais se encontrassem. As autoridades federais e estaduais com grandes esforços restabeleceram a ordem. Nessa noite, o pessoal não se reuniu no banco do Passeio, porque andava quase todo pelas Areias, ajudando a infantaria a meter o cacete na polícia. Creio que isso ocorreu em novembro de 1907.

O poeta Mário Linhares. Caricatura de Gustavo Barroso. Xilografia de José Gil Amora.

O poeta Irineu Filho. Caricatura de Gustavo Barroso. Xilografia de José Gil Amora.

---

3 – Bairro existente entre as praças Figueiras de Mello e da Bandeira (ou do Colégio Militar ou de Cristo Rei, como o povo a chama) e entre a Praça Cristo Redentor e o fim da Avenida Dom Manuel.

4 – Praia, naquele tempo em que a futura Praia de Iracema (então do Peixe ou dos Pescadores) não havia sido descoberta, a Praia era simplesmente a Prainha – M.S.A.

O GRUPO DOS TIRANICIDAS E OS HUSSARES DA MORTE

Joaquim Florêncio de Abreu sugestionou o banco com a idéia da criação dum grupo unido por terrível juramento, destinado a libertar o Ceará da oligarquia aciolina. Baixo, feio, pele cheia de espinhas e nariz abatatado, Joaquim Florêncio era tenaz propagandista contra o governo nas rodas estudantis. "A República", pela coluna das verrinas, só o apelidava – *Oxiúrio de Alencar*, o que o faria espumar de raiva. Atribuía a alcunha a uma ave de arribação paraibana, surgida em Fortaleza, que, à custa de zumbaias, arranjara o empreguinho de *Observador* do Posto Meteorológico, Lourenço Moreira Lima, conhecido como o *Coitado*.

Toda política mesquinha se enrodilha nessas molecagens. A do Ceará, então, mais do que qualquer outra. De parte a parte. O órgão oficial não imprimia nunca o nome dos adversários, mas seus apelidos ou esses nomes deturpados. Valdemiro Cavalcante era *Valdemiro Carachuê*, Rodrigues de Andrade, o *Andrade-Rato*, o *Andrade-Bruticário*, o *Carachu-Jussara* ou o *Ubre-rajado*, por causa de seu pseudônimo – Jaci-Ubirajara. Armando Monteiro, genro de João Brigido, o *Armando Monturo*. Américo Facó, o de *A. Tocô*. O pálido esculápio Sinhôzinho Medeiro, o *Merdeirinho*. Agapito Jorge dos Santos, o *Homem-do-dedo*, o *Égua-Pinto*. Hermenegildo Firmeza, o *Torpeza* ou o *Femeza*. João Brigido João *Broto*, *João Calunga*, *Barão Negro*, *Barão das duas mortes*. Joaquim Pimenta, *Coroinha*, *Malagueta*, *Moço-Filósoto*, *Discípulo do Padre Melo*. Adonias Lima, *Donias-Cumbe*. Sila Ribeiro, o *Sela*. José Lopes de Aguiar, *Criança-Barbada*, *Batoré*, *Zéguiar*. O poeta Junqueira Guarani, *Porqueira-Guarani*. Artur Cirilo, o *Ciri-Boite*. O pai, o *Cirilão*.

A oposição respondia olho por olho, dente por dente. O velho Acióli era o *Babaquara*. José Acióli, o *Zé-Queixo*. Antônio Acióli, *Antônio Caraolho*. Alfredo Miranda Castro, o *Pitu*. Versos gaiatos esfusiavam:

O Antônio Caraolho
Foi visto no Mundaú
Credo! matando piolho
Na careca do Pitu.

Raimundo Borges, o *Raimundão*. Raimundo Peixoto, o Peixotão. Antônio Augusto, o *Pelota*. Tibúrcio de Paula, o *Paulá-da-serra*. Sófocles Câmara, o *Sófocles*. Carlos Câmara, *o ponto terminal do aparelho digestivo*.

"A República" mantinha uma secção diária de mofinas, o *Dizem por aí*, que começou a se ocupar comigo em 1905 e nunca mais me deixou de mão. Chamava-me *Gustavo-Besteira*, *Gustavo-Garapa*, *Gustavo-Xarope* e o *Opilado*. O que eu escrevia não passava de "tempestades de sandices". Joaquim Florêncio, Adonias Lima e eu não saíamos um dia daquele pelourinho. Uma feita veio esta quadra contra o *Oxiúrio*:

Esse fedelho petulante e burro,
Autor de versos marca H. Femeza,
É um tipo besta, cuja grã rudeza
Excede a dum jumento, a dum chamurro!

Esbofeteado pelo insulto, Joaquim Florêncio decidiu-se à ação e fundou com alguns amigos fiéis o famoso Grupo dos Tiranicidas, cujo fim era a extirpação do que chamávamos a tirania aciolina. Almas moças, empeçonhadas na mesquinhez do ambiente, víamos as cousas dessa maneira. Em verdade, não sabíamos o que fosse uma tirania real. Nossa pouca idade e minguada experiência não nos permitiam prever que os demolidores do sistema oligárquico aciolino seriam no poder muito inferiores a ele.

Um de meus melhores amigos naquele tempo, Francisco Gomes Malveira, promotor na Lábrea, no rio Purus, grande lutador que cursava Direito no Ceará para melhorar de vida e freqüentava indistintamente todas as rodas, preveniu-me que o Grupo fora denunciado à polícia, a qual ia tomar providências sérias. Estas eram demasiadamente conheci-

das. Resumia-se na frase – *meter o pau*. Com efeito, dias mais tarde, Joaquim Florêncio, ao recolher-se à casa onde morava, à rua General Sampaio, esquina dum terreno baldio na rua das Flores,(1) foi nas imediações atacado por três soldados à paisana. Defendeu-se e, graças à escuridão da noite, conseguiu entrar na sua residência somente com uma brecha na cabeça, pingando sangue.

Dissolvemos o Grupo dos Tiranicidas, onde, decerto, se tinham infiltrado espiões do governo, e fundamos uma sociedade secreta e terrorista, com reduzidíssimo número de membros: o *Clube dos Hussares da Morte*. O Presidente era Eugênio Froideval; o Tesoureiro, Moacir Caminha; o Secretário, eu; membros: Joaquim Florêncio, Edgard Ribeiro, Tomás Carvalho, Euclides Aires. No primeiro quarteirão da rua da Boa Vista,(2) a contar do Passeio Público, alugamos uma meia-água espremida entre o prédio da pensão Rendall(3) e o sobrado da Western Telegraph, outrora cocheira do velho Rendall. Ali nos instalamos, preparando tudo e realizando sessões alta noite, quando a cidade dormia como uma pedra.

Forramos as paredes de fazenda preta ordinária, semeada de caveira e tíbias cruzadas, que pintei a alvaiade. O mobiliário compunha-se duma mesa coberta de preto, três cadeiras para a diretoria e dois bancos de pau para os demais membros. Sobre a mesa, um tinteiro, dois castiçais com velas e um punhal. Realizávamos as sessões de rostos inteiramente cobertos de cogulas de chita preta, em que os olhos brilhavam nos dois buracos. Ritual e juramentos de arrepiar. Por eles nos comprometíamos a libertar o Ceará e a implantar o socialismo.

---

1 – Não identifiquei qual das três esquinas. A quarta corresponderia à Praça Castro Carreira ou da Estação de trem. -M.S.A.

2 – Atual Rua Floriano Peixoto. O quarteirão situa-se entre as ruas Castro e Silva e João Moreira. – M.S.A.

3 – rua Floriano Peixoto nº 136. O velho prédio foi derrubado e em seu local está sendo construído outro. Além da Pensão Rendall nele se abrigou o Armazém Esplanada. – M.S.A.

Carecíamos para isso do apoio da classe operária, cujo chefe era um mestiço gordo, o João Ramalho. Convidamo-lo em uma longa e explicativa carta a fazer parte de nossa organização. Se estivesse de acordo, devia esperar à meia-noite na esquina do sobrado dos Correios.(4) O homem compareceu. Tomás Carvalho e Edgard Ribeiro, devidamente encapuzados, vendaram-lhe os olhos, deram algumas voltas pelas proximidades e o introduziram na sede. Retiraram-lhe o lenço e ele se viu de súbito num aposento forrado de negro, mal iluminado por duas velas, rodeado de caveiras, ossos e sujeitos de capuz negro, dois dos quais, Froideval e eu, falavam em francês. Ficou lívido e começou a tremer como varas verdes. Aceitou tudo o que lhe propusemos e pronunciou o juramento em que se comprometia a guardar inviolável segredo, quase chorando, sob uma *abóbada de punhais*. Reconduzido na mesma maneira misteriosa por que viera, nunca mais compareceu a uma sessão por mais insistentes convites que lhe fizéssemos em carta pelo correio ou em bilhetes postos por baixo de sua porta. Dos pedidos passamos às ameaças com folhas de papel em que imprimíamos o selo fúnebre dos Hussares da Morte, gravado por mim em caraca de cajazeira. Nada conseguimos.

Fizemos também algumas ameaças anônimas ao Governo, que provocaram prontidão nas guardas e um artigo indignado sob o título "Tomem tento!" no qual os redatores da "República" diziam que a polícia estava ao correr de todos segredos dos perturbadores contumazes da ordem pública e oportunamente atuaria. Rimos como loucos com esse artigo. O órgão oficial tomava a nuvem por Juno. Aquilo tudo não passava de produto da imaginação de rapazes inteligentes, inquietos e vivos. Era quase uma brincadeira de meninos grandes.

O Clube dos Hussares da Morte teve vida breve. Edgard Ribeiro usou a sede para um fim menos nobre e foi expulso. Moacir Caminha, o único a tomar tudo a sério, indignado, queria matá-lo. Andava à sua procura com uma faca na cava

4- Esquina sudoeste das ruas Floriano Peixoto e João Moreira. M.S.A.

do colete. Conseguimos contê-lo, mas desligou-se de nosso grupo e nunca mais falou com Edgard Ribeiro. Não éramos gente digna e capaz da grande revolução social que ele esperava. Caráter sincero, tornou-se socialista de verdade e acabou como agitador comunista fichado pela polícia. Enquanto estive no Ceará, contei sempre com sua amizade. A vida nos separou. As idéias, talvez mais ainda. No fundo de nossas almas, nunca poderia, porém, acabar um resto da antiga amizade que nos uniu.

Mais ou menos um ano após o fim dos Hussares da Morte, achava-me parado numa manhã de domingo à entrada do Mercado Público, quando João Ramalho passou, deu com os olhos em mim e tirou-me respeitosamente o chapéu. Não me conhecia pessoalmente. Por que me cumprimentava, desbarretando-se até o chão? Eu usava um colete verde de botões de ouro, que, certamente aparecia por baixo do capuz curto na sessão secreta a que ele comparecera apavorado. Assim, o líder operário me identificara. Talvez vinte anos depois, no Rio de Janeiro, João Ramalho me procurou para auxiliá-lo a resolver um caso de seu interesse pessoal. Conversamos sobre o passado e revelei-lhe todo o segredo dos Hussares da Morte. Ambos rimos à vontade.

A FACULDADE DE DIREITO

Minha entrada na Faculdade de Direito não me deu as emoções da matrícula no Colégio Partênon e no Liceu. Ela funcionava, em 1907, no andar térreo do prédio da Assembléia Estadual, em frente ao Mercado do Peixe e ao que se chamava a *Pedra*, onde se vendiam cavalos, jumentos, cabras e carneiros vivos.(1) Dirigia-a o Dr. Tomás Pompeu, filho do Senador Pompeu, homem de grande saber e eminente dignidade. Fiscalizava-a em nome do Governo Federal o Padre Justino, sempre com os bolsos da batina cheios de frutinhos amargos de jurubeba, que mastigava como remédio. Sucedeu-lhe, depois, o desembargador Joaquim Pauleta Bastos de Oliveira, baixinho, de orelhas cabanas e unhas tão grandes quanto as dum mandarim. Como secretário, servia meu antigo colega de preparatórios Artur Mota. Foi substituído, depois, por Antônio Aurélio de Menezes. Dois de meus antigos professores cursavam a Faculdade no 4º ano: Hermino Barroso e Guilherme Moreira; um cursava o 5º, Henrique Autran. Mais adiante, outros viriam até a ser meus colegas de ano, como Remígio Aboim. Uma série de amigos do Liceu precedera-me na Faculdade: João Damasceno Fontenele, Caetano Estelita, Raul Uchoa, Faustino de Albuquerque, Henoch Nogueira, Eudóxio Neves, Odilon Garcia, Ananias Serpa e João de Deus Pires Leal. Entrava, pois, em meio tão familiar que ninguém pensou sequer em me dar trote. Posso dizer que não tive o gosto de ser calouro.

1 – O belo prédio ainda hoje existe, passando por uma fase de recuperação, visto se ter deteriorado muito quando sede da legislação Estadual pelas *adaptações* levadas a efeito por quem não estava preparado para esse mister. Tem o nº 51 da Rua São Paulo e forma a face sul da antiga Praça Carolina, depois José de Alencar e Capistrano de Abreu, para hoje ser o Largo da Assembléia. Pelo regime de comodato acha-se entregue à Academia Cearense de Letras, e essa foi a sua salvação, pois a Academia tudo tem feito para preservar esse patrimônio artístico do Ceará, em colaboração com o Pró-Memória do Ministério da Cultura. – M.S.A.

As salas de aula eram acanhadas e pobres, simplesmente caiadas. A parte melhor do andar térreo do edifício da Assembléia dava para a rua da Boa-Vista(2) e se achava ocupada pela Biblioteca Pública, transferida da antiga sede por trás do Liceu, na rua de Baixo.(3) Como não podia adquirir todos os livros de que necessitava, muitas vezes ia estudar ali. Não via entre aquelas quatro paredes forradas de altas estantes, coroadas de bustos de gesso, patinados de verde, que se não apresentasse em meu espírito a figura venerável do cantor de minha terra natal, Juvenal Galeno, com suas longas suíças brancas. Ouvia falar sempre dele com respeito e veneração. Diretor da Biblioteca, quando ela funcionava junto ao Liceu, dava-se ao trabalho de fiscalizar as leituras dos estudantes que a freqüentavam assiduamente. Se os pilhava lendo cousas impróprias, tomava o livro e os advertia brandamente. Ficava apavorado, quando ele se aproximava de mim na sala de leitura, porque, dizendo-se amigo de meu pai e meu também, arrebatava-me os deliciosos romances de Alexandre Dumas, Ponson du Terrail e Eugênio Sue para trocá-los pela cacetíssima "História dum Bocadinho de Pão". Mal sabia que esse pavor e raiva da meninice se transformariam com o tempo em admiração e que, com verdadeiro sentimento, seria eu o autor de sua necrologia e da comemoração de seu centenário na Academia Brasileira.

A política penetra os umbrais da faculdade, dividindo os estudantes em campos rivais e cheios de ódio. Atraído desde muito cedo pela oposição, embora meu pai fosse amigo particular e sincero do velho Acióli, logo no primeiro ano do curso tomei atitude franca contra o governo. A festa anual da Academia era a 11 de agosto, data da fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Em 1907, o corpo discente ainda estava mais ou menos unido, quando se decidiu essa comemoração. Deu-se grande baile nos salões do Palacete

2 – Rua Floriano Peixoto, atualmente. – M.S.A.
3 – Esse trecho da velha rua tem hoje o nome de Sena Madureira, O Liceu ficava no local no atual prédio da Polícia Central. – M.S.A.

Guarani,(4) onde funcionava a Fênix Caixeiral. Compareci envergando casaca pela primeira vez na vida. Era a de meu primo Ricardo, que me ia como uma luva. À ceia, discursos e brindes: do professor Antônio Arruda, do quintanista Domingos Bonifácio, do representante do "Ceará-Acadêmico" Artur Rocha, que "A República" classificou como "eloqüente e ataviado", de Ábner de Vasconcelos e do bacharelando Henrique Autran, meu ex-professor de Aritmética. Antes, porém, de se encerrarem as aulas, a classe estudantal foi convocada para decidir uma manifestação ao velho Acióli, como criador da Faculdade de Direito e Presidente do Estado, (5) a 11 de outubro, dia de seu aniversário. Um grupo de que eu fazia parte protestou: seis calouros e dois segundanistas. A maioria abafou-lhes a voz e expulsou-os da sala. Mas eles eram as sementes duma reação que crescia com o tempo e acabaria em 1912 derrubando o governo. O ambiente político estadual toldava-se com a ameaça de reeleição, em 1905, do velho Acióli. O grande lutador Agapito dos Santos vivia ameaçado pelos esbirros policiais. Américo Facó e o farmacêutico Rodrigues de Andrade eram violentamente presos a bordo do paquete "Pará" quando distribuíam boletins contra a reeleição aos passageiros.

4 – Belo prédio, construído em 1908 na esquina noroeste das ruas Barão do Rio Branco e Senador Alencar. Em seus altos funcionou o Clube dos Diários e, depois, uma pensão de mulheres. Nos baixos o Banco dos Importadores. Hoje serve totalmente de sede a uma das agências do banco do Estado do Ceará. No local funcionou, em priscas eras, o Matadouro da cidade. – M.S.A.

5 – Era este o título do Chefe do Executivo Estadual até a Revolução de 1930. – M.S.A.

O CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDANTES

No ano seguinte, quando os acadêmicos se reuniram para resolver as festas de 11 de agosto, os protestantes não eram mais oito contra a totalidade, porém 27 contra 62. Henriqueta Autran presidiu uma sessão tumultuosa. Algazarras. Ameaças. Esboços de conflito. Os 27 excluíram-se de motu-próprio das comemorações, em que falaram Jaime de Vasconcelos e Artur Rocha. Eu era intrigado com Jaime de Vasconcelos. Brigáramos, quando alunos do Liceu, no Passeio Público. Hoje somos amigos. A separação entre os dois grupos tornou-se definitiva e fervente de prevenções e ódios. Um dos líderes da dissidência, Joaquim Pimenta, arrastado em pleno dia do seu leito de enfermo, foi metido no xadrez do Posto Policial.(1) Adonias Lima e eu corremos em busca do professor Soriano para interceder por ele. Sófocles Câmara, turiferário da situação, fundou o Club Acadêmico, a fim de congregar os estudantes partidários do governo. Os dissidentes fundaram o Centro 11 de Agosto, na residência de Francisco Fontenele Bizerril, à praça do Coração de Jesus,(2) do qual fui o primeiro orador.

Em 1909, quando sob a égide do Barão do Rio Branco e da *Burschenchaft* de São Paulo, então inteiramente desconhecida, se preparava o Congresso de Estudantes naquela capital, os acadêmicos do Ceará digladiavam-se na arena da politicagem local. O comissário dos poderes organizadores do Congresso, Alciebíades Demare Nogueira da Gama, quintoanista de Direito, chegou a Fortaleza em abril e nos encontrou em plena luta, sendo recebido separadamente pelos dois grupos rivais. Não me esqueço da noite em que compareceu à sessão do Centro 11 de Agosto e em que, saudando-o,

1 – Sito no prédio da esquina sudoeste das ruas General Bizerril e Guilherme Rocha, hoje de posse da Caixa Econômica Federal. – M.S.A.

2 – O prédio ainda hoje existe e tem o nº 37 da Rua Jaime Benévolo. Conheci-o ainda ocupado por descendentes seus, dentre os quais a esposa do ex-Governador Gonzaga Mota. – M.S.A.

minuciosamente historiei as razões do dissídio estudantil na minha terra. Por trás dos espessos vidros dos óculos, ele arregalava olhos espantados diante de tão viva e profunda cisão. Recordando essa passagem, não posso deixar de repetir que os caminhos da vida muitas vezes se cruzam. O meu e o de Alciebíades Delamare, meu compadre e meu amigo, constantemente se têm cruzado.

Como os dissidentes não dispusessem de votos suficientes para vencer uma eleição no seio da classe, cuja grande maioria se enfeudara ao aciolismo, abstiveram-se de qualquer participação no Congresso, para o qual foram escolhidos, como representantes do Ceará, Jaime de Vasconcelos, Artur Rocha e Ludgero Feital, que já era em alto grau na Maçonaria. Graças a mim, a dissidência conseguira sua única vitória, em junho, na decisão do uniforme da Linha de Tiro da Faculdade. Os governistas apresentaram um projeto e eu outro com distintivos nas passadeiras e boné americano. O meu era devidamente ilustrado com desenhos e venceu.

Alcibíades Delamare chegara num período de grande excitação dos ânimos. A 18 de abril de 1909, os acadêmicos situacionistas prepararam uma manifestação em homenagem ao Barão do Rio Branco. Organizaram uma passeata que devia partir da praça do Ferreira para o edifício da Faculdade, onde se fariam vários discursos, e dali ir à rua Formosa substituir suas placas por outras com o nome do Chanceler. Resolvemos escangalhar a festa, não por espírito de oposição ao Barão, porém aos nossos rivais. Arrebanhamos pela cidade todos os tipos de rua, desclassificados, vagabundos e bêbados, a dois mil réis por cabeça, e os encaminhamos ao local da manifestação, bem instruídos e guiados. A fina flor do Pátio dos Milagres: a Maria dos Caranguejos, o Iaiá-tem-ovos, o Chico Jacamim, o Tonho Beija-Fulô, o Sacolejo, o Papai-Grande-abre-o-olho, o Mucura, a Perua, o Gaita, o Garrote e o João Cabeludo, pessoal heteróclito e esquipático que se reuniu em volta dos oradores. Quando o acadêmico Juvêncio Barroso começou a falar, um de nós berrou uma parlenda da molecada da cidade:

Comi tatu,
Arrotei peba,
Tiririca e jurubeba.
Vai para a feira
Comprar miúdo,
Corta o cabelo,
Ó Cabeludo!

Ouvindo a pilhéria que o exasperava, João Cabeludo brandiu o varapau e abriu a boca no mundo:

Cabeludo é...da sua mãe!

O povo caiu na gargalhada. Cruzou-se o fogo de todos os lados. Gritávamos as frases que provocavam a raiva dos tipos de rua e as respostas não se faziam esperar. Os moleques tomavam parte na brincadeira.

– Mané Sacolejo!
– Vá sacolejar...do pai!
– Iaiá tem ovos?
– Vá perguntar à sua mãe!
– Chico Jacamim!
– Vai comer capim!
– Beija Fulô!
– Beija Cocô!
– Maria, cadê os caranguejos!
– Pergunte à mãe que o pariu!
– Papai Grande, abre o olho!
– Vai abrir o de sua mãe!
– Mucura!
– Mucura é sua avó torta!
– Garrote!
– Eu sou garrote e tua mãe é vaca, desgraçado!
– Ó Gaita!
– Manda tua mãe tocar!
– Perua!
– Tua mãe anda nua!

Berreiros. Vaias. Gargalhadas. A polícia interveio, dispersando moleques e vagabundos. Fez-se ouvir a banda de

música. Depois, o poeta e acadêmico Quintino Cunha pronunciou eloqüente oração, que ouvimos em silêncio e o préstito seguiu para a rua Formosa.(3) Não o acompanhamos. Tínhamos conseguido ridicularizar a manifestação, o que o pessoal governamental nunca nos perdoou. No dia seguinte, "A República", descreveu-a sem uma palavra sobre as ocorrências desagradáveis. Mas eu escrevi uma crônica no "Jornal do Ceará", contando tudo o que se havia passado.

3 - O belo nome foi substituído pelo do grande brasileiro. Não teria sido melhor homenagear o Barão do Rio Branco dando a uma nova artéria da cidade o seu aureolado nome? É urgente abandonar esse mau costume de se mudar os velhos nomes de ruas. - M.S.A.

O GRUPO DOS AGAPITOS

Esses sintomas prenunciavam choques mais graves. Américo Facó escrevia no "Jornal do Ceará", dirigido por Agapito Jorge dos Santos, uma seção diária sob o título "Olho da rua", que intrigava a toda gente. "A República" invertia-o: "Rua do Olho". Publicava versos também de vez em quando, entre os quais famosa ode contra o velho Aciôli, que terminava assim, se a memória me é fiel:

"Hei de açoitar-te a cara branca,
Como se açoita a anca
Dum mau cavalo, para pô-lo a trote!"

O resultado foi terrível. Ao entardecer de 21 de dezembro de 1908, dois ou três soldados de polícia à paisana deram violenta surra no poeta, nas mediações da praça Marquês do Herval(1). Salvou-lhe talvez a vida a intervenção do Capitão do Exército Castelo Branco, morador na casa da esquina(2), atraído pelos seus gritos. Deixando o hospital, Américo Facó retirou-se para o interior. No carnaval de 1908, surgiu em Fortaleza, nas batalhas de confeti da praça do Ferreira, de barbas. Os estudantes, que se haviam indignado com a violência oficial, estavam certos que o ofendido tomaria um desforço e tiveram grande decepção. Facó expatriou-se e eu o substituí no "Jornal do Ceará".

No dia da posse do velho Aciôli, reeleito Presidente do Estado, a 12 de julho de 1908, a polícia surrara cruelmente, deixando-o por morto no bairro do Outeiro(3), o gerente desse jornal Antônio Clementino. Em 1912, quando o Presiden-

1 - Antes Praça do Patrocínio e depois José de Alencar, onde se acha a não zelada estátua do fundador do Romantismo brasileiro. - M.S.A.
2 - Não consegui identificar esse prédio. - M.S.A.
3 - Como já ficou esclarecido, o Outeiro situava-se entre as praças Filgueiras de Mello e da Bandeira. - M.S.A.

te,(4) deposto pelo povo de Fortaleza, rumava para o Sul com sua família num paquete do Lloyd, o surrado foi a bordo, no porto de Natal, tomar uma desforra. Morreu na luta, mas matou o filho do Acióli, o Antônio. A violência gera a violência. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Felizmente, tendo entrado para o Grupo dos Agapitos, como escrevia "A República", não cheguei a apanhar, embora muitas vezes ameaçado disso. Deixei o Ceará antes que as ameaças se realizassem.

4 – Era este o título do Chefe do Executivo do Estado até 1930, como já ficou dito. – M.S.A

V

"O GAROTO" E O CONSULADO DA CHINA

À memória de meu amigo
José Gil Amora

JOÃO BRÍGIDO

Comecei minha carreira jornalística em 1906 com um artigo na "República" de Fortaleza. Em 1907, passei a fazer reportagens para o "Unitário", jornal combativo de João Brígido dos Santos, famoso no jornalismo, na advocacia e na política do Estado. Foi o meu primeiro mestre na imprensa e meu amigo até 1914, quando se tornou meu inimigo, atribuindo-me cousas feitas por outros. A política nos ajuntou e nos separou. Recebi admiráveis lições sobre as realidades do mundo na sua convivência.

Certo dia, ele escreveu um artigo contra João Augusto Perdigão, secretário do Tribunal da Relação,(1) acusando-o de receber custas indevidas. O acusado defendeu-se de modo cabal. Encontro na redação o velho escrevendo todo curvado sobre a mesa, os olhos envidraçados de óculos quase rentes com o papel.

É o artigo de fundo, Coronel?

- É sim, grunhiu.

- Contra o que ou contra quem?

- Contra o Perdigão.

- O sr. leu a resposta dele? indaguei, certo na minha ingenuidade que era impossível responder.

- Não li, nem quero ler. Eu afirmei. Ele, com toda a certeza, nega. Eu reafirmo.

O episódio retrata admiravelmente o que era um jornalista demo-liberal, fruindo inteiramente a famigerada liberdade de imprensa.

Espírito afeito às lutas, João Brígido dispunha de inesgotável arsenal de mordacidade, servido por absoluta falta de escrúpulos no tocante aos ataques pessoais. É dele a máxima: em quem não tem rabo de palha prega-se. Sua pena

---

1 - Depois, Tribunal de Justiça do Estado. - M.S.A.

cruel nunca poupou a ninguém senão enquanto isso lhe convinha. Espalhou em volta de si a falta de respeito pelas cousas mais sérias. Foi um acanalhador de talento. Não o respeitavam, temiam-no.

Conhecedor profundo da história do Ceará, para onde fora em tenra idade, tendo nascido em São João da Barra, na Província Fluminense, estudara a genealogia das famílias em evidência e, quando preciso, interpretava os fatos a seu talante e achava nos documentos não o que neles em verdade se continha, porém o que desejava que contivessem. Não perdoava as menores coisas a seus inimigos e prevalecia-se sem a menor piedade de suas fraquezas. Revolvia as próprias cinzas dos mortos e atirava-as à face de seus desafetos.

Escrevia o "Unitário", quase sozinho, de cabo a rabo. Raros os que se atreviam a combatê-lo, pois reduzia-lhes a reputação e a de seus ascendentes e descendentes a pandarecos. Em mais de meio século em que militou na imprensa, não é exagero afirmar que, se alguém escapou de sua pena enquanto vivo, não escapou depois de morto, pelo menos indiretamente, nos subentendidos e nas entrelinhas.

Basta um fato notório para mostrar como procedia. Tendo falecido um velho desembargador, respeitabilíssimo e querido em Fortaleza, mas com algumas fraquezas políticas, chefe de grande e ilustre família, fez-lhe um necrológio elogioso, mas pôs ao fim, em poucas palavras, o veneno: "O Desembargador Fulano era dileto filho do virtuoso vigário do Saboeiro".

Acusavam-no de ter mandado matar, por vingança, em Barbalha, quando lá morava, Joaquim Timóteo, e, em Fortaleza, Joaquim Vitoriano, que o esbofeteara em plena rua. O assassino deste, seu protegido, José Vidal, que conheci vendendo bilhetes de loteria, cumprida a sentença, viveu algum tempo em sua casa. Depois, andou dando com a língua nos dentes e desapareceu misteriosamente. Em 1915, seu sobrinho, Arnaud Brígido, possivelmente sugestionado, degolou a navalha meu amigo, o jornalista João Demétrio, que dirigia o órgão oficial e repelia com insultos imprudentes as injúrias

descompassadas do velho terrível. Os jurados, apavorados, absolveram-no pela dirimente da legítima defesa.

João Brígido, pedreiro livre de alto grau e por muitos chamado, por causa de sua cor escura, o Bode Preto da Maçonaria, morreu como livre pensador e pediu para ser enterrado de pé. Aqueles a quem mais vivamente ofendera visitaram-no, quando enfermo, com receio da pena terrível, se continuasse a viver, e compareceram ao seu enterro, talvez com medo de sua alma.

"O GAROTO"

Deixei o "Unitáno" para colaborar com Joaquim Pimenta no órgão socialista que ele fundou em fins de 1907 e durou até princípios de 1908, "O Demolidor". Morreu de inanição e, associado a José Gil Amora, lancei outro periódico socialista "O Regenerador", que viveu um pouco mais do que a rosa de Malherbe. José Gil Amora, sobrinho do farmacêutico Antônio Albano e filho do falecido Dr. Gil Amora, foi o maior talento da minha geração.

Desde novembro de 1907, eu e ele lançáramos pequeno jornal semanal ou quinzenal, conforme os cobres de que dispúnhamos na ocasião, todo feito por nós – prosa, versos e caricaturas gravadas em caraca de cajazeira. Chamava-se "O Garoto" e dizia-se – *critico, desopilante, molieresco e rabelaiseano*. Mexia com Deus e todo mundo e era disputado às esquinas da praça do Ferreira. Comentava os acontecimentos da semana em crônica dirigida aos *sorumbáticos* e *pantagruélicos* leitores. Na seção *Parte da Polícia*, prendia, explicando os motivos, burgueses, literatos e políticos. Não respeitava ninguém. Fazia poetas como o Artur Rocha subirem em caricatura no pau de sebo do Parnaso. Apregoava:

A verdade nua e crua
Eu vou dizer-vos, leitores:
A ninguém peço favores,
Sou garoto, sou da rua!
Embora vá à cafua

E leve pancada grossa;
Mas nesta terra do *engrossa*,
Belo torrão de Alencar,
Hei de bem alto bradar:
– Comigo não há quem possa!

Na *Galeria Aquática* desfilavam caricaturados e biografados pilhericamente todos os poetas da cidade: Eutímio Lopes, guarda Alfândega, com sua cara mongólica, apelidado o *poeta-aduaneiro*; Alfredo de Miranda Castro, com seu perfil sizudo, o *poeta-Pitu*; Genuino de Castro, com seu prognatismo, o *poeta-queixinho*; Sebastião Cavalcante, de nariz descompassado, o *poeta-Mirabeau*: Areal Souto, de gravata borboleta, o *poeta-areal-solto*; Assis Nogueira, que zumbia como um besouro, o poeta-botocudo; e Eleutério Marcos, de ventas esborrachadas, o *poeta-cogumelo* ou o *poeta-raspa-de-cavaco*. A *Galeria Pirotécnica* compunha-se de vultos doutra laia: Dias da Rocha, o Dias do Museu, fundador do Museu Rocha que o governo aniquilou com impostos; o retratista a crayon Antônio Rodrigues; o pintor Ramos Cotoco:

Eis aqui, caro leitor,
O Ramos, o tal pintor,
Que a mão direita não mete
No bolso do paletó;
Mas com a outra, esquerda, só
Pinta a manta e pinta o sete.

"O Garoto" viveu quase dois anos e, em seu número de aniversário, 3 de novembro de 1908, teve o topete de estampar na primeira página o seguinte soneto-telegrama parnasiano, *assinado* por Olavo Bilac:

Ao completares hoje um róseo ano de vida,
Consagrado à pilhéria, à crítica, à poesia,
É um sagrado dever que tem a Academia
De Letras do Brasil nesta sala reunida,

Em sessão, onde o riso à festa nos convida,
Mandar-te parabéns de viva simpatia
Por sucesso tão grande havido neste dia,
– Marco duma batalha – a primeira vencida.

Aceita, pois, "Garoto", um abraço fraterno
Que te faça estalar toda a espinha dorsal,
Com um voto ao Ceará de muito bom inverno

E um outro, fervoroso, enviamos-te afinal,
Que livre te trará das caldeiras do inferno,
Que sejas como nós de existência imortal!

De 1907 a 1908, não houve em Fortaleza quem escapasse às setas satiricas, mas inofensivas, do jornalzinho. Percorro sua coleção guardada como preciosa relíquia do passado e levanto um rápido rol das principais vítimas: Artur Rocha, Areal Souto, Eurico Bandière, Souza Pinto, Ildefonso Nogueira, Jaime Rossas, Raul Carvalho, Clodoveu Arruda, Américo Melo, Eurico Matos, Teofredo Goiana, Valfredo Ferreira, Ulisses Bezerra, Licurgo Alencar, José Silveira, Pedro Rocha, Afonso Pedreira, Mário Linhares, Álvaro Weyne, Plácido de Carvalho e dezenas de outros. Mas a carga de sátira era quase toda despejada contra os produtos farmacêuticos do José Elói:

Se usares, ficas maldita,
Arrenegada da sina.
Cuidado! que a Epidermina
A pele torna esquisita,
Mil coisas a bicha excita,
Logo a beleza assassina,
Transforma qualquer menina,
Deixa somente a caveira.
E' feita só de porqueira
A pomada Epidermina!

No "Unitário", João Brígido fazia pior do que "O Garoto", chamando com todas as letras a esse preparado do José Elói – *epimerdina*.

A redação do "Garoto" funcionava nos fundos da Farmácia Albano, à rua da Boa-Vista(1), onde Gil Amora era

1 – Esquina noroeste da Rua Floriano Peixoto com a desaparecida Travessa Pará. No local to levantado o alto edifício da Sul América. – M.S.A.

empregado, no meio de almofarizes, grais, retortas, frascos de drogas. Eu escrevia, devorando pedaços de açúcar-cande. Gil recitava versos e as Noites na Taverna. Abatera-o uma reprovação injusta num concurso de Fazenda e minava-o profundo desgosto de amor. Alma sensível e fraca diante das durezas da realidade, sucumbira ao desalento e tornara-se byroniano. Poderia dizer como Gerardo de Nerval:

"Je suis e tenébreux, le veuf, l'inconselé
Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie,
Et je porte arborê sur mon luth constellé
Le soleil noir de la mélancolie!"

Afogava no álcool e na vida boêmia essa melancolia. Fiz os maiores esforços para detê-lo nesse caminho escorregadio e nada consegui. Tive de afastar-me para não ser arrastado. Cada dia de mal a pior, finou-se em plena mocidade. Nele o Ceará perdeu uma de suas mais belas inteligências. Com a mesma facilidade e a mesma graça, fazia o verso, a prosa e a caricatura. Era um espírito brilhante e criador, que voava alto nas asas da imaginação. Meu pobre amigo!

O pintor Ramos Cotoco.
Caricatura e
xilografia de Gustavo Barroso.

Eleutério Marcos, caricatura e
xilografia de Bustavo Barroso
no "O Garoto".

Retrato de José Gil Amora. Nas costas deste retrato, seu irmão, Carlos Albano Amora, escreveu estas palavras: "Gustavo. Guarda, como lembrança do "O Gordo", o retrato do nosso sempre lembrado José Gil Amora, falecido aos 13 de abril de 1920, com 37 anos não vividos. Do teu amigo e admirador **Carlos Albano Amora**. Fortaleza, 9 de junho de 1929".

O "JORNAL DO CEARÁ"

Quando entrei para a redação do "Jornal do Ceará" na vaga de Américo Facó emigrado à força, tinha, portanto, algum tirocínio de imprensa. O órgão oposicionista vivia afogado na quebradeira. Funcionava nos fundos da Farmácia Holanda, onde o Dr. Manuel Moreira da Rocha, o Mané-Onça, tinha consultório. Ao lado, uma tanoaria que fazia um barulho horrível. Uma única mesa na redação, de pinho, ao canto da tipografia. "A República" levava-o na troça: *o Grupo dos Agapitos do fundo do Holanda*... O revide era na altura: ao invés da "República", a *Gazua e o bando da Gazua*...

Além das noticias e outros trabalhos corriqueiros da folha, eu escrevia uma seção diária sob o título *Ligeiras Narrativas*. Aproveitei muitos desses escritos no meu anedotário cearense "Casa de Maribondos". Fazia também as novelas do rodapé. Uma delas, "História Russa", refundi e estampei no "Jornal do Brasil" como "Antes do Bolchevismo". Dela foi feita uma edição em separata. Traduzida em espanhol, foi editada em Buenos Aires por "La Novela Semanal", com o nome de "En ei tiempo de los zares". Com o tempo e as ausências de Agapito dos Santos, o "Jornal do Ceará" passou a ser feito quase exclusivamente por mim. Até as mofinas. Até os versos picarescos da seção *Bilontragens*:

"Amigo Guilherme Rocha,
De nossa terra intendente,
Engordar minhas galinhas
No parque você consente?
Nem vacas, cabras ou bodes
Fazem lá o menor mal.
O Parque da Liberdade
Foi transformado em quintal".(1)

1 - Belo e abandonado logradouro onde foi instalada, na década de 1930, a cidade da criança. - M.S.A.

"A República" metia-me o cacete. Sobretudo Carlos Câmara(2) na seção diária *Entrelinhas*, que começara assinada por Puck ou Giz e acabara por C., que era ele. Eu respondia com sua caricatura xilografada em caraca de cajazeira, pondo-lhe o corpo de porco e esta quadra embaixo:

"Ó Chaleirista, mísero sumo,
Que te fazes de cão ladrando à lua,
Fica na lama de teu destino,
Ó Chaleirista pífio da "Gazua"!"

Os anos passaram e diluíram as paixões dessas turras locais e pessoais. Em 1928, Carlos Câmara jantava em minha casa, no Rio de Janeiro, e, em 1929, representava-se em minha honra, no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, uma de suas comédias. Carlos Câmara, que morreu relativamente moço, era um espírito brilhante e digno dum meio mais adiantado.

O trabalho que, sozinho ou com Agapito dos Santos, Manuel Sátiro e Sila Ribeiro, realizei naquela modestíssima redação do "Jornal da Peste", como dizia "A República", não morreria dentro daquelas quatro paredes, onde dois velhos tipógrafos, o Barroso e o Raimundo Nonato, compunham encostados às caixas. Alguns contos do volume "Praias e Várzeas" provêm da seção diária que sucedeu imediatamente às *Ligeiras Narrativas* e se intitulava *Contos e historietas*; algumas das páginas de "Casa de Maribondos" também. O folhetim "João Ferreira", que é a novela "Mapirunga" da "Mula sem cabeça", acabou traduzido em inglês. Contos avulsos como "A sandália da cortesã" e "Nicolau 1º participam da "Ronda dos Séculos", com outros letreiros: "Rodopé" e "Autokrator". O conto "Os dois irmãos na guerra", premiado pelo Instituto de Humanidades do professor Joaquim Nogueira, figura também na mesma obra, como o "Espiã", tirado da

2 – Carlos Câmara foi, depois, o animador do Grêmio Dramático Familiar, no então calçamento de Mecejana (Avenida Visconde do Rio Branco nº 2.406), com suas burletas "O casamento da Peraldiana", "Alvorada", "O Zé Fidélis" etc. Era tio do futuro Dom Hélder Câmara. – M.S.A.

última seção com que encerrei meu ciclo de atividades no "Jornal do Ceará" – "Xaropes".

Foi um período bastante duro. A folha nunca me pagou um tostão, porque não podia, e o órgão governamental descarregava constantemente sobre mim suas baterias. Fez comigo exatamente o papel daquele bruto sargentão de Remarque, que, com sua grosseria, preparava os recrutas para as asperezas da guerra. Fiquei calejado para outras lutas na política e na imprensa. Era tal a raiva contra mim que, na publicação dos editais de chamada para exames na Faculdade ou de seus resultados, nunca saia meu nome certo: em lugar de Gustavo Dodt Barroso, vinha Gostava Dodó Burroso ou Gustava Doido Burroso. E era na seguinte linguagem que "A República" se referia a mim:

O professor Dias da Rocha, caricatura e xilografia de Gil Amora no "O Garoto".

GUSTAVO BESTEIRA

"Avisa-se a esse cretino rabiscador das *Ligeiras* do "Jornal da Peste" que use de linguagem mais comedida, não se envolva em política, quando escrever suas asneiras, pois muito bem pode sair-lhe o ano bissexto. Dizes, ó empambado comedor de terra, que não existe o *Chicote do Ar*, mas existe, ó geófago infeliz e caradura, o chicote de relho para zurzir-te a caraça alvar, cínica e desbriada, até que se transforme em sangue a amarelidão cadavérica que a cobre. Medite no *nosce te ipsum* e seja mais comedido, temperado e discreto:

Ó desprezível e abjeta criatura
Ó empambado comedor de terra,
Geófago infeliz e caradura
Que hoje nas ruas da cidade erra,

Como um judeu proscrito,
Filho da treva, tredo vagabundo,
Desprezado de todos e maldito,
Oxiúrio repelente, imundo'."

Ameaça claríssima da surra policial como em Américo Facó e Antônio Clementino. Que havia feito para esse ódio espumante? Nada mais do que isto: publicara a 14 de abril de 1909 esta crônica:

O CHICOTE DO AR

"Rita Maria da Conceição era minha comadre. Deus lhe fale nalma, pois já passou desta para melhor. Rita possuía a filosofia prática da gente do povo, dosada por um pouco de ironia, que lhe deram os dias passados sem comer, na humildade do casebre, perto de farto solar rico. Por vezes, minha pobre e infeliz comadre tinha boas. Disse-me um dia com os olhinhos amargamente irônicos, a face engilhada, funda, crispada num riso sardônico:

– Compadre, Deus Nosso Senhor Jesus Cristo deveria pôr no mundo um *Chicote do Ar*, invisível, para açoitar quem mentisse durante horas. Era muito bom, compadre! Quando os mentirosos estivessem conversando e pregando suas petas, o chicote era só – *leps! leps!* e o sujeito se torcendo e gritando. Ah! compadre, que gozo de regalar!

Então, cá com meus botões, fantasiei a possível existência de tão boa cousa que o cérebro de minha rude e espirituosa comadre imaginara. Se existisse esse santo chicote astral, se existisse!

Se existisse, pobres generais e demais agaloados das aguerridas tropas da Potoca, nunca mais poderíeis dizer que o Cruzeiro da Sé chorou na seca de 77 ou que as rapaduras de Goianinha tiram fogo com o atrito. Entrariam todos a apanhar sem poder concluir o começado. Só assim se acabaria essa aluvião de patentes e esse dilúvio de galões do Exército da Mentira que invade o Ceará.

Infelizes aduladores dos gugunhamas da terra, quando curvásseis a flexível espinha, com a boca despejando lisonjas mentirosas, ante o trono dos reguletes, duas ou três lapadas do *Chicote do Arvos* fariam escabujar sobre os tapetes, pedindo perdão!

Desgraçados escrevinhadores de jornais desbriados, quando pegásseis da pena para rabiscar torpezas e infâmias,

estaria o invisível vigia à espreita para castigar-vos as costas de vime, rasgando a látegos furiosos vossas faces vis!

Canalhas, farçantes, histriões, torpes politiqueiros, dai graças aos deuses por ter existido esse implacável castigo somente na imaginação estonteada pela miséria duma infeliz mulher do povo, que os vermes ora digerem em paz na gelidez da sepultura!

Agradecei a Deus, corja de bandidos!

Que não seria o mundo, se existisse o implacável defensor da verdade, o inexorável castigador dos mentirosos, dos caluniadores e dos bajuladores? A verdade surgiria sempre de todos os atos humanos. Ninguém gostaria de viver se estorcendo sob a dor pungente de terríveis chicotadas".

A crônica expunha uma tese, sem atacar pessoalmente a ninguém, mas o órgão governamental tomou a carapuça, enterrou-a até as orelhas e passou de público o recibo. Uma glória para mim. No dia seguinte, sem perder a calma ante a ameaça, apesar do estilo revelar o Coronel Raimundo Borges, comandante da polícia, revidei na altura, com estas palavras:

DECRETO No 1

Considerando que lhe prometeram uma boa tunda; que podem e são capazes de pôr em pratica a promessa; que já não é a primeira; que, em certos casos, fugir é vencer; que com os anos não se devem jogar as peras; que, neste ponto é profunda a sabedoria popular; que liberdade é conversa fiada, léria, cousa para inglês ver; que a esfarrapada Constituição só permite as liberdades de estar quieto e calado; que a força é tudo e o direito nada; que garantias não há; que em boca fechada não entra mosca; que, assim mesmo, às vezes pode entrar; que essa história de lei é uma *potoca* em que ninguém acredita mais; que não se amarram mais cachorros com linguiça; que o tempo dos bestas já passou; que, enquanto correr, seu pai tem filho; que pancada dada com força doi mais do que dada de vagar; que quem for besta morra triste, peça a Deus que o mate e ao diabo que o carregue; que quem com muitas pedras bole uma lhe dá na cabeça; que esta já está pau; que, finalmente, é toleima dar murros em faca de ponta; RESOLVE SUSPENDER ESTA INOFENSIVA SEÇÃO... ATÉ O PRÓXIMO NÚMERO".

Os ensinamentos socialistas, mesmo marxistas, hauridos em meu convívio com Eugênio Froideval, vinham, às vezes, à tona em meus escritos. Além disso, eu vivia muito perto do povo e compartilhava seu sofrimento. Sua revolta era a minha revolta. Num dos *Xaropes*, preconizei a morte da democracia liberal e o advento de nova era de justiça social, cousas corriqueiras hoje, mas escandalosíssimas em 1908 e 1909. "A República" respondeu-me com este artiguete:

O poeta Eutímio Lopes, caricatura e xilografia de Gustavo Barroso no "O Garoto".

ANARQUISTA

"O impagável João do Norte ou melhor, o Gustavo Burroso, como é mais conhecido, está um anarquista rubro, a rivalizar com Ravachol e tantos outros, cujos nomes passaram à história envoltos numa auréola de sangue. Está no seu direito o Burroso, força é convir. Somente na prática, o cronista dos *Xaropes* se não revela coerente com as idéias que prega; endeusa "os que acima do estômago põem a cabeça", mas não faz senão o contrário. Haja vista o móvel a que obedeceu o Burroso, quando de entre as pernas de mestre Agapito começou a ladrar contra os homens que estão à frente do poder no Ceará. Tivessem lhe arranjado um emprego a que aspirava, pondo o estômago acima do entendimento, e o nosso herói, longe de se rebelar, numa atitude quixotesca, contra a organização social vigente, seria o primeiro a defender sua excelência. Mas o pior – que o Burroso, iconoclasta perigoso, quer também reformar *de fond en comble* a nossa pobre língua e o bom senso".

Usava desde 1907 na imprensa cearense o pseudônimo João do Norte. Em Fortaleza, geralmente me chamavam João. Também no Rio, durante alguns anos. Depois, o nome próprio acabou absorvendo o pseudônimo, quando, em geral, se dá o contrário.

"A República" não me perdoava a seção diária em que a zurzia:

GUSTAVO XAROPE

"Ora, já viram isto!... Gustavo Burroso, de birra, de burro, de borra, fazer um interregno de oito dias para exibir-se ontem com aquelas asnidades, com xaropadas tão repugnantes a estômagos delicados!?... Depois, saem alguns a apregoar nos bondes que o menino, jovem rebento dum tronco ilustre, é senhor de assombroso e fecundo talento, honra e glória duma geração... de papalvos!!... Esse *papandola* é uma águia, uma águida... Ora, vá para o diabo que o carregue! *Má raio t'o parta, estupoire!*"

Quando atingi os mais altos postos na política cearense, aos vinte e poucos anos, os invejosos atribuíram isso unicamente ao prestígio do Presidente do Estado, meu primo e querido amigo Benjamir Barroso. Esqueciam propositalmente as esporas de cavaleiro ganhas nessa luta terrível contra o aciolismo, anos a fio. Esqueciam que João Brígido, sem ser meu parente, já me incluíra espontaneamente na sua chapa de deputados estaduais.

A vida jornalística projetou-me rapidamente no cenário intelectual de Fortaleza. A Fênix Caixeiral, que realizava uma série de conferências em sua sede, depois da primeira, sobre o cometa de Halley pronunciada pelo professor Antônio Teodorico da Costa, e da segunda, do poeta maranhense Vieira da Silva, sobre o Beijo, convidou-me a fazer a terceira. Tomei como tema a Exploração do Ceará por Pero Coelho em 1603, isto é, a primeira página da história de minha terra. A sessão foi presidida pelo professor Teodorico, que disse de seu prazer em assistir ao triunfo literário dum seu antigo aluno do Liceu. Colaborei em quase todas as revistas literárias que brotavam e morriam como cogumelos. Fundei com Liberato Nogueira pequena sociedade em que se praticava a oratória, não só lendo em conjunto os discursos mais notáveis do mundo, da Oração da Coroa de Demóstenes à Volta das Cinzas de Lamartine, como dissertando da tribuna, de improviso, sobre assuntos escolhidos no momento.

Um dia, meu bom amigo Francisco Salgado, gerente da Equitativa, chamou-me e deu-me uma revista recém-aparecida no Rio de Janeiro, pedindo-me boa notícia de apresentação no "Jornal do Ceará". Era o "Fon-Fon". Achei-a interessante e fiz o que me pediu. Não poderia adivinhar naquele momento como meu destino se ligaria ao dessa publicação. Por ela fui gentilmente acolhido e colaborei em suas páginas desde meus primeiros passos na imprensa carioca, de 1910 para 1911. Depois, entrei para o corpo redatorial, em 1916. Amigo íntimo de seus fundadores, Alexandre Gasparoni e Giovanni Fogliani tornei-me ainda mais amigo de seu novo proprietário, Sérgio Silva. Como redator-chefe, sucedi a Mário Pederneiras e a Gonzaga Duque.

A vida do jornal e a obrigação de trabalhar não me permitiam freqüentar as aulas da Faculdade e me forçavam a fazer exames em segunda época. Não era mais possível continuar com meu pai e padrinho no sítio do Benfica, afastado da linha de bondes e das ruas iluminadas, que me obrigava a atravessar no escuro uma grande extensão de terreno. As ameaças do governo exigiam medidas de prudência e segurança pessoal.

UMA REPÚBLICA SUI-GENERIS

Organizei uma república de estudantes, ligada a outras, como nunca houve igual no mundo. Chamava-se CONSULADO DA CHINA e ficava na rua Major Facundo, entre a rua de D. Pedro(1) e o boulevard(2) Duque de Caxias, do chamado lado da sombra(3). Em frente, a parte do palecete do Dr. Pedro Frota, cuja fachada dava sobre a rua de D. Pedro, as dependências do mesmo e o muro do quintal. No mesmo correr, à esquina de D. Pedro(4), a vendinha do Rubim Rossas, um casinha baixa, de biqueira, o Consulado, a pequena chácara do Henriquinho Pinto Alves(5) e um terreno baldio(6). A casa deitava duas janelas para a rua e nela se entrava por um portãozinho lateral de ferro batido. Nova e muito limpa, pertencia ao negociante Alberto de Sá Ferreira. Acomodações regulares: sala de visitas, dois quartos internos, sala de jantar, um quarto com saída independente, cozinha, banheiro, privada e, no pequeno quintal, a metade duma cacimba que fornecia água. A outra metade pertencia à casa dos fundos(7). Trepando-se na margela, passava-se facilmente a perna por cima do muro e estava-se do outro lado.

---

1 – Hoje, Pedro I. – M.S.A.
2 – Atualmente, Avenida. – M.S.A.
3 – Lado dos números pares. Situava-se a uns 16 ou 19 metros da esquina e o prédio que hoje existe no local tem o nº 954 da Rua Major Facundo. – M.S.A.
4 – Esquina sudoeste das ruas Pedro I e Major Facundo. – M.S.A.
5 – Depois residência de Dolor Uchoa Barreira, ilustre intelectual e professor da Faculdade de Direito. Hoje, não mais existe, servindo o terreno para estacionamento de automóveis, embora ainda ostente o nº 980 da Rua Major Facundo. – M.S.A.
6 – Depois foi ali levantada a bela residência da sogra do Dr. Luis Rolim da Nóbrega. Também destruída, serve hoje para estacionamento de automóveis. – M.S.A.
7 – Hoje tem o nº 1.463 da Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

Ideado por mim, o Consulado Imperial da China foi fundado por um grupo de amigos: Euclides Aires, Antônio Banhos Sobreira e Epaminondas Cavalcante, empregado no comércio; Raimundo Brandão Cela e Francisco Evangelista de Oliveira, preparatorianos; Edgard Sabóia Ribeiro e eu, estudantes de Direito; o velho Luís Vergeot, professor de francês. O sopro do destino espalhou essa gente toda. Euclides Aires faleceu já, gozando do maior prestígio nos meios comerciais de Fortaleza. Epaminondas Cavalcante tornou a morar comigo ali em 1914 e hoje trabalha no Banco do Brasil, pelo interior. Raimundo Cela, prêmio de viagem da Escola de Belas Artes em 1923, com "A morte de Sócrates", ocupa-se em Camocim em outras atividades que não a pintura. É de sua autoria meu retrato a óleo existente no Museu Histórico. Nunca mais soube a menor notícia de Francisco Evangelista e Antônio Banhos Sobreira. Edgard Sabóia Ribeiro é alto funcionário dos Telégrafos. Várias vezes, encontrei o professor Luís Vergeot. Em 1911, no Rio de Janeiro. Em 1915, em Cabo Frio. Em 1934, em São Paulo. Achei-o, então, envelhecido e doente. Vive ainda em Santos, com 72 anos, na maior pobreza, lembrado somente de amigos e antigos discípulos brasileiros. A França, a que prestou serviços na paz e na guerra, esqueceu-o.

Entre as duas janelas, na fachada do Consulado, coloquei uma placa oval, em que pintei, em fundo amarelo, o dragão imperial. Em cima, meia dúzia de letras esgalhadas. Embaixo, a tradução:

CONSULADO IMPERIAL DA CHINA. Dominando tudo, um mastro, onde, aos domingos, tremulava o pavilhão do Celeste Império. Pela cidade apareceram outros *consulados*, unidos ao nosso. O primeiro, numa casa da rua Formosa(8), que dava os fundos para a nossa, o Consulado do Japão, fundado por Cirilino Pimenta. Depois, perto da praça do Ferreira, o Consulado do Turquestão, do Rubens Nelson; na

---

8 – Atual Rua Barão do Rio Branco. – M.S.A.

rua Senador Pompeu, junto à igreja de São Benardo(9), o Consulado da Hotentócia, do Otávio Bonfim; mais adiante, residia Pedro Artur de Vasconcelos, Embaixador da Criméia; na rua da Bôa-Vista(10), entre São Bernardo(11) e D. Pedro, o Consulado do Afeganistão, do Caubi Ribeiro; na rua das Flores(12), esquina da Boa-Vista, onde fora o Hotel Universal, o Consulado de Madagascar, do Luís César de Carvalho.

Todas essas repúblicas se ligavam entre si por uma espécie de federação tácita e serviam para esconder e dar escapula aos perseguidos da polícia, que costumava procurá-los e surrá-los à noite, nas ruas mal iluminadas da cidade. Do Consulado do Japão, graças à cacimba, facilmente se passava por cima do muro para o da China e vice-versa. Assim, entrava-se pela rua Formosa e saía-se pela Major Facundo ou entrava-se pela Major Facundo e saía-se pela Formosa, o que era desconcertante para os esbirros policiais.

A liga de repúblicas-consulados considerava Fortaleza a Corte de Pavuna, onde seus cônsules estavam acreditados e recebiam inspiração do organismo mais bem preparado, o Consulado da China, que publicava seus editais pela imprensa. Copio dois dos números de 18 e 22 de maio de 1909, do "Jornal do Ceará", como exemplos:

9 - Esquina sudoeste das ruas Senador Pompeu e Pedro Pereira. - M.S.A.
10 - Atualmente Rua Floriano Peixoto. - M.S.A.
11 - Hoje Rua Pedro Pereira. - M.S.A.
12 - Atualmente Rua Castro e Silva. - M.S.A.

O poeta Areal Souto, caricatura e xilografia de Gustavo Barroso no "O Garoto".

CONSULADO DA CHINA

"De ordem do sr. Mandarim-Cônsul faço público para conhecimento do Corpo Diplomático desta Corte que é a seguinte a lista do pessoal do supradito Consulado, de acordo com a última ordem emanada do Filho do Céu: Cônsul - Gust. Bar.; Secretário de 1ª classe - Eucl. Air.; Amanuense - Antº B. Soba.; Adidos - Raimundo Brandão Cela e Fcº Evang.; outrossim, que foi recebida uma missiva do adido no Maranhão, na qual apresenta seus respeitos a todos os diplomatas apresentados nesta Imperial Corte da Pavuna".

Na aparência inocente, o edital prevenia a todos os da liga quem eram os que faziam parte do Consulado, a fim de que outros se não apresentassem como tais. O adido no Maranhão era Edgard Ribeiro para ali provisoriamente transferido pelo Diretor dos Telégrafos.

CONSULADO IMPERIAL DA CHINA

"Comunica-se ao Corpo Diplomático que retomou posse de seu cargo o adido Edgard Sabóia Ribeiro e que foi nomeado amanuense o sr. Epaminondas Cavalcante; outrossim, que o mandarim-Cônsul recebeu amistosa nota diplomática do Embaixador do Celeste Império no Brasil. - *Euclides Aires*, Secretário".

Na vida interna do Consulado, a maior harmonia. Um por todos, todos por um. *La Belle Equipe*, os melhores camaradas deste mundo. O professor Vergeot ocupava o quarto de saída independente. Edgard Ribeiro e eu, a sala de jantar. Cela e Evangelista, o quarto próximo. Epaminondas e Euclides, o outro. O mobiliário compunha-se, nesses aposentos, de redes, baús, mesinhas de estudo e cadeiras de todos os feitios. A cozinha, comum, com um armário de utensílios e mantimentos. Comíamos pelos restaurantes e pensões, mas fazíamos café pela manhã e uma ou outra refeição ligeira.

A sala de visitas tinha cortinados de setineta vermelha picada de estrelinhas amarelas, uma mesa grande e uma estante de livros, vindas do sírio do Benfica. Sobre a estante, o busto de Napoleão, em gesso patinado de verde, habilmente surripiado da Biblioteca Pública. Dum e outro lado, duas oleografias encaixilhadas: a batalha de Leipzig e o último quadro de Waterloo, com a Velha Guarda resistindo à furiosa carga dos dragões de Ponsomby. Em frente, um troféu de bandeiras e duas velhas espadas de cavalaria do Império, com um letreiro: SALÃO BONAPARTE.

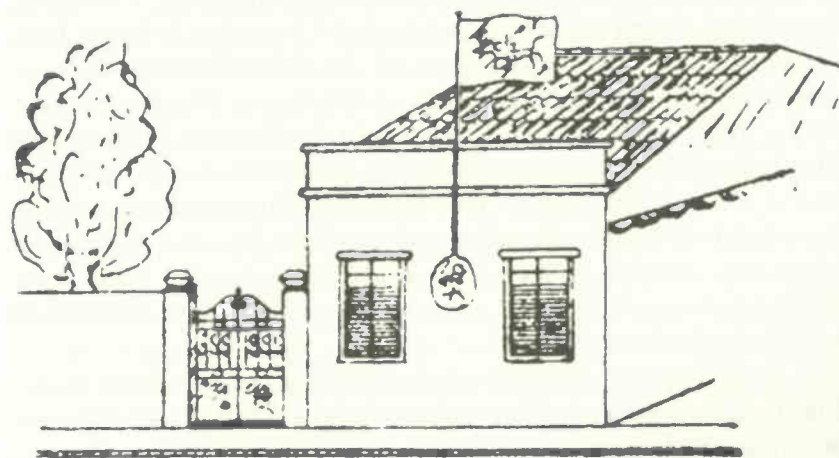
Ali realizávamos todos os meses pelo menos uma conferência cultural. As outras repúblicas nos imitavam. Assim, ritmamos certo movimento intelectual em nossa geração. Alternávamos as preocupações mentais com pilhérias e molecagens próprias da idade. Reunimos, por exemplo, uma

vez todos os *cônsules* e elegemos, por unanimidade, o velho Coelho, que gozava de péssima fama na cidade, Cônsul de Sodoma. Comunicamos-lhe a "auspiciosa nomeação" por ofício e o velho deu o cavavo. A cousa pegou e ficou conhecido até morrer como Cônsul de Sodoma. Mas o sentido cultural, de fato, sobrelevava a qualquer outro. Conservo religiosamente comigo o Livro de Atas do Consulado Imperial da China. Transcreverei as duas primeiras, somente com o fito de dar uma idéia do que foi essa original república fundada por mim e que marcou época em Fortaleza:

ATA No 1

"Sessão extraordinária realizada a 3 de julho de 1909. Presidência do dr. José Lopes de Aguiar. Aos três de julho de mil novecentos e nove, no SALÃO BONAPARTE do CONSULADO DA CHINA, presentes os senhores abaixo assinados, foi aberta a sessão e dada a palavra ao sr. Mandarim-Cônsul Gustavo Barroso para dissertar sobre Pero Coelho e a Exploração do Ceará. O orador, tomando a palavra, discorreu brilhantemente sobre a situação política da Europa na época em que se deu a exploração do Ceará e, em seguida, sobre a etimologia da palavra Ceará, citando várias opiniões de historiadores, falando também sobre Pero Coelho e a comitiva que o acompanhou na expedição exploradora, e sobre as lutas que todos tiveram de travar com os selvagens e os franceses. Depois, falou sobre a volta da expedição e sobre Martim Soares Moreno. Afinal, o sr. Presidente falou, fazendo votos para que o orador encontrasse seguidores na obra belíssima de instruir por meio de conferências e pediu aos presentes para assinarem a ata. Eu, Euclides Aires, Secretário do Consulado da China, a escrevi. *José Lopes de Aguiar*; *Rubens Nelson Alves*, Cônsul do Turquestão; *Caubi Ribeiro*, Cônsul do Afeganistão; *Luís César de Carvalho*, Cônsul de Madagascar; *Francisco de Alencar Matos*; *Sila Ribeiro*; *José Alves Nogueira*; *Pedro Artur de Vasconcelos*, Embaixador da Criméia; *José de Castro Mota*; *Orígenes de Vasconcelos*; *Eugênio Cavalcante de Avelar Rocha*; *Francisco Alves Nogueira*; *Euletério Marcos*; *Rubim Rossas*; *Francisco Gondim Filho*; *José Façanha de Sá Filho*; *Cirilino Fernandes Pimenta*, Cônsul do Japão; *José Gil Amora*; *Luis de Castro*; *Josias Goiana*; *Eurico Pinto Pereira*; *Moacir Caminha*; *Antônio Banhos Sobreira*; *Francisco Evangelista*; *Francisco de Freitas Guimarães*; *Raimundo Brandão Cela*; *Gustavo Barroso*, Mandarim-Cônsul.

ATA No 2

Sessão extraordinária realizada a 7 de agosto de 1909. Presidente: Cirilino Pimenta, Cônsul do Japão. Às sete horas e meia da noite, no SALÃO BONAPARTE do CONSULADO DA CHINA, em Fortaleza, presentes os senhores abaixo assinados, foi dada a palavra ao orador oficial, Francisco de Freitas Guimarães, o qual, subindo à tribuna, fez uma belíssima preleção sobre a Classificação das Ciências, segundo o método positivo, fundado pelo grande reformador Augusto Comte. Ao terminar foi o orador aplaudido pelo seleto auditório. Nada mais havendo a tratar e ninguém querendo mais usar da palavra, foi encerrada a sessão, da qual, para constar, lavrei a presente ata, em que me assino com o Sr. Presidente e mais pessoas presentes. *Cirilino Pimenta*, Cônsul do Japão; *Euclides Alres*, Secretário do Consulado da China; *Pedro Artur de Vasconcelos1* Embaixador da Criméla; *Aniceto Maia; Clóvis de Araújo; Otávio Bomfim*, Cônsul da Hotentócia; *Leonardo M. Filho; João Barros Cavalcante; A. Costa; Paulo Domingues; Antônio Mesiano; André Lino Pereira; Luís Marinho de Andrade; José de Castro Mota; Sócrates Sobreira; Jaime de Alencar; Epaminondas Cavalcanti; Raimundo Brandão Cela; Boanerges Viana do Amaral; Francisco Evangelista de Oliveira; Luís Ernesto de Andrade; Eleutério Marcos; José Maria da Conceição; Soares Bulcão; Américo Facó; Antônio Banhos Sobreira; Gustavo Barroso*, Mandarim-Cônsul".

Casa do Consulado da China, à rua Major Facundo, Fortaleza.
Croquis de memória por Gustavo Barroso.

O ATENTADO CONTRA SILA RIBEIRO

Fiz ainda no Consulado segunda conferência, repetindo a que pronunciara na Fênix Caixeiral sobre o Descobrimento da América, em sessão presidida pelo Dr. Manuel Moreira da Rocha(1) e a convite de Prisco Cruz. Após essa conferência, o Dr. Cláudio Costa Ribeiro, meu amigo, engenheiro da Inspetoria de Secas, aconselhou-me:

Vá para o Rio de Janeiro. Não se estiole aqui.

Li também um conto, estampado, depois, no "Jornal do Ceará" e que, refundido, é "A Mentira" com que inicio o livro "Pergaminhos". Realizaram-se no SALÃO BONAPARTE outras conferências: a de Euclides Aires sobre *Partidas Dobradas*; a de Edgard Sabóia Ribeiro sobre o *Sistema Baudot* a de Otávio Bomfim sobre *Curiosidades Matemáticas*: *e a* de José Lopes de Aguiar sobre *Camões* e a *Língua Portuguesa*. Mandarim-Cônsul, presidi essas sessões de cabaia amarela e barrete chim à cabeça. Na idade madura, fui cônsul de verdade: durante alguns anos, Cônsul Geral da Venezuela no Rio de Janeiro.

Nos dias em que não estava ocupado com esses variados assuntos espirituais e educativos, o Consulado era foco de divertidíssimas brincadeiras. Se chovia durante a noite, tapávamos com uma esteira o boeiro do quintal do Pedro Frota, por onde se escoavam as águas pluviais do quarteirão(2). A rua ficava toda inundada. Não se podia atravessá-la. De calções de banho, transportávamos às costas, pela manhã, os transeuntes dum lado para outro, a duzentos réis. Eduardo Studart, meu colega na Câmara Federal e meu amigo, muitas vezes transpôs aquele passo nas minhas costas por dois tostões. A féria pagava uma ceiata de mortadela, sardinhas e vinho Colares. Quando fazia luar, não se acendia a iluminação pública. Às vezes, nuvens espessas toldavam a face da lua e a cidade mergulhava na escuridão. Então, saíamos nus e esgrimíamos com as velhas espadas do Império em plena rua. Atraída pelo tinido das lâminas de aço, a ronda de cavalaria vinha a galope. Escondíamo-nos rapidamente em casa. Os soldados examinavam os arredores silenciosos. Tudo parecia adormecido. Nem uma luz nas casas. Iam embora meio desconfiados e, mal se afastavam um quarteirão, recomeçava o duelo furioso. Voltavam na carreira, com as ferraduras dos cavalos chispando nas pedras do calçamento. Não encontravam ninguém e acabavam certos de que eram almas do outro mundo. Aquele trecho da Major Facundo tomou fama de mal assombrado.

Logo adiante, no centro da arenosa praça do Livramento, hoje ajardinada e chamada do Carmo, erguia-se uma igreja inconclusa, envolta em andaimes. Edgard Ribeiro, Euclides, Epaminondas e eu saíamos tarde da noite do Consulado, em pijama, sobraçando uma trouxa, e subíamos aos andaimes abandonados. Eu vestia uma velha fantasia carnavalesca de almirante e Edgard enrolava-se num lençol. Os outros escondiam-se com as mãos cheias de pedaços de tijolo e cacos de telha. Na noite tranqüila e calada, o almirante espectral surgia lá em cima, perto da torre, hirto como se comandasse uma batalha naval no passadiço da capitânia, tendo ao lado o vulto branco, que parecia o acompanhamento da morte. Se se avistava um transeunte nas proximidades, prolongados assobios chamavam sua atenção para a igreja. Levantava os olhos e dava com aquela cena inesperada. Sobre ele choviam pedradas. Abria o arco. Presenciamos com gozo as mais lindas carreiras deste mundo. Afinal, um dia "A República" estampou uma nota enérgica, chamando a atenção da polícia

---

1 – Pai do futuro Prefeito Acrísio Moreira da Rocha e Chefe do Partido Democrata, anti-aciolino. – M.S.A.

2 – Rua Major Facundo entre a Rua Pedro I e a Avenida Duque de Caxias. As águas ali eram abundantes, visto ter sido leito do riacho que, vindo da Praça Clóvis Beviláqua (ex-Visconde de Pelotas), se dirigia ao Parque da Liberdade (ex-lagoa do Garrote, onde hoje se acha a Cidade da Criança) para, daí, desembocar no riacho Pajeú, não muito distante. – M.S.A.

para o fato, já presenciado por diversas pessoas. Os andaimes foram ocupados militarmente. O almirante, a morte e os apedrejadores recolheram-se ao mistério de onde haviam saído.

Marcado pela gente do governo, ameaçado de relho pelo órgão oficial em letra de forma, esperava ser surrado qualquer noite pela polícia. Tomei providências para evitar isso. Disseminados pela cidade, os Consulados ofereciam-me asilo a cada passo. Muitas vezes dormi em um ou outro deles. Outras, quando os capangas me esperavam na rua Major Facundo, entrava pela Formosa(3) ou por ela saía, pulando o muro do Consulado do Japão. Isso forçou-me a andar à noite quase sempre disfarçado. Tornei-me um mestre em percorrer as ruas como mendigo, embarcadiço ou capanga policial. Dentada de cão cura-se com seu próprio pelo. O Consulado transformou-se em verdadeiro camarim de teatro.

Fiz a primeira experiência à custa de meus amigos Ramos Cotoco e Antônio Rodrigues. Ramos era pintor de letreiros e decorador. Faltava-lhe o braço direito e trabalhava como canhoto. Daí seu apelido. Muita inteligência e grande habilidade. Poeta nas horas vagas. Um coração de ouro. Sempre de chapéu desabado, gravata a La Vallière, calças que chegavam ao peito como emendadas ao colete, flor à lapela e charuto, copiava a indumentária dos *rapins* de Montmartre. Antônio Rodrigues fazia retratos a crayon e assinava-os *A. Roiz*. Por isso, alguns o alcunhavam *Arroz*. Tinha talento e era um grande lutador de alma ingênua e pura. Vestia-se mais ou menos como o outro. Aos domingos, passeavam com ternos de estopa, por originalidade. Todas as noites, sentavam-se, fumando e conversando, num banco da praça do Ferreira em frente da Empresa Telefônica(4). Muito amigo de ambos, às vezes dava-lhes ali dois dedos de prosa.

---

3 – Hoje Barão do Rio Branco. – M.S.A.

4 – Prédio ainda existente hoje, embora reformado, que tem os nºs 611 e 615 da Rua Floriano Peixoto. A Empresa Telefônica correspondia à sua banda sul, que temo nº 615. – M.S.A.

Uma feita, vesti uma roupa velha e esfarrapada, pus à cabeça um gorro sebento e esfreguei na cara uma mistura de opiato de Lubin, pasta vermelha para dentes, com pó de sapato. Ao pescoço, com uns sombreados de cortiça queimada, fingi escrófulas. Enterrei um cachimbo nos queixos e rumei para a praça do Ferreira, gingando como um embarcadiço. Os dois artistas parolavam no banco do costume. Sentei-me de chofre entre ambos, rosnando com voz estrangeirada:

– Com licença!

Baforei-lhes as caras com o fumo acre do cachimbo. Ficaram estarrecidos. Trocaram sinais com os olhos. Senti que tinham medo. Abri o casaco de modo a mostrar o cabo da faca no cós. Levantaram-se e caminharam depressa para o Café Elegante, do José Leopoldino, à esquina da praça(5). Acompanhei-os e tive o desplante de entrar no café iluminado, sentar-me a uma mesa, em frente deles, e pedir um cálice de gin. Sem coragem sequer de levantar os olhos, chamaram o dono da casa e cochicharam com ele. José Leopoldino veio perguntar-me:

– O senhor é de bordo?

Lembrei-me do vapor da Booth Line que carregava no porto e respondi:

– Do "Hilary"

– O senhor tem alguma cousa contra aqueles moços?

Disse ao José em voz baixa quem era, pedindo-lhe guardasse segredo e não risse. Combinamos rapidamente um plano. Ele intimidaria ambos, dizendo-lhes que o marinheiro se achava desconsiderado por terem deixado o banco, mal se sentara, e queria tomar-lhes satisfação. O melhor seria se escafederem para casa. Ramos Cotoco e Rodrigues abalaram enquanto ríamos como malucos. No dia seguinte, quando lhe contei a verdade, duvidaram. Para me acreditarem, foi necessário o testemunho do José Leopoldino.

Meus disfarces permitiam-me andar pela cidade toda e divertir-me à noite, nas barbas da polícia aciolina. Em geral,

---

5 – Existente até 1920 na esquina sudeste da Praça do Ferreira. – M.S.A.

vestia-me como os *cabras* do comandante Raimundo Borges e do coronel Carneiro da Cunha: descalço, calças de uniforme, camisa de braços arregaçados, chapéu de couro, faca no cós e cacete na mão. Certa noite, achava-me assim, sentado nos degraus do adro do Coração de Jesus, quando dois outros mestiços, vestidos como eu, me rodearam e um me disse:

– Sou o cabo Israel. Quem é você? Que está fazendo aqui?

Retorqui com a maior presença de espírito:

– Não tenho contas que lhe dar. Estou a serviço do coronel Carneiro da Cunha. É melhor não atrapalhar o que tenho a fazer.

Tocaram nos chapéus e sumiram-se à sombra das mongubeiras para o lado do convento dos Franciscanos(6).

Minha audácia subiu ao ponto de ir sozinho aos lugares mais perigosos e de divertir-me, fazendo medo a muita gente. Uma noite, arranquei a faca à esquina de D. Pedro(7) e Formosa contra o Licínio Abdon, morto recentemente num desastre da Central,(8) onde era empregado. O pobre rapaz, álgido do susto, implorou:

– *Seu* soldado, não me mate!

– Não mato, não, *seu* tolo! Passe-me uns cigarros.

Deu-me o maço e os fósforos. Quando me reconheceu, ficou furioso com o logro. Encontrei um homem de coragem nessas excursões noturnas, o farmacêutico Rodrigues de Andrade, que escrevia desabusadamente contra o governo. Escondido na sombra densa de antiga castanholeira, no meio do boulevard Duque de Caxias, em frente à praça do Livramento, chamei-o quando por ali passava só, tarde da noite. Aproximou-se. Descasquei a faca e ordenei:

– Passe-me cigarros e fósforos!

Levando a mão no bolso do revólver, replicou com toda a calma:

---

6 – Início da Rua Barão de Aratanha, ex-da Cruz. Esquina sudoeste desta artéria com a Avenida Duque de Caxias. O Autor se refere aos Capuchinhos, que também são discípulos de São Francisco. – M.S.A.
7 – Hoje Rua Pedro I. – M.S.A.
8 – O Autor refere-se à Central do Brasil, no Rio de Janeiro. – M.S.A.

– Venha buscar, se é homem!

Dei-me a conhecer e soltou uma gargalhada, repetindo:

– Esperava tudo, menos isso!

Fomos juntos até sua casa, onde tomamos café.

Assim, ia eu trabalhar na redação do jornal e fazer reportagens, escapando da surra clássica, à noite ou ao escurecer, em todos os meus antecessores, como Antônio Clementino e Américo Facó.

Uma vez por outra, Euclides Aires e Edgard Ribeiro, trajados do mesmo modo, acompanhavam-me. Reunidos uma noite à esquina da casa de D. Angélica Barbosa, no cruzamento das ruas de D. Pedro e Boa-Vista(9), chamamos Joaquim Markan para nos dar cigarros. Viviam na república de Sila Ribeiro os irmãos José e Francisco Alves Nogueira, vindos de Guaramiranga, numa casinha de porta e janela vizinha do Consulado do Afeganistão de Caubi Ribeiro. Era meu amigo e colega na Faculdade e no jornal. Escrevera naquele dia tremendo suelto contra o governo e confessara a Markan estar certo de apanhar. Nem ele, nem os companheiros possuíam uma arma para se defenderem.

De posse dessas informações, fomos até lá. Batiam onze horas no fanhoso relógio da Intendência Municipal(10). A rua parecia um cemitério, mergulhada num sono de pedra. Batemos com força na rótula da casa do Sila. Pensávamos somente em assustá-lo e, depois, nos daríamos a conhecer para rirmos juntos. Markan precedera-nos e avisara que um grupo de capangas se achava na esquina. Saíra e viera presenciar a façanha. A voz sumida do José Alves perguntou lá de dentro:

– Quem é que está batendo?

Respondi, engrossando a voz:

---

9 – Atualmente Rua Floriano Peixoto. – M.S.A.
10 – Velho sobrado, destruído na década de 1940, onde se sediavam a Prefeitura e o Fórum. Tinha frentes para as ruas Floriano Peixoto e Guilherme Rocha (olhando para a Praça do Ferreira) e para a Travessa Pará, hoje desaparecida coma derrubada do quarteirão. – M.S.A.

- É o cabo Juvêncio!

- Que é que o senhor deseja?

- É aqui que mora um tal de Xila?

- Não senhor. Já se mudou e não sei para onde.

- Deixe de mentira, *seu* sujeito! Ele está aí dentro que nós vimos ele entrar. Bote ele para fora, senão eu e os dois soldados arrombamos a porta! Ande com isso! *Seu* coronel Carneiro da Cunha mandou tirar a passarinha dele pelas costas! Abra logo esta joça!

Riscamos as facas no meio fio do passeio. Dentro, foi então um desusado arrastar de móveis e um rumor de carreira, a que sucedeu profundo silêncio. Nas casas vizinhas, nem uma luz, nem um movimento. Alguns postigos entreabriram-se medrosos, mais longe. Chamamos o Sila, o José e o Francisco, dissemos nossos nomes e que estávamos brincando. Ninguém respondeu. Fomos embora, o Markan para casa, nós para o Consulado.

No dia seguinte, os irmãos Alves e o pessoal do Consulado do Afeganistão, Caubi Ribeiro, Paracampos e outros, apresentaram-se pela manhã na casa comercial do Filomeno Gomes, à praça do Ferreira(11), procurando o Markan para servir de testemunha principal na queixa que pretendiam apresentar em juízo contra a agressão noturna, o atentado à vida de Sila Ribeiro. Contaram o que se passara. Enquanto Sila pulava o muro para a república do Caubi, Zeca e Chico Alves barricavam a porta e a janela com o guarda-roupa e outros móveis. Receando que o ataque se estendesse ao Consulado do Afeganistão, o fugitivo preferiu passar para o quin-

11 - Conforme consta de planta divulgada no "Armário Cearense", para 1912, sob a responsabilidade do inditoso jovem José Mendonça Nogueira (seria assassinado dois anos depois), a casa comercial de Filomeno Gomes (pai de Pedro, Otávio e Markan) situava-se em um dos prédios da Prefeitura que, como sobradão da Intendência, formavam o quarteirão limitado pelas ruas Floriano Peixoto, Guilherme Rocha e Maior Facundo e pela Travessa Pará, hoje desaparecido. A casa do Filomeno Gomes olhava para a Praça e ficava entre a Livraria Araújo e a loja de J. Lopes e Cia. - M.S.A.

tal da residência do Delegado Fiscal, Azevedo e Sá, cujos cães quase o estraçalharam. Voltou à casa do Caubi mordido e arranhado. Amanhecera com febre. Markan caiu na gargalhada e confessou que tudo não passara duma brincadeira chefiada por mim. Retiraram-se furiosos e Sila Ribeiro jurou que me mataria na primeira ocasião. Evitei-o até passar o efeito da raiva e, depois, restabelecemos a antiga amizade, rindo-nos muitas vezes ao recordarmos a aventura.

Malgrado minhas precauções, não me era possível continuar mais em Fortaleza. Violenta discussão com Carlos Câmara na imprensa e o que constantemente escrevia contra o governo teriam fatalmente como fim a surra policial ou cousa pior. Era forçoso emigrar, destino do cearense pela seca, pela pobreza ou pela política.

O retratista ao crayon Antônio Rodrigues.
Caricatura e xilografia de José Gil Amora no "O Garoto".

O ADEUS A TERRA NATAL

Ao raiar o ano de 1910, deixei a redação do "Jornal do Ceará". Escrevera um artigo de fundo sob o título *A derrocada*, mostrando a triste situação a que chegaria o país no regime do avacalhamento e da corrupção. Manuel Sátiro, que substituía o velho Agapito dos Santos, seu sogro, então ausente, na direção do órgão oposicionista, entendeu de fazer-lhe algumas modificações, enxertando-lhe trechos elogiosos à candidatura do Marechal Hermes da Fonseca. Não concordei. Discutimos. Ele não quis que o artigo saísse e em tese, como o havia escrito, sim com as referências pessoais ao futuro presidente. Recusei-me a ceder e preferi retirar-me. Guardo em meu arquivo as provas tipográficas do artigo, com as correções do próprio punho de Manuel Sátiro. O caso decepcionou-me sobre a pureza de intenções de certos oposicionistas. Verifiquei que somente pensavam no *Ôte toi de là que je m'y mette*.

Mal acabei os exames vagos na Faculdade de Direito, corri para a serra de Baturité, de lá voltei e fui, com meu primo João Nunes, para a Jucurutuoca.(1) Dei ainda um pulo ao sertão. A 15 de abril, embarquei no vapor "Olinda" para o Rio de Janeiro. Despedi-me entre lágrimas de minha velha avó e de minhas bondosas tias, no sobrado da rua Major Facundo(2), onde fora criado. Em companhia de meu pai, desci à praia pela rua Sena Madureira(3). Soprava o vento da tarde, agitando devagarinho os ramos das velhas castanho-

1 – Corruptela de jucurutuoca, cara do corujão. – M.S.A.

2 – Hoje desaparecido, como o vizinho do lado norte, para a construção de outro prédio. Este ostenta duas numerações, 160 e 170 da Rua Major Facundo. – M.S.A.

3 – Nessa época, a velha Rua de Baixo tinha uma só denominação da praia é Lagoa do Garrote, depois Parque da Liberdade, onde se acha a Cidade da Criança. Hoje tem três nomes diferentes. O trecho a que o Autor se refere é a Avenida Alberto Nepomuceno. – M.S.A.

leiras da rampa do quartel(4). Atrás de nós, caminhava o carregador Décio, que eu conhecia desde pequenino, com minha mala na cabeça. Na Ponte Metálica, esperava-me a rapaziada dos vários consulados para o último abraço. Meu pai abençoou-me e beijou-me, emocionado. Saltei lepidamente no escaler do velho Vicente Fonseca.

Enquanto viveu, era esse antigo catraeiro quem me embarcava e desembarcava no porto do Ceará. Humilde homem de bem, vivia de seu árduo trabalho e somente conheceu o descanso no túmulo.

Apesar de inculto, tinha boas maneiras e exprimia-se com desembaraço e propriedade de linguagem.

Quando o saudoso Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança visitou Fortaleza, procurou-o no hotel onde se hospedara e disse-lhe:

– Alteza, fui eu quem desembarcou seu Augusto Pai, o sr. Conde d'Eu, quando veio ao Ceará. Agora, vim ver com prazer o filho. As opiniões mudaram, mas os corações continuam os mesmos.

Não era possível a um homem do povo exprimir-se com maior sentimento e nobreza.

No portaló do "Olinda", entreguei a passagem ao dispenseiro, que me mostrou meu camarote. Ficava no corredor de baixo e nele já arrumavam suas malas dois companheiros de viagem até o Rio de Janeiro: o judeu Aquiles Boris e meu amigo Júlio Caminha, estudante de odontologia. Ocuparam os dois beliches. A mim coube o sofá.

Estive sentado num banco do convés, contemplando o panorama da cidade, das matas escuras do Cocó(5), às barreiras avermelhadas do morro do Moinho(6), coroadas pelas agitadas casuarinas do cemitério(7). As torres caiadas das igrejas espetavam o azul puro do céu. As curvas brancas das praias,

4 – Quartel da Guarnição do Exército àquela época e hoje sede da 10ª Região Militar. – M.S.A.

5 – Zona sudeste da cidade. – M.S.A.

6 – Zona noroeste da cidade. – M.S.A.

7 – Cemitério de São João Batista. – M.S.A.

do Mucuripe ao Arpoador(8), enfeitavam-se com as rendas das espumas do mar. Desde a infância, meus olhos estavam habituados àquele cenário. Tocou a sineta para o jantar e o navio se pôs em marcha, quando ainda estávamos à mesa.

Ao subir de novo à coberta, transpuséramos já a ponta do Mucuripe, mergulhada no Atlântico. Nos cinzeiros crepusculares, branquejavam as dunas do Sabiaguada, emolduradas de coqueirais, e avultava, mais longe, arroxeado, o serrote do Mataquiri. A noite derramou rapidamente em tudo suas tintas negras. Ao alto, começaram a luzir as constelações e o pelo-sinal do Cruzeiro indicou o rumo do Sul. Desci para o camarote e adormeci no sofá estreito, embalado pelas vagas do largo.

Acordei de repente, como assustado. O judeu roncava de papo para o ar, no beliche inferior. O Júlio Caminha ressonava devagarinho, no de cima. Fazia calor. Abri a vigia e pus a cabeça de fora. Na treva, o oceano chorava, rasgado pela proa do paquete. O vento salino açoitou-me os cabelos. Ao longe, uma luz avermelhada pisca-piscava ritmicamente dentro da noite. Calculei que devia ser o farol do Aracati. E pensei que, em breve, estaríamos longe da costa cearense.

Só então compreendi, e senti o passo que dera. Deixava para trás e para sempre a melhor parte de minha vida, minha infância, minha adolescência, minha primeira mocidade, minha terra, minha família, meus amigos, meus pobres objetos pessoais, tudo com que vivera e me habituara, a natureza em cujo seio me fizera, as paisagens aguardadas em meus olhos, a gente com quem me irmanara na mesma tradição e nos mesmos sentimentos, tudo o que amara. Ia enfrentar o desconhecido, as lutas em terras estranhas, as influências de outros meios, sem dinheiro e sem proteção, sozinho, sozinho, contando unicamente comigo. Que seria de mim?

Deitei-me de bruços no sofá e comecei a chorar, abafando os soluços para não acordar os outros.

---

8 - Litoral oeste da cidade. - M. S. A.

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

1. IRACEMA – José de Alencar – Edição fac-similada; UFC – 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA – Raimundo Girão – UFC – 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS – Esperidião de Queiroz Lima – Reedição da 2ª parte do livro ANTIGA FAMÍLIA DO SERTÃO – UFC – 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO – Francisco Carvalho – UFC – 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS – Moreira Campos – 4ª Edição – UFC, 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1985.
7. O NORTE CANTA – Martins d'Alvarez – 2ª Edição – UFC – 1985.
8. TIBÚRCIO – O GRANDE SOLDADO E PENSADOR – Eusébio de Sousa – Edição Especial – UFC – 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO – Paulo Elpídio de Menezes – 2ª Edição – UFC – 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS – Lauro Ruiz de Andrade – UFC – 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1985.
12. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – 2ª Edição – UFC – 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS – F. Alves de Andrade – UFC – 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS – Cruz Filho – UFC – 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS – Antônio Martins Filho – UFC – 1987.
16. GUSTAVO BARROSO - SOL, MAR E SERTÃO – Eduardo Campos – UFC – 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA – Francisco Carvalho – UFC – 1989.
18. POESIAS – 2ª Edição – Filgueiras Lima – UFC – 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR – Ingrid Schwamborn – UFC – 1990.
20. LITERATURA SEM FRONTEIRAS – Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim – UFC – 1990.
21. UFC & BNB – Educação para o Desenvolvimento – Antônio Martins Filho – UFC – 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE – Joaryvar Macedo – 2ª Edição – UFC – 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA – Angela Gutiérrez – UFC – 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ – Manuel Albano Amora – UFC – 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS – F.S. Nascimento – UFC – 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL – Wilson Fernandes – UFC – 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR – CONTOS E CRÔNICAS – José Murilo Martins – UFC – 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA – MEMÓRIA & LITERATURA – Carlos d'Alge –UFC – 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES – Carlos Gildemar Pontes – UFC – 1991.
30. REINCIDÊNCIA – Cláudio Martins –UFC – 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA – Antônio Bezerra de Menezes – Introdução e Notas de Raimundo Girão – UFC – 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIPE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo – UFC – 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO – Teoberto Landim – UFC – 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – UFC – 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES – Francisco Carvalho – UFC – 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ – O POVOAMENTO – Vinícius Barros Leal – UFC – 1993.

39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO – ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO – André Haguette (Organizador) – UFC – 1993.
40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA – Mozart Soriano Aderaldo – UFC – 1993.
41. ANDANÇAS E MARINHAGENS – Linhares Filho – UFC – 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA – Tácito Theophilo – UFC – 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS – Antônio Girão Barroso – UFC – 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA – Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador). – UFC – 1994.
45. O CÉU É MUITO ALTO – Lembranças – Blanchard Girão – UFC – 1994.
46. SONATA DOS PUNHAIS – Francisco Carvalho – UFC – 1994.
47. MAR OCEANO – Fran Martins – 2ª edição – UFC – 1994.
48. SEARA – Luciano Maia – UFC – 1994.
49. MEUS EUS – Pedro Henrique Saraiva Leão – UFC – 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL – Leonardo Mota – 2ª edição – Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo – UFC – 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1995.
52. PROSA DISPERSA – Newton Gonçalves – UFC – 1995.
53. O OUTRO NORDESTE – Djacir Menezes – UFC – 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA – Dimas Macedo – UFC – 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA – Lustosa da Costa – UFC – 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS – Francisco Carvalho – UFC – 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS – Antônio Sales – UFC – 1995.
58. MARÉ ALTA – Yolanda Gadelha Theophilo – Imprensa Universitária – 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA – F.S. Nascimento – UFC – 1995.
60. ELOGIO AOS DOUTORES E OUTRAS MENSAGENS – Antônio Martins Filho – UFC – 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira – UFC – 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS – Pedro Paulo Montenegro – UFC – 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS – Rubens de Azevedo – UFC – 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS – Ronald Câmara – UFC – 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS – José Newton Alves de Sousa – UFC – 1996.
68. POESIA COMPLETA – Aluízio Medeiros – UFC – 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS – Olga Stela Wouters – UFC – 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA – Willis Santiago Guerra Filho – UFC – 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS – Estudos e Expressões Estéticas – Vianney Mesquita – UFC – 1996.
72. A RUA E O MUNDO – Fran Martins – UFC – 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA – José de Figueiredo Filho – UFC – 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ – Sânzio de Azevedo – UFC – 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC – Antônio Martins Filho – UFC – 1996.
76. O ESPANTALHO – Pedro Rodrigues Salgueiro – UFC – 1996.
77. A GRAMÁTICA DOPALADAR - *Antepasto de velhas receitas* – Eduardo Campos – UFC.
78. RAÍZES DA VOZ – Francisco Carvalho – UFC – 1996.
79. MISCELÂNEA – de garoto sertanejo a médico cardiologista – Heládio Feitosa e Castro – UFC – 1996.
80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vládia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpídio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica – Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINHA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A Cia DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jáder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÔRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM - (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÁRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim - organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.
122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) – Otacílio de Azevedo – UFC – 1997.

123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTE SCHÖN* – Regine Limaverde – UFC – 1997.
124. O PACTO (Romance) – Stela Nascimento – UFC – 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO – João Alfredo de Sousa Montenegro – UFC – 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ – Herman Lima – UFC – 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS – José Alcides Pinto – UFC – 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ – Geraldo da Silva Nobre – UFC – 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO – Raimundo de Oliveira Borges – UFC – 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO – Oswald Barroso – UFC – 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
132. AUTORES CEARENSES – Joaquim Alves – UFC – 1997.
133. IMAGINANDO ERROS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (organizadores) – UFC – 1997.
134. O POÉTICO COMO HUMANIZAÇÃO EM MIGUEL TORGA – Linhares Filho – UFC – 1997.
135. DOIS DE OUROS – Fran Martins – UFC – 1997.
136. AUTA DE SOUZA – Jandira Carvalho – UFC – 1997.
137. NO *APRÈS-MIDI* DE NOSSAS VIDAS – Lustosa da Costa – UFC – 1997.
138. MAR VIOLETA, VIOLETA MAR – Fabiana Guimarães Rocha – UFC – 1997.
139. NÃO HÁ ESTRELAS NO CÉU – João Clímaco Bezerra – UFC – 1997.
140. SONETOS CEARENSES (poetas cearenses) – Hugo Victor – UFC – 1997.
141. IRACEMA – José de Alencar – UFC – 1997.
142. PIREU IDA E VOLTA & OUTRAS CRÔNICAS – Fran Martins – UFC – 1997.
143. UMA CHAMA AO VENTO – Braga Montenegro – UFC – 1997.
144. O DISCURSO CONSTITUINTE/Uma Abordagem Crítica – Dimas Macedo – UFC – 1997.
145. A ESCRITA ACADÊMICA (Acertos e Desacertos) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Vianney Mesquita – UFC – 1997.
146. A ESTRELA AZUL E O ALMOFARIZ: Exercícios de poesia e metapoesia – Horácio Dídimo – UFC – 1998.
147. RUA DA SAUDADE (POESIA) – Eduardo Fontes – UFC – 1998.
148. REMINISCÊNCIAS – Monsenhor José Quinderé – UFC – 1998.
149. A INSTITUIÇÃO NOTARIAL NO DIREITO COMPARADO E NO DIREITO BRASILEIRO – Regnoberto Marques de Melo Júnior – UFC – 1998.
150. CRÔNICAS DA MOCIDADE NO CEARÁ – Pires Saboia – UFC – 1998.
151. MÃO DE MARTELO E OUTROS CONTOS – Astolfo Lima Sandy – UFC – 1998.
152. A NOITE EM BABYLÔNIA E OUTROS RELATOS AO ETERNO - Poesia – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1998.
153. ESTRELA DO PASTOR - Romance - Fran Martins - UFC - 1998.
154. A BORBOLETA ACORRENTADA-Contos-Eduardo Campos-UFC-1998.
155. HISTORIA ABREVIADA DE LA UFC-Antonio Martins Filho-UFC-1998.
156. GRACILIANO RAMOS-*Reflexos de Sua Personalidade na Obra*-Helmut Feldmann-UFC-1998.
157. OS CAMINHOS DA MUNICIPALIZAÇÃO NO CEARÁ-*Uma Avaliação*- André Haguette e Eloísa Vidal *(Organizadores)*-UFC-1998.
158. O CRUZEIRO TEM CINCO ESTRELAS-Romance-Fran Martins-UFC-1998.
159. MÉDICOS ESCRITORES E ESCRITORES MÉDICOS DA UFC - Geraldo Bezerra da Silva - UFC - 1998.
160. A VOLTA DO INQUILINO DO PASSADO - Segunda Locação - Memórias - Eduardo Campos - UFC - 1998.
161. O LIMO E A VÁRZEA - Poesia - Regine Limaverde - UFC - 1998.
162. TERRA BÁRBARA - Poesia - Jáder de Carvalho - UFC - 1998.
163. A GUERRA DOS PANFLETOS - História - Waldy Sombra - UFC - 1998.
164. ROMANCE DA NUVEM PÁSSARO - Poesia - Francisco Carvalho - UFC - 1998.
165. NOTÍCIA DO POVO CEARENSE - História - 2ª Edição - Yaco Fernandes - UFC - 1998.
166. A ÚLTIMA TESTEMUNHA - Romance - Elano Paula - UFC - 1998.
167. A INVENÇÃO DO DISCURSO AMBIENTAL - Ecologia - Eduardo Campos - UFC - 1998.
168. URBANIDADE E CULTURA POLÍTICA-*(A cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX)*-José Ernesto Pimentel Filho-UFC-1998.
169. PEDRAS DO ARCO-ÍRIS OU A INVENÇÃO DO AZUL NO EDITAL DO RIO -Poesia-Barros Pinho-UFC-1998.
170. CONTAGEM PROGRESSIVA-Reminiscências da Infância-Memórias-Caio Porfírio Carneiro-UFC-1998.
171. RACHE O PROCÓPIO! - Crônicas-Lustosa da Costa-UFC-1998.
172. O VENDEDOR DE JUDAS - Contos - Tércia Montenegro - UFC - 1998.
173. A CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA - Ensaios - José Filomeno de Moraes Filho - UFC - 1998.
174. ALMA DE POETA - Poesia - Eduardo Fontes - UFC - 1998.
175. ESTUDOS TÓPICOS DE DIREITO ELEITORAL - Ensaios - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
176. SALA DE RETRATOS - Poesia - Marly Vasconcelos - UFC - 1998.
177. A CONCHA IMPOSSÍVEL - Poesia - Napoleão Maia Filho - UFC - 1998.
178. RASGANDO PAPÉIS - Memórias - Tacito Theophilo Gaspar de Oliveira - UFC - 1998.
179. CRATO: LAMPEJOS POLÍTICOS E CULTURAIS - História - F. S. Nascimento -UFC - 1998.
180. NA TRILHA DOS MATUIÚS - Contos - José Costa Matos - UFC - 1998.
181. NADA NUEVO BAJO EL SOL - Novela - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1998.
182. GENTE NOVA - (Notas e Impressões) - Crítica - Mário Linhares - UFC - 1998.
183. TEMAS DE DIREITO ADMINISTRATIVO E TRIBUTÁRIO - Napoleão Nunes Maia Filho - UFC - 1998.
184. O GUARANI ERA UM TUPI?-*Sobre os romances indianistas O Guarani, Iracema, Ubirajara de José de Alencar*-Ingrid Schwamborn-UFC-1998.
185. A PRESENÇA DA POESIA NO MUNDO DOS NEGÓCIOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1998.
186. NORTE MAGNÉTICO - Poesia - Sérgio Macedo - UFC - 1998.
187. REVOLUÇÃO POR CONSENTIMENTO - Valores ético-sociais do empresariado - União pelo Ceará político - 1962/CIC-1978 - José Flávio Costa Lima - UFC - 1998.
188. CANTO IMATERIAL - Poesia - Vanderley Moreira - UFC - 1998.
189. POR UM FIO - Contos - Sandra Maia - UFC - 1999.
190. ERA UMA VEZ - Poesia - Karla Karenina - UFC - 1999.
191. O PORTAL E A PASSAGEM - Poesia - Beatriz Alcântara - UFC - 1999.
192. POÇO DOS PAUS - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
193. CAPISTRANO DE ABREU - Biobibliografia - José Aurélio Saraiva Câmara UFC - 1999.
194. UNIVERSIDADE - Caminho para o desenvolvimento - José Teodoro Soares - UFC - 1999.
195. PONTA DE RUA - Romance - 2ª Edição - Fran Martins - UFC - 1999.
196. MELANCHOLIA - (Antologia) - Sociedade de Belas Letras & Artes Academia da Incerteza - UFC - 1999.
197. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos)- VOL I - Eduardo Campos - UFC - 1999.
198. TEATRO - (Teatro Completo de Eduardo Campos) -VOL II - Eduardo Campos - UFC - 1999.
199. Para uma FILOSOFIA da FILOSOFIA (Conceitos de Filosofia) - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1999.
200. CAMINHOS ANTIGOS E POVOAMENTO DO BRASIL - 3ª Edição - J. Capistrano de Abreu - UFC - 1999.
201. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume I) - UFC - 1999.
202. O GUARANI - José de Alencar - Romance - (Volume II) - UFC - 1999.

203. CARLOS BASTOS TIGRE- *O Guardião das Árvores* (Centenário) - Ilka Tigre/Organizadora - UFC - 1999.
204. NORDESTE MÍSTICO-Império da Fé - *Ensaio sobre manifestações da religiosidade popular, no folclore e do sincretismo religioso do Nordeste* - Vilma Maciel e Célia Magalhães - UFC - 1999.
205. ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO - J. Lindemberg de Aquino - UFC - 1999.
206. BRASIL, A EUROPA DOS TRÓPICOS - *500 anos rumo à Civilização Trópico-Equatorial*- Caio Lóssio Botelho - UFC - 1999.
207. VOZES DO SILÊNCIO - Poesia - Cecília Bossi - UFC - 1999.
208. ESTÂNCIA CEARENSE - Poesia - Márcio Catunda - UFC - 1999.
209. A SHORT HISTORY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CEARÁ (UFC) – Antônio Martins Filho – UFC – 1999.
210. O ELEFANTE E OS CEGOS – José Anchieta Esmeraldo Barreto, Rui Verlaine Oliveira Moreira (*Organizadores*) – UFC – 1999.
211. MANIPUEIRA – Contos – Fran Martins – UFC – 1999.
212. REENCONTRO – Contos – Glória Martins – UFC – 1999.
213. LOUVADO SEJA TAMBÉM O PEIXE (crônicas) – Ciro Colares – UFC – 1999.
214. A LEI 4.320 – COMENTADA AO ALCANCE DE TODOS (Direito Financeiro) – Afonso Gomes Aguiar – UFC – 1999.
215. DIREITO PROCESSUAL – QUATRO ENSAIOS – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 1999.
216. CANTOS DA ANTEVÉSPERA – Sânzio de Azevedo – UFC – 1999.
217. NOITE FELIZ (Contos) – Fran Martins – UFC – 1999.
218. O PRANTO INSÓLITO – Eduardo Campos – UFC – 1999.
219. PALAVRAS AOS QUE AINDA OUVEM (Discursos) – Raimundo Bezerra Falcão – UFC – 1999.
220. LUSO-BRASILIDADES - NOS 500 ANOS – Dário Moreira de Castro Alves – UFC – 1999.
221. FEITOSAS - GENEALOGIA - HISTÓRIA - BIOGRAFIAS - Aécio Feitosa - UFC - 1999.
222. CANUDOS - Poema dos Quinhentos - Carlos Newton Júnior - UFC - 1999.
223. PERSONAS - Notas de Um Bibliófilo Cearense - José Bonifácio Câmara - UFC - 1999.
224. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: Em busca da operacionalização - Manoel do Nascimento Barradas (Organizador) - UFC - 1999.
225. COMEÇAR DE NOVO: Romance - Elano Paula - UFC - 1999.
226. COMO ME TORNEI SEXAGENÁRIO - Lustosa da Costa - UFC - 1999.
227. PODER JUDICIÁRIO - A Reforma Administrativa Possível (Algumas Reflexões) - Cândido Bittencourt de Albuquerque - UFC - 1999.
228. ORÁCULO - Magdalena Sá - UFC - 1999.
229. CHICO CALDAS, O Patriarca de Viçosa do Ceará - João Severiano Caldas da Silveira - UFC - 1999.
230. UMA VIDA CONTRA HITLER - Hermann M. Görgen - UFC - 1999.
231. A CONCHA E O RUMOR – Francisco Carvalho – UFC – 2000.
232. NARRADORES DO PADRE CÍCERO: DO AUDITÓRIO À BANCADA – Marinalva Vilar – UFC - 2000.
233. ESTUDOS TEMÁTICOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
234. ESTAÇÕES DE SONETOS – José Costa Matos – UFC – 2000.
235. NO RASTRO DO BOI: CONQUISTAS, LENDAS E MITOS – Francisco Ésio de Souza – UFC – 2000.
236. DERECHO CONSTITUCIONAL Y CONTROL DE CONSTITUCIONALIDAD EN LATINOAMÉRICA – Régis Frota – UFC – 2000.
237. A DECISÃO DE SATURNO (FILOSOFIA, TEORIAS DE ENFERMAGEM E CUIDADO HUMANO) – José Anchieta Esmeraldo Barreto e Rui Verlaine – UFC – 2000.
238. O AMIGO DE INFÂNCIA (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
239. COLHEITA TROPICAL: HOMENAGEM AO PROFESSOR DR. HELMUT FELDMANN – Antônio Martins Filho e Teoberto Landim (Organizadores) – UFC – 2000.
240. MAR OCEANO (CONTOS) – Fran Martins – UFC – 2000.
241. O CANADÁ É BEM ALI – Regine Limaverde – UFC – 2000.
242. AMOR NOS TRÓPICOS (Ensaios e seleta de poemas contemporâneos) – Beatriz Alcântara e Lourdes Sarmento (Organizadoras) – UFC – 2000.
243. AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS (3ª Edição) – Antônio Martins Filho – UFC – 2000.
244. A DESCOBERTA DO SABOR SELVAGEM – Eduardo Campos – UFC – 2000.
245. PSICOLOGIA DO POVO CEARENSE – Abelardo F. Montenegro – UFC – 2000.
246. HISTÓRIAS PARA PASSAR O TEMPO... – Lúcia Fernandes Martins – UFC – 2000.
247. FRANCISCO CARVALHO: UMA POESIA DE TANATOS E DE EROS – Mailma de Sousa – UFC – 2000.
248. MUNDO PERDIDO – Fran Martins – UFC – 2000.
249. A PRÓXIMA ESTAÇÃO (ROMANCE) – Teoberto Landim – UFC – 2000.
250. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (1º VOLUME) – CORAÇÃO DE MENINO – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
251. ESTUDOS PROCESSUAIS SOBRE O MANDADO DE SEGURANÇA – Napoleão Nunes Maia Filho – UFC – 2000.
252. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (2º VOLUME) – LICEU DO CEARÁ – Gustavo Barroso – UFC – 2000.
253. A SEARA DE SANTIAGO NO BRASIL – Adauto Leitão – UFC – 2000.
254. O CURIOSO: NA TRILHA DAS ALMAS – Heloisa Helena Caracas de Souza – UFC – 2000.
255. IDÉIAS E PERSONALIDADES NA PASSAGEM DO MILÊNIO – Mauro Benevides – UFC – 2000.
256. MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO (3º VOLUME) – O CONSULADO DA CHINA – Gustavo Barroso – UFC – 2000.

A presente edição de **O Consulado da China** de autoria do escritor Gustavo Barroso, constitui o 3º tomo das MEMÓRIAS do eminente escritor cearense.

O texto está enriquecido com Notas do escritor e historiador cearense Mozart Soriano Aderaldo, nome da mais alta expressão das letras cearenses, extraídas da copiosa bagagem literária divulgada em preciosos livros de sua autoria, como, por exemplo, **História Abreviada de Fortaleza**, **Crônica sobre a Cidade Amada** e também nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras.

Referidas Notas enriquecem a 2ª edição do livro publicado em 1989, pelo governo do Estado do Ceará - MEMÓRIAS DE GUSTAVO BARROSO, contendo **Coração de Menino**, **Liceu do Ceará** e **O Consulado da China**, obra essa hoje completamente esgotada.

Com o patrocínio da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), as três obras serão reeditadas pelo Programa Editorial da Casa de José de Alencar, separadamente em meses sucessivos.

Os Editores

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL